



Guriatã

REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DE ITABUNA



Guriatã

REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DE ITABUNA

Março de 2025 – Nº 6 – ISSN 2446-5615

Bahia, Itabuna
2025

Copyright © 2025 by Academia de Letras de Itabuna (ALITA)

Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada
ou reproduzida por qualquer meio sem autorização
por escrito dos autores.

Presidente da Academia de Letras de Itabuna

Raquel Silva Rocha

Diretor da Revista

Clóvis Silveira Góis Júnior

Conselho Editorial

Ceres Marylise Rebouças de Souza

Clóvis Silveira Góis Júnior

Maria Luiza Nora de Andrade

Raquel Silva Rocha

Revisão textual

Ceres Marylise Rebouças de Souza

Maria Luiza Nora de Andrade

Diagramação

Elimarcos Santana

Serviço Editorial

Via Litterarum Editora

Rua Frederico Maron, 299 - Térreo - Centro

Ibicaraí - Bahia - Brasil - CEP: 45745-000

www.viaeditora.com.br

A ideia do nome Guriatã para a revista e a da capa
e contracapa com o pássaro é do acadêmico Cyro de Mattos.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

Guriatã - Revista da Academia de Letras de Itabuna. n. 6, (2025).

Publicação da Academia de Letras de Itabuna (ALITA). Itabuna-Ba-

hia: Libri Editorial, julho de 2020.

280 p.: il.; 15x22cm

ISSN: 2446-5615

1. Literatura brasileira. 2. Contos. 3. Poesia. 4. Poemas. I. Título.

CDU 82.34; 82-1; 7.04

Sumário

Apresentação 11
Clóvis Silveira Góis Júnior

Ensaio

Narrativas dentro do seu marco: Herberto Sales 15
Heloísa Prazeres

Contos dos Anos terríveis 28
Cyro de Mattos

As singularizações de uma escrita em *Trilogia curta da vida breve*, de Adroaldo Almeida 34
Ana Maria de Bulhões-Carvalho

Estratégia e invenção. A viagem de Orixalá, entre texto e paratexto 53
Maria de Lourdes Netto Simões

Artigos

Origem da cidade de Itabuna 69
Lurdes Bertol Rocha

Nossa contemporânea Caverna de Platão 77
Celina Santos

As aporias da justiça brasileira: a crise de credibilidade do Supremo 79
Sérgio Habib

Contos

Os parceiros do mar	87
Cyro de Mattos	
Vó Carminha	94
Ceres Marylise	
A vida no sítio	97
Joana Angélica Guimarães da Luz	

Crônicas Históricas e do Cotidiano

A enchente	103
Rilvan Santana	
Imagens do cotidiano	105
Ceres Marylise	
Terra que mana leite e mel	108
Clóvis Silveira Góis Júnior	
Coisas da Vida (ou de novo “O Homem Nu”)	115
Gustavo Cunha	

Resenhas

A poética do desamparo em ‘Infância com Bicho e Pesadelo’	121
Raquel Rocha	
Sonhos de Viver	124
Maria de Lourdes Netto Simões	
Cântico de insurgência e devoção	126
Maria de Lourdes Netto Simões	

Os atalhos e descaminhos na poesia de Ceres Marylise	128
Kleber Torres	

Dinheiro, poder e sangue: as disputas pelas terras do cacau no Sequeiro do Espinho	132
Luiz Cláudio Zumaêta Costa	

O Épica Brasileira de Sérgio Habib	138
Carlos Roberto Santos Araújo	

Poesias

Cyro de Mattos	145
Ruy Póvoas	149
Ceres Marylise	154
Maria Luiza Nora de Andrade (Baísa)	156
Sérgio Sepúlveda	158
Sérgio Habib	162
Gustavo Cunha	167
Rafael Gama	170

Discursos

Discurso de recepção aos novos membros: Eliabe Izabel Lima de Moraes, Sérgio José Campos Sepúlveda, Gustavo Cunha Carvalho e Rafael Gama Moreira	179
Raquel Rocha	
Discurso de posse	187
Sérgio Sepúlveda	
Discurso de posse	190
Gustavo Cunha Carvalho	

Discurso de posse	194
Eliabe Izabel Lima de Moraes	
25 anos da UNEB em Eunápolis - Ensino, Pesquisa e Extensão no Território do Descobrimento	202
Charles Nascimento de Sá	
Abertura dos trabalhos na Academia de Letras de Ilhéus - Castro Alves: o homem, o poeta, o mito	206
Ruy do Carmo Póvoas	
Recepção à Professora Doutora Maria de Lourdes Netto Simões	217
Ruy do Carmo Póvoas	
Discurso de posse na presidência da Academia de Letras de Itabuna - Biênio 2024/2025	225
Raquel Rocha	
Discurso proferido nas comemorações do centenário da Santa Casa de Misericórdia de Itabuna, em janeiro de 2017	232
Silvio Porto de Oliveira	
Homenagem ao Patrono	
Homenagem ao patrono da Cadeira 13 - Plínio de Almeida	247
Ruy do Carmo Póvoas	
Registros	
Palavras com alma: Posse dos novos membros da ALITA	253
Confraternização da Academia de Letras de Itabuna - 2023	254
Abertura do ano acadêmico de 2024	255
Cerimônia de posse da nova diretoria da Academia de Letras de Itabuna para o biênio 2024-2026	256
Sucesso na estreia do ALITA ENTRE VERSOS	258
Homenagem a Cyro de Mattos marca o 7º Encontro Amigos de Itabuna	260
Lançamento do livro Épica Brasileira de Sérgio Habib	262
II Sarau ALITA Entre Versos celebra cultura e literatura	263
A Academia de Letras de Itabuna homenageia Renée Albagli e a Santa Casa de Misericórdia de Itabuna com a Medalha Jorge Amado	265
A Academia de Letras de Itabuna celebra inauguração da Biblioteca Sônia Maron na Escola Pio XII	267
III Sarau ALITA ENTRE VERSOS homenageia Gil Nunesmaia	268
Margarida Cordeiro Fahel	
Nota de Repúdio	271
Portaria nº 3/2024 cria a comissão ALITA EM Ação	273
Quadro Social da Academia de Letras de Itabuna	277

Apresentação

A literatura é um eficiente recurso facilitador do processo de vislumbramento estético, pois desperta em nós a sensibilidade, a imaginação, a autonomia e o desenvolvimento do senso crítico. É possível educar a inteligência para discernir o belo. A melhor maneira de conhecer a dimensão pulcra é entrar em contato com ela. Todos precisam gozar dessa imersão, não obstante, apenas uma minoria tem a capacidade necessária para alcançá-la.

Nossa revista é um instrumento literário já consolidado, e tem se apresentado como uma valiosa e sensível ferramenta de captação do mundo em derredor, precipuamente os elementos auspiciosos, atraentes e deleitosos. A *Guriatã*, por meios dos seus articulistas, auxilia na contemplação, na percepção da graciosidade das coisas materializadas ou ocultas. A lavra, os olhares atentos e a acuidade dos escritores grapiúnas (natos ou naturalizados) têm-se demonstrado verdadeiros marcos referenciais na literatura baiana.

Os textos contidos nas seções Ensaios, Artigos, Contos, Crônicas, Resenhas, Poesias, Discursos, Homenagem ao Patrono e Registros foram subscritos pelos insignes Cyro de Mattos, Heloísa Prazeres, Ana Maria de Bulhões-Carvalho, Maria de Lourdes Netto Simões, Lurdes Bertol Rocha, Celina Santos, Sérgio Habib, Rilvan Santana, Ceres Marylise, Joana Angélica Guimarães da Luz, Clóvis Silveira Góis Júnior, Gustavo Cunha, Raquel Rocha, Kleber Torres, Cláudio Zumaeta, Ruy do Carmo Póvoas, Maria Luíza Nora de Andrade, Sérgio Sepúlveda, Rafael Gama, Eliabe Izabel Lima de Moraes, Charles Nascimento de Sá e Sílvio Porto de Oliveira.

Acertadamente arrazoou o rabi nazareno-galileu que "os olhos são a lâmpada do corpo", aduzindo ainda que "se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso"¹. Logo, pela ótica dos coautores, o legente terá a oportunidade de trilhar veredas que conduzirão a um belo firmamento repleto de doutos luminares.

A versatilidade e a competência do Conselho Editorial tornaram possível a composição do presente volume. O processo gestacional foi peremptório e envolveu os parâmetros exigenciais, o cômputo prazal, a coleta das composições, as ponderações textuais, as revisões e análises ortográficas e gramaticais de praxe e, por fim, as tratativas externas com a editora. Trabalho árduo, mas absolutamente prazeroso e enobrecedor. Um reconhecimento luzidio para Ceres Marylise, Maria Luíza Nora (Baísa) e Raquel Rocha.

Romancistas, ensaístas, contistas, cronistas, poetas e historiadores deixaram aqui suas impressões. Pois bem, honrado leitor, você possui em mãos a edição nº 6 da *Guriatã*. Aproveite, deguste, exalce!

Clóvis Silveira Góis Júnior
Diretor da Revista

Ensaaios

¹ Evangelho de Mateus, capítulo 6, verso 22.

Narrativas dentro do seu marco: Herberto Sales

Heloísa Prazeres*

1. Contextualização

Há mais de duas décadas, dediquei-me a trabalho que sugeria procedimentos construtivos, próprios da chamada *nova novela latino-americana*. Então, reuni enunciados considerados pertinentes a uma tradição do narrar continental, ilustrados com a obra de três autores baianos, Jorge Amado, *Terras do sem fim* e *Tocaia Grande: a face obscura*; Adonias Filho, *Corpo vivo* e *As velhas*; e Herberto Sales, *Cascalho*, *Além dos mrimbus* e *Os pareceres do tempo* (cf. PRAZERES, 2000). A condição dessas narrativas problematiza o encontro de povos e de suas culturas, constituindo-se como arquivos performáticos que armazenam elementos formativos da história nacional.

Compreendem essas estruturas, a ficção narrativa de criadores, como os citados, cuja matéria das obras reside na elaboração ficcional de um universo local ficcionalizado. Esses textos ocupam-se da memória viva e do comentário crítico, por exemplo, em Herberto Sales, sobre a preservação da antiguidade das culturas das Lavras Diamantinas ou da história entranhada no Recôncavo Baiano, visando ao destaque da dicção poética, da preservação da oralidade e da estrutura de suas formações históricas (cf. BURKE, 2010).

* Poeta e ensaísta, professora aposentada do IL, UFBA. Membro da Academia de Letras da Bahia e da ALITA - Academia de Letras de Itabuna. Coordenou o Núcleo de Referência Cultural da Fundação Cultural do Estado da Bahia. Publica ensaio e poesia. Seu mais recente trabalho intitula-se *O tempo não detém a vida*, poemas.

Nesta exposição, adoto a perspectiva comparatista do chamado transculturalismo (cf. ORTIZ, 1983), que estuda a escritura comprometida com a composição e a proclamação de suas raízes – teoria crítica sobre narrativas que se inspira nas propostas antropológicas do cubano Fernando Ortiz (1881-1969). Deve-se, contudo, a Ángel Rama (2008) a divulgação desse processo denominado *transculturação*, ou o reconhecimento da **hibridização**, como a maior contribuição da América Latina para o ocidente. Genericamente, são características desse tipo de escritura: multiplicidade de perspectivas; paródia; ficcionalização de personagens consagrados; anacronismos e intertextualidade (cf. RAMA, 2008). Mais recentemente, o professor, teórico gaúcho, Luís Augusto Fischer corrobora essas perspectivas de abertura dos horizontes da historiografia literária (cf. FISCHER, 2021).

O hibridismo supre a incapacidade de leitura das contradições da relação entre a tradição europeia e o mundo americano. José Aderaldo Castello (1974) já adverte que este debate se inicia no país na década de 1920, tendo cabido a Mário de Andrade grande parte de sua conceituação. Também Antonio Candido (1989) e Roberto Schwarz (1987) de um lado, e Silviano Santiago (2000) do outro, chamam atenção para um aspecto central na vida intelectual de países colonizados: como as ideias e os modelos europeus são assimilados, aclimatados, modificados, remodelados, em novas geografias e circunstâncias históricas. Todos esses estudiosos dedicaram a maior parte de suas carreiras ao desenvolvimento de interpretações das formações do Brasil.

Na base da modernidade do romance de Herberto Sales, encontram-se valores mestiços; elementos antropológicos, históricos, etnológicos e sociológicos, fundamentais da cultura e civilização brasileira. Essas narrativas de testemunho se impõem como vertentes que abrem um espaço de discussão para os dialetos sociais e regionais do português falado no Brasil. O substituto linguístico africano e ameríndio que modificou a língua portuguesa falada no Brasil está registrado nesse acervo

ficcional, assim como nos símbolos étnicos e culturais reveladores da presença africana e indígena nas Américas (cf. Gilberto Freyre, 1953); mundo literário, contextualizado por determinados saberes e tradições em universo fechado e distinto, na ficção e nas estruturas de sociedades, similares entre si.

Relembremos hoje, vinte e cinco anos após a morte de Herberto de Azevedo Sales (Andaraí, 21 set/1917 - Rio de Janeiro, 13 ago. / 1999), sua vida e obra, atualmente desconhecida do grande público: Herberto Sales fez estudos fundamentais em sua cidade, e o curso médio em Salvador; retornou a Andaraí, onde permaneceu até 1948 (31 anos). Trabalhou como oficial de cartório, comerciante e em funções ligadas ao garimpo, onde pôde observar, de perto, situações que descreveria em sua obra de estreia. Com a publicação de *Cascalho* (1944), seu nome aparece nos meios literários do país. Recebido pela crítica como um excelente romance regionalista que retratava o cenário e os habitantes da região, seu romance teria inaugurado o ciclo temático da mineração diamantífera, em que se fixam aspectos da vida dos garimpos – coronelismo, capangagem, explorações dos garimpos pelos donos de lavras. Voltado para o Brasil profundo, o livro representa a beleza dramática das Lavras Diamantinas, construída sob o diamante e vidas empenhadas nesta empresa épica. Após a circulação da obra, Herberto Sales sofreu ameaças de morte pelos “coronéis”, que se perceberam representados de maneira negativa no romance (cf. HACK, 2010).

Em 1948, o autor muda-se para o Rio de Janeiro, cidade onde se dedica ao jornalismo e à literatura. Aí reside até 1974 (viveu durante 25 anos, saiu aos 57 anos), foi jornalista, com atividade nos Diários Associados, na área da revista *O Cruzeiro*, da qual foi assistente de redação. Exerceu o cargo de diretor de outras unidades da mesma empresa. Em 1974 mudou-se para Brasília, onde foi por dez anos diretor do Instituto Nacional do Livro.

Herberto Sales foi eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1971 (54 anos). (Cf. ALVES, Ívia, 1979).

2. O *transculturalismo* em três narrativas

2.1 Cascalho (1944)

No seu primeiro romance *Cascalho* (1944) o autor enfatiza as relações sociais presentes naquele espaço. A obra inspira-se em aspectos do cotidiano, em torno da mineração diamantífera; o romance é considerado um dos últimos da temática regionalista da Geração de 1930 (cf. ALVES, 1979). Para o autor, a literatura devia desempenhar função de denúncia e questionamento social e promover conscientização e crítica em relação ao poder estabelecido. Nesse sentido, a sua literatura vincula-se a obras pioneiras, no gênero, de escritores como Romulo Gallego e Mariano Azuela, respectivamente, narradores da Venezuela e do México, nesta linha de registro e denúncia social. Proponho que *Cascalho* (1944) constitui-se marco da narrativa latino-americana moderna e mereceu atenção de crítica e público. A obra foi traduzida na antiga Tchecoslováquia, Romênia, Itália, Japão, Coreia, Polônia e impresso também em Portugal (cf. ALVES, 1979).

O romance narra a saga dos garimpeiros da Chapada Diamantina, região colonizada em princípios do século XVII, pela pecuária, pelas bandeiras paulistas, que se confrontaram com os indígenas, do vale do Paraguaçu setentrional, serra do Orobó, Chapada Diamantina, Morro do Chapéu e Jacobina. Com a mineração do diamante (1844), que se seguiu à do ouro, a região foi devassada. Depois conhecida como Lavras Diamantinas, a zona diamantífera abrange os municípios de Santa Isabel do Paraguaçu (atual Mucugê), Andaraí, Lençóis e Palmeiras.

Transculturalismo e dinamismo (social, linguístico, religioso, racial) são condicionantes históricas que dão forma ao imaginário representado na obra. Como se os criadores buscassem “descascar os fatos”, como se expressou Graciliano Ramos,

pela voz de Paulo Honório, no romance *São Bernardo*. O escritor sabe que está escrevendo a história, sabe que o embaralhar de cacos não confunde o leitor, ao contrário, convida-o a uma leitura alternativa da história (cf. RAMOS, 1970).

No primeiro romance de Herberto Sales encontram-se imersas histórias da rede dos garimpeiros, na luta pelo dinheiro e pelo poder; todas as classes ou castas encontram-se representadas: garimpeiros, bruaqueiros, capangueiros, donos de garimpo, a força política e da justiça. Nesse lugar onde se desenrolam ações ficcionais, vividas ou recordadas, o autor concede à memória um papel de matriz (cf. VILMA, 2006) da qual procede a invenção e os modos, que, sendo particulares, também são coletivos: traduzem uma certa maneira de ver, que o *transculturalismo* ajuda a operar e a rearticular literariamente; refiro-me à linguagem dentro do seu marco:

Em Lençóis, sujeito que era capangueiro vive hoje quebrando as unhas em montoeira velha, caçando fornecimento sem achar, matando a fome com xiquexique e leite de mucujê, e o diamante correndo dele às léguas... (SALES, 1975. p.97).

Cascalho (1944) é tema de significativo número de pesquisas acadêmicas. Antes mesmo de ser editado, foi utilizado pelo professor Aurélio Buarque de Holanda, que realizou registro em dicionário de termos e expressões típicas da região das lavras diamantinas no interior da Bahia. Aliás, graças ao interesse que despertou no linguista, um dos jurados do Prêmio Latino-americano de Romance, o original sobreviveu e sua existência veio a conhecimento de Marques Rebelo, que mais tarde promoveu a sua publicação. A cópia que estava em poder de Herberto Sales, ele mesmo destruiu, desanimado, por haver perdido o concurso (cf. HACK, 2010).

2.2 Além dos marimbus (1961)

Herberto Sales fez a segunda experiência romanesca com *Além dos marimbus* (1961), narrativa ambientada em Andaraí, que focaliza atividades madeireiras de beira-rio. Desta vez, o conflito é a exploração dos grandes latifundiários madeireiros por mais lucros. No romance, são descritas lutas dos extratores de madeira – atividade econômica de relevo na região.

O autor muda o foco da ação, mas permanece escrevendo sobre a região da Chapada. Investe na inovação do estilo linguístico e adota a estrutura textual de um relato de viagem, o que funciona também tematicamente. A obra faz referência incisiva aos interesses estrangeiros de exploração e lucro: “Narrativa da viagem que fez Jenner Nogueira Chaves às matas de Andaraí para compra de uma fazenda onde extrair madeiras.” (SALES, 1975, p. 3). Publicado dezessete anos após o primeiro, Herberto Sales conquistou o Prêmio Coelho Neto, da Academia Brasileira de Letras, e o Prêmio Paula Brito, da Biblioteca Municipal do Rio de Janeiro.

Em *Além dos Marimbus* (1961), a região é a mesma, já esgotada pelos fiscadores; a madeira é a causa dos contrastes. Atividade de exploração, entre 1920 e 1930, atraiu populações e devastou florestas e matas.

Há fidelidade nos expedientes de descrição do meio ambiente. A obra permite o reconhecimento das belezas que subsistiram às agressões. Ao lado da devastação percebe-se o desejo de defesa ecológica – que se antecipa em Herberto Sales. João Camilo causa espanto e respeito no protagonista, Jenner Chaves, comprador de madeiras com interesses imediatos. O personagem João Camilo, antigo morador, via a ganância dos empreendimentos madeireiros, protegia “todos os bichos mansos”, não consentindo a caça na sua fazenda: “os trabalhadores têm permissão de matar os bichos que prejudicam as plantações, mas não podem dar um tiro num marreco ou numa pomba”.

Transcrevo trecho da obra que retrata a paisagem e o cenário:

Com a noite a avizinhar-se, quase nada se podia distinguir. As árvores esbatiam-se nas sombras, e do difuso conglomerado de troncos e moitas desprendia-se algo indefinível, que oprimia e sufocava. Pairava no ar, vinda de toda parte - do chape-chape do remo nas águas, do roçar das hastes de junco nos animais, do ciciar do vento nos arbustos, do zumbido das muriçocas sobre o pântano - uma sensação de mudo temor [...] os pássaros tinham deixado de cantar. Bigodes, juritis e azulões dormiam agora nos ramos das quixabeiras. De quando em quando, alguma ave noturna esvoaçava dentro da mata, desferindo a praga de um grito áspero [...] De repente - lapt! - qualquer coisa mole e fria lhe saltou contra o pescoço. Não pôde evitar o susto. Rápido, atirou a pequena rã dentro da água. (SALLES, *Além dos Marimbus*, 1975. p. 15).

2.3 Os pareceres do tempo (1984)

A ficção herbertiana desta vertente refere a gestão de vilas e cidades e foi escrita mais de duas décadas depois de o autor já ter vivido a experiência da ficção urbana. Os pareceres do tempo, 1984, são a obra de ficção, cujo contexto narrativo é a Bahia do final do século XVIII, na qual, o autor faz a paródia da conquista. A história passa-se no período colonial, o autor utiliza-se de linguagem culta, nos moldes dos cronistas portugueses e questiona sobre o lugar que o homem ocupa, nas suas respectivas zonas culturais, fazendo a configuração de realidades, atravessadas por desafios, utilizando-se dos expedientes de memória e paródia.

O protagonista terá de vencer a natureza hostil e lidar com vizinhos da fazenda: padres jesuítas, traficantes de escravos e indígenas (cf. ESPINHEIRA FILHO, 1999). O romancista conta

a saga das famílias Golfão e Rumeção, instaladas no interior da Bahia, em Cuia D'Água, local próximo a Cachoeira e São Félix. Segundo ele, o tempo passou sobre essas famílias e firmou os seus *pareceres* ou a impressão que ficou de suas histórias.

Nessa obra, a poética da intensidade ganha relevo; os protagonistas expressam-se performaticamente, conscientes da importância de sua voz. O autor, um narrador onisciente, propõe uma territorialidade expansiva, tomando o regionalismo como política de produção narrativa.

Desde Cascalho, Herberto Sales revelara o gosto pela oralidade popular:

Nos barulho do Coxó
Briga até as lagartixa
- Os calango de combléia
E elas de manulicha... (SALES, 1944, p. 47).

Viva Santa Rita,
Que é Santa mulher,
No céu e na terra,
Ela faz o que quer! (SALES, 1944, p.78).

A construção da vida do protagonista de *Os pareceres do tempo*, Policarpo Golfão, reflete-se no seu estado de espírito e se apresenta pela ótica popular:

Lá vai Policarpo Golfão
No seu cavalo alazão
Levando com devoção
A sua igreja no coração (SALES, 1999, p. 398).

A narrativa ambienta-se no Recôncavo, em Cuia d'Água (Fazenda Boa Esperança). Herberto Sales aproxima o verosímil, da época em que escolheu situar a ação, de quadros cavalheirescos, com ingredientes sentimentais, protagonizados pelo casal Policarpo Golfão e Liberata e desenvolvidos por formadores da cultura local.

Quincas Alçada chamou com um sinal Nicodemos, que logo veio.

Quem é aquela índia? - perguntou-lhe, mostrando-a,

- luru - respondeu o índio. luru, antes. Agora Joana, depois de batizada. Cantou bem alto um negro: Xalô ajô no ayê kinimbá. Nunca vi essa índia antes - voltou Quincas Alçada.

- Ela costuma se esconder quando vê branco - disse

Nicodemos.

- Esconder, por quê?

- Tem vergonha.

E continuava a cantoria dos negros:

Ogun de lê

Qyê jambá.

De quem ela é filha? - perguntou Quincas Alçada.

- É filha da índia Iacina.

- Da índia Iacina?!

Sim - disse Nicodemos.

Então... então ela é sua irmã! - disse Quincas Alçada.

- É minha irmã, sim.

De novo a cantoria dos negros:

Kawô

Kawô

Quincas Alçada voltou em silêncio para o banco, onde se sentou.

- Alguma novidade? - perguntou Policarpo.

E ele, numa evasiva:

- Não... não há nenhuma novidade (SALES, 1999, p. 136-137).

A narrativa não revoluciona o relato. Com exatidão, o narrador adere à forma tradicional, minuciosa, documentando o insolitismo que existe na própria realidade, a qual o escritor narra nas cenas do romance (cf. PRAZERES, 2000). A oposição entre os mundos convive e é tema central, como metáfora de miscigenação.

A mimese linguística da recuperação da fala cotidiana remete à figuração e ao resgate da identidade: conheço porque é meu próprio fundamento identitário. Cito fragmento:

Policarpo reconheceu-o:
- Gonçalo!
- Não sou Gonçalo! – respondeu o índio, evidentemente zangado. Meu nome é Icurê.
Gonçalo foi o nome que padre botou em índio.
Gonçalo é nome de branco. Icurê não é branco.
Índio é índio. Meu nome é Icurê (SALES, 1999, p.358).

A incorporação da diferença implica o conhecimento produzido pelo outro, como tão valioso quanto o próprio e é somente com esse tipo de comparativismo, liberto dos a priori da tradição, que se desenvolvem procedimentos pertinentes para a abordagem dessa produção (Cf. PIZZARRO, 1985). Na perspectiva de uma revisão da historiografia brasileira, revelam-se as chamadas ideias fora de lugar (cf. Fischer, 2021).

(...) Os escravos e os índios comiam à parte, servindo-se duns fumegantes caldeirões comandados pelo índio Nicodemus (ex-Sinimu), disso encarregado por Quincas Alçada. (...)” (SALES, 1999, p. 134-5).

Ainda neste almoço, os escravos cantaram e dançaram:

Taratatara kundê / Ogum de lê / Oyá jamba /
Maion gangê / Kawô / Kawô / Oyá ajô (SALES, 1999, p. 135).

O narrador comenta:

Ao contrário dos negros, os índios conservavam-se em silêncio, no mesmo lugar onde desde o começo estavam. Trocavam entre si, às vezes, um olhar, mas, entre si, não se falavam. Ou falavam entre si com os olhos.” (SALES, 1999, p.135-6).

A crítica constrói um espaço de afirmação do discurso, passo decisivo para a produção de um pensamento que busca integrar à sua prática várias dimensões. A ficção relata histórias de amor, de dominação e são importantes os aspectos documentais:

Estes registros fizemo-los depois de visitarmos em Cuia d’Água a antiga fazenda do capitão Policarpo, já praticamente em ruínas. Braulino José foi o nosso principal informante. Levou-nos até ao cemitério da fazenda, em parte já invadido pelo mato (SALES, 1999, p.409).

Enfatizo, concluindo, a compreensão de que a expressão literária brasileira, desta vertente, não se encontra fora da produção artística latino-americana; tal aproximação existe e se impulsiona pela sistematização teórica e identificação de uma linguagem local, corroborada pelo discurso crítico, já consolidado.

REFERÊNCIAS

BURKE, Peter. Em busca da cultura popular. In: **Cultura popular na idade moderna**. Trad. Denise Bortmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p.25-49.

CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989. p. 140-162.

CASTELLO, José Aderaldo. **Introdução ao estudo da ideologia brasileira: aspectos da contribuição de Mário de Andrade**. *Année*, [S.l.], 1974, p. 69-89, 1974. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/carav_0008-0152_1974_num_22_1_1929. Acesso em: 15 ago. 2021.

ESPINHEIRA FILHO, Ruy. Posfácio. In: SALES, Herberto. **Os pareceres do tempo** (edição revista pelo autor). 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999, p.411-413.

FISCHER, Luís Augusto. **Duas formações, uma história: das ideias fora do lugar ao perspectivismo ameríndio**. Porto Alegre: Arquipélago, 2021.

FREYRE, Gilberto. **Um brasileiro em terras portuguesas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

HACK, Andrea Beatriz G. **A religiosidade na obra de Herberto Sales**. Salvador: EDUFBA, 2010.

LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia**. 4. ed. São Paulo: Pioneira, 1983.

ORTIZ, Fernando. **Contrapunteo cubano del azúcar y del tabaco**. Havana: Editorial de Ciencias Sociales, 1983.

PIZARRO, Ana (org.). **La literatura latinoamericana como proceso**. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1985. p.13-67.

PRAZERES, Heloísa Prata e. **Temas e teimas em narrativas baianas do Centro-Sul**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, SECULT; UNIFACS, 2000. (Coleção Casa de Palavras. Ensaio, 19).

RAMA, Ángel. **Literatura, cultura e sociedade na América Latina**. Sel. Org. e notas de Pablo Rocca, Trad. Rômulo Monte Alto. BH:UFMG, 2008.

SALES, Herberto. **Além dos marimbus**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975

_____. **Cascalho**. 6ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975

_____. **Os pareceres do tempo** (edição revista pelo autor). 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SCHWARZ, Roberto. “Marco histórico” [1985]. **Revista de sociologia da USP**, São Paulo, v. 23, n. 2, 1987.

VILMA, Ângela Santos Bispo Oliveira. A poética da memória: O romance de Herberto Sales. In: < <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7568/1/>> Captado em 4/Jul/2024.

Contos dos Anos Terríveis

Cyro de Mattos*

Nascido em Ilhéus, Marcus Vinícius Rodrigues vive em Salvador. É ficcionista e poeta. Os seus livros são estes: *Pequeno Inventário das Ausências*, poesia, Prêmio Fundação Casa de Jorge Amado, 2001; *3 Vestidos e Meu Corpo Nu*, contos, P55 Edições, 2009; *Eros Resoluto*, contos, P55 Edições, 2010; *Cada Dia sobre a Terra*, contos, Editora Caramurê/Epp Publicidade, 2010; *Se Tua Mão Te Ofende*, novela, P55 Edições, 2014; *Arquivos de Um Corpo em Viagem*, poesia, Editora Mondrongo, 2015; *A Eternidade da Maçã*, contos, Editora 7 Letras, 2016, Prêmio Nacional de Literatura Academia de Letras da Bahia, promovido pela Fundação Gregório de Matos, Salvador.

Seu conto “A Omoplata” venceu o Concurso Nacional de Contos Newton Sampaio, promovido pela Secretaria de Cultura do Paraná, 2009. E seu livro *A Eternidade da Maçã* reúne sete contos datados na margem esquerda do cabeçalho. Cada um deles traz como epígrafe versos das canções de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Caetano / Gil. O cenário desses contos é Salvador dos anos 60 quando a

* Nasceu em Itabuna, no Sul da Bahia. É autor de 70 livros pessoais de diversos gêneros. Editado e publicado também em Portugal, Itália, Espanha, França, Alemanha, Dinamarca, Rússia, México, Cuba e Estados Unidos. Premiado no Brasil, Portugal, Itália, México e Cuba. Conquistou o Prêmio Casa das Américas 2023. Membro das Academias de Letras da Bahia, de Ilhéus e de Itabuna, primeiro Doutor Honoris Causa da Universidade Estadual de Santa Cruz (Sul da Bahia). Distinguido com a Medalha Zumbi dos Palmares da Câmara de Vereadores de Salvador e com a Comenda Dois de Julho da Assembleia Legislativa da Bahia.

cidade ainda não havia se expandido como um polo empresarial, não tinha um movimento intenso de carros nas suas artérias extensas, avenidas, paralelas, viadutos, nem edifícios com uma moderna arquitetura apontando com seus espigões para o céu. A cidade ainda era a Bahia, da famosa Rua Chile com suas lojas vistosas, Casa Sloper, Duas Américas, O Adamastor, Livraria Civilização e o Palace Hotel. Cidade grande com ares interioranos, sua paisagem formada de lugares típicos, alguns funcionando como cartões-postais, orgulho de seu povo, como a Praça Castro Alves onde se vê a estátua com o braço estendido do poeta mais amado dos baianos. Lá, na balaustrada, avista-se o mar azul da Baía de Todos os Santos, com um azul esplêndido, que no verão em cima ilumina e embaixo brilha nas águas de enorme piscina, por onde navios de todas as partes do mundo navegam e embarcações seguem rumo às cidades do Recôncavo.

Se a geografia da cidade tem esse visual bonito de ver, a vida real naqueles idos tinha o cheiro de perseguição e ódio, mostrava-se sob um clima pesado trazido pelo regime de força militar implantado no país. Justamente nessa época, em que acontecem os contos de *A Eternidade da Maçã*, o presidente Jango Goulart fora deposto, o regime de exceção implantado pelos militares expulsava do ordenamento democrático os poderes do legislativo e do judiciário. Os contos de *A Eternidade da Maçã* retratam assim a realidade da vida como ela era com os ventos de áspero amanhecer, as noites de sombras terríveis. Havia um contexto em cuja órbita estavam os que sonhavam pela volta da liberdade e os que a subjugavam. Os contos, inspirados por uma época marcada pelo ódio e a perseguição, enfeixados no volume de pouco mais de cem páginas, são estes: “A Alma do Diabo”, “Sob o Sol Quente de Uma Tarde de Natal”, “Barco Vazio”, “A Flor e a Estrela”, “Longe Daqui”, “Diga que Você Morreria por Mim” e “Qualquer Coisa que se Sonhara”.

Dotados de uma linguagem acessível, estilo apurado com equilíbrio da palavra comprometida com a realidade como ela se apresentava nos dias e anos do absurdo, os contos reunidos em *A Eternidade da Maçã* acima de tudo se expressam com precisão no discurso dizendo da vida pelos lábios das feridas, sangrando na revolta do sonhador, que se constituía uma ameaça ao regime de força do ditador militarizado. O discurso desses relatos comprometidos com a verdade histórica de uma época, fabricada com o mal dos que eram donos do poder, quer revelar assim o drama particular que envolve os utópicos, tidos como subversivos, os sonhadores da vida livre, que a rejeitam quando querem amordaçá-la com a prepotência que gera o absurdo. O equilíbrio, nesse discurso que não confunde a ordem natural dos elementos estruturantes da arte literária, configura-se com a harmonia do texto verbalizado nos instantes flagrados através da tortura, que eliminava a vida quando não conseguia retirar dela o que queria ou até mesmo quando obtinha o seu intento irracional.

Às vezes, o diálogo que conduz a história aparece no plano objetivo com o drama particular expondo suas verdades, às vezes vem com a narrativa onisciente flagrando os instantes agudos, inesgotáveis, porque são dores que não têm cura. Anote-se que o autor para marcar o quadro com o vínculo de gravidade usa a técnica de fazer o personagem de um conto aparecer em outro, sem que com isso o nível do relato enfraqueça o argumento que preenche o drama. O estético sempre prevalece aqui com seus meios uníssonos como vínculo de beleza e verdade. O discurso nunca é ocupado pela ideia tendenciosa, que se expressa no argumento com a finalidade de colocar na pauta o elemento político na frente do estético. A narrativa sempre se mostra através de medidas exatas, a linguagem harmoniosa deslizando entre a margem do drama pessoal e a que revela os ditames absurdos do opressor, que não cansa na perseguição e captura, vendo os que lutam pela liberdade como elementos subversivos, precisando, urgentemente, que sejam eliminados da sociedade.

Os meios que se usa para eliminar grupos de pessoas utópicas, muitas vezes fazendo do sonho uma festa, elegem como trunfo o castigo pavoroso, com a prisão e a tortura, luz forte no rosto, telefones, cubículo escuro, afogamento com o nariz tapado, a mangueira com a água descendo pela garganta.

No conto “A Alma do Diabo”, um major é internado para tratamento de um infarto, mostrando-se revoltado com as condições precárias do hospital, que não era para militares. Aos poucos, ele identifica na enfermeira aquela moça nervosa que seguidas vezes fora ao quartel para saber do paradeiro do irmão. A enfermeira escuta calada as insinuações insistentes do major, negando ser a moça que procurava pelo irmão no quartel. Ele aperta o cerco, contando em detalhes à enfermeira sobre o que fizeram com o seu irmão para que dissesse os nomes dos integrantes do grupo e o lugar onde se encontravam. Informava com sadismo as torturas aplicadas no irmão, até que conseguiram que ele fizesse a delação. O conto não termina com esse desfecho previsível, o conhecimento da enfermeira da delação e a soltura do irmão. Ela aplica no paciente o remédio para aliviar as dores, o que faria com que o enfermo se libertasse do sofrimento. Depois de aplicado o remédio, o militar fanático se apaga, fica imerso numa noite de trevas, alojado em definitivo no buraco onde o quartel era o abismo.

No relato “Sob o Sol Quente de Uma Tarde de Verão”, o fugitivo que abandonara o grupo para salvar a pele, encontra-se com a namorada na Praça Castro Alves. Ela já não tinha os olhos parecendo nada com o que eram antes, vivos, claros. De repente a pergunta: “O que lhe fizeram?”

“Ele podia imaginar, mas, enquanto era apenas a sua imaginação, não seria tão real e dolorosa, se ela contasse o que passou, ele sentiria na própria pele os choques como ela sentira. O seu pecado, o pecado de ter fugido ficaria mais claro, óbvio.” (pg. 31).

Sob a tristeza e o desconforto visíveis na expressão do rosto, ela acrescenta que eles queriam o nome dele. Era como se dissesse de tudo o que havia sofrido dentro do quartel. Por mais que eles quisessem, ela não sabia dizer nada. Ele fugira, andou no mato, se fez de mendigo, praticou pequenos roubos. Qualquer um não tinha escolha, se quisesse salvar a pele, era fugir ou fugir.

“Sentiu uma urgência de ir embora. Em poucos instantes estava em frente à loja O Adamastor, venceu rápido a Duas Américas, e quase chegava à praça do elevador quando teve a coragem de olhar para trás. A rua estava absolutamente deserta, deserta demais, ele pensou. Apenas um carro lá embaixo subia para a Rua da Ajuda. Seu coração disparou. Era um fusca. Um fusca verde.”

Com relação ao título *A Eternidade da Maçã* dado ao livro, essa denominação não pertence a nenhum dos contos enfiados no pequeno volume. Fala-se sobre a eternidade da maçã em trechos de dois contos. A referência aborda os elementos inerentes à fruta, que, amadurecida, mostra-se com a pele lisa e avermelhada por fora, mas que que apodrece por dentro, a começar pelas sementes até alcançar a maciez de sua polpa.

Com um estilo indicando clareza e precisão na narrativa segura, dotado de intensidade na palavra rica de ideias, Marcus Vinícius Rodrigues escreve os contos de *A Eternidade da Maçã* para dizer de gritos lancinantes dos que foram torturados, vários desapareceram sem volta. São contos escritos com garra, coragem, compromisso com a vida livre, que o ditador teima em ceifar. Fácil perceber que não querem a vida sem o bem, mas forjada com a perspectiva de um processo em que todos se encontrem pelos caminhos da fraternidade, onde não entra o ódio como combustível que

sirva para a duração da injustiça. Não vigore a violência e a condenação dos que sonham a vida viável com a eternidade do braço ao abraço, sem o qual não há o riso.

REFERÊNCIA

RODRIGUES, Marcus Vinícius. **A Eternidade da Maçã**, contos, Prêmio Nacional de Literatura Academia de Letras Bahia, Editora 7 Letras, Rio de Janeiro, 2016.

As singularizações de uma escrita em *Trilogia curta da vida breve*, de Adroaldo Almeida

Ana Maria de Bulhões-Carvalho*

"Quando uma página soa autêntica, isso não se deve à vida,
mas ao talento do autor.

A literatura não copia a vida, ela a inventa,
ela a provoca, ela a ultrapassa".

(Eric-Emmanuel Schmitt, 2002, p.21).

A narrativa ficcional prende o leitor, e por vários motivos. Sobretudo quando atíca, de modo especial, os elementos constitutivos de um livro, elementos comuns e indispensáveis à sua construção: personagens, narrador, enredo, diálogos, tempo e espaço. De um modo geral, na narrativa simples, esses elementos não são nada extraordinários, quando apenas cumprem a função de relatar, detalhar, contextualizar.

* Professora Titular aposentada do Departamento de Teoria do Teatro da UNIRIO (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro) (Jan.1992-Set.2021). Formada em Literatura Comparada pela UFRJ, fez Doutorado na mesma universidade e Pós-doutorado em Letras na PUC-RJ. Pesquisou Literatura e Teatro contemporâneos com publicações nas duas áreas. Foi responsável pela editoria de *O percebejo* Revista de Crítica e pesquisa em Artes Cênicas, na forma impressa e depois virtual (1993-2018). Foi Pró-Reitora de Pós-graduação, Pesquisa e Extensão da Universidade da UNIRIO entre 2000 e 2004. Nesta Universidade foi ainda Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas durante diversos períodos. Foi Chefe de Departamento de Teoria do Teatro, bolsista pela Faperj e pesquisadora do CNPq.

Mas na boa Literatura, em poesia ou em prosa, esses elementos tornam singular, particular, um modo de trabalhar a linguagem de modo a afastar os objetos do comum, as ações, do corriqueiro, trazendo *estranheza* à própria linguagem literária, Essa estranheza constitui a singularização do discurso de cada escritor, em determinado texto, despertando uma particularidade da escrita de criação batizada pelo velho conceito russo de "*ostranenie*" criado pelo teórico russo Viktor Chklovski (1893-1984), em texto de 1917 que ficou famoso, "A arte como procedimento".² Nele, o pensador, considerando não só a produção criativa, mas seu efeito no receptor, leitor ou espectador, ressalta um importante princípio, pertinente à natureza da apreciação da obra de arte: o "ato de percepção em arte é um fim em si e deve ser prolongado; a arte é um meio de experimentar o devir do objeto, o que já é 'passado' não importa para a arte" (1978, p.45).

O *procedimento*, mencionado no título do trabalho, é aquele que faz com que o que está dito traga a surpresa do olhar inaugural sobre o que se vê, ainda que o que se vê seja algo conhecido, como um amanhecer, por exemplo. O estranhamento ("*ostranenie*") de que fala Chklovski é a sensação, produzida no leitor, de que aquilo que lê o toca como se fosse uma descoberta nova. Se o texto provoca o efeito de tornar estranho (novo) o que é familiar, então o escritor conseguiu criar uma 'singularização': renovado, o objeto foi singularizado, os elementos da composição do texto conseguiram abalar a natureza do que foi dito, tornando tudo inaugural, seja enredo, personagens ou ambiente. Se aconteceu o processo, o leitor percebe que lidou com um obscurecimento da forma e com a "dificuldade e [a] duração da percepção" (Chklovski, 1978, p. 45).

² A tradução de Vitor G. Molina, publicada em 2019, atualiza a forma geral da tradução anterior, de A.M.R.Filipouski, M.A.Pereira, R.L. Zilberman e A.C.Hohlfeldt, com revisão de R.P.daSilva, publicada pela editora Globo em 1971. Cito as páginas desta tradução original.

Trilogia curta da vida breve

Vida louca vida, vida breve
Já que eu não posso te levar
Quero que você me leve
Vida louca vida, vida imensa
Ninguém vai nos perdoar...
Cazuza

Esse modo especial de organizar um mundo é traço, não de um escritor, mas de uma determinada escritura que ele produz. Isso que a personagem da “editora”, no filme *Best-seller - A última turnê*³, pontifica como sendo uma forma de identificação da obra literária: sua “unidade de efeito”. Isto é, o modo único, especial, com que cada livro investe no leitor. Assegurar esse modo, por recursos adequados de linguagem, e desdobrá-los para explorar com sabedoria e engenhosidade a estranheza da linguagem literária são gestos que definem a competência de um escritor em uma obra.

Atingida por essa unidade de efeito, fui tomada de um estado diferente de paixão, ao ler a *Trilogia curta da vida breve* (BH: Caravana, 2023), do baiano Adroaldo Almeida. O efeito que me tomou e o ritmo ora rápido ora lento em que fiz a leitura me lembraram o tal texto – tão antigo quanto atual – do velho Chklovski. Estava tão fascinada ao acabar as leituras da *Trilogia*, que quis, como leitora, retribuir à emoção que me envolvera, debruçando-me sobre a habilidade do escritor – que acabara de ler –, de conduzir, com tanta segurança, um tal emaranhado de histórias, ao tempo em que fazia refletir sobre como explorava a riqueza do uso da linguagem. Meu imaginário fora habitado pelo imaginário do autor.

Ao buscar um *modus operandi* da narração neste conjunto complexo, obriguei-me a reler passagens e, atçada

³ Filme canadense de 2021, de Lina Roessler, com Michael Caine no papel do escritor Harris Shaw.

pela curiosidade de penetrar o mistério desta conduta escritural complexa sobre casos apaixonados e comportamentos exaltados, buscar as chaves e as pistas que me permitissem organizar uma leitura em tópicos, para que detalhes importantes não escapassem. Para isso suspendi o efeito da emoção e abri os olhos para as finas estruturas que sustentam essa arquitetura barroca, de colunas retorcidas, perscrutando os traços assemelhados nas três estruturas. Cada um dos romances que constituem a trilogia publicada em um só livro, a seu modo, vai afetar o leitor, fazendo-o apaixonar-se por seus personagens, passando a respirar no ritmo da trama, atordoando-se com as aventuras em que se vê enredado.

Para efeito de método de abordagem, resalto três traços importantes na construção das obras, para me servirem de guia, traços que se foram ressaltando à medida que adiantava a leitura. A intensidade semântica na escolha de títulos e subtítulos me chamou logo atenção: podiam ser a famosa “piscadela cúmplice” de que fala Proust, para sutil alerta ao leitor; também o controle da temporalidade dos acontecimentos, para que, ao adentrar as histórias os guias datados de leitura permitissem ir e vir, e restabelecer uma ordem lógica abandonada ao traçar o fluxo da escrita; ao lado desses traços, as sutis revelações literárias de um escritor-leitor, eclético e apaixonado, por meio de intertextualidades explícitas a enriquecerem a massa de reflexões filosóficas sobre vida e morte, uma espécie de pano de fundo aos acontecimentos, como na ópera do De Falla.

Na quarta capa do livro⁴, anuncia-se que ele resulta da “reunião, de forma encurtada, dos três primeiros romances do escritor: *O labirinto dos bárbaros* (2016), *A última*

⁴ Edição primorosa da Caravana, editora conduzida por Leonardo Costaneto e Olavo Romano. Tudo na edição parece adequado: a capa, com a imagem *O abraço*, de Egn Schiele; os textos das orelhas, o papel, a tipografia, o capricho editorial que faz com que o leitor tenha prazer em manipular um livro com 364 páginas, sem que se escape das mãos, podendo ser aberto sem medo de que se despedace.

flor da terra (2019) e *Em busca de Julio Pakard* (2021)”. No caso, a explicação da contracapa apenas fala da trilogia sem aludir ao modo como as obras estariam relacionadas entre si, se por meio de personagens, do enredo, da temática ou da ambientação. Sabemos, apenas, que cada obra pode ser lida de forma independente, uma reunião de três primeiros romances, referindo a uma forma mais econômica de revisar os três, para podar, esmerilhar, lapidar e selecionar e reunir para publicar num só volume. Imagina-se o sentido desta reunião, além do encurtamento, visto na parte inicial do título *Trilogia curta*, a ideia da suspensão das obras anteriores, que assim tiveram sua vida autônoma abreviada, o leitor vai em busca do sentido menos óbvio, para *da vida breve*: quem sabe é aí que mora a significação mais profunda de cada uma das obras, aquilo que permitiu reuni-las em uma trilogia? O termo final do título com certeza produz um efeito de sugestão maior. Sabendo-se, pelas intertextualidades que os textos exibem, tratar-se de um escritor apreciador da arte, da literatura, da música, as especulações passam a ser válidas. Na ópera de De Falla, que tem este nome, *La vida breve*, a história da traição amorosa de Paco para com Salud, que sucumbe à dor ao ver os festejos do casamento de seu amado com outra mulher mais rica, serve, na ópera, para ilustrar a tese, apresentada desde o início no libreto, de que num mundo de trabalhadores que ganham a vida com suor (no caso, são ferreiros), triste é o destino dos que sofrem, dos que “são pregos, e não martelos”: Salud expressa sua dor dizendo que a vida do pobre, que vive sofrendo, tem que ser breve. Na trilogia de Adroaldo Almeida, as três histórias, cada uma a seu modo, trazem manifestações diversas dessa possível ligação entre amor idealizado, amor não correspondido, insustentável ou interrompido por traição, abandono ou outra impossibilidade fatal.

O labirinto dos bárbaros

O que se percebe desde a leitura do Sumário? Os três livros trazem título e, entre parênteses, subtítulos que indicam o fulcro temático de cada um, em paralelismo.

O primeiro, *O labirinto dos bárbaros*, tem como subtítulo “sobre o ciúme e outros bastardos triunfantes”. Se *labirinto* leva a caminhos com saídas difíceis e falseadas, com poucas possibilidades de se chegar bem onde se quer, *O labirinto dos bárbaros* parece espelhar e tornar complexa a expressão: indicar que além da dificuldade natural da cegueira de um labirinto, deve haver alguma crueldade envolvida, pois ou são os bárbaros no labirinto ou o labirinto é algo particular deles. Mas a que tipo de bárbaro refere? Só quando se começa a leitura vai-se tendo noção de que os conflitos estão no campo amoroso, como já indicava o termo que aponta, no subtítulo, para o sentimento envolvido, o ciúme. O deslocamento semântico dos bárbaros do título para os bastardos triunfantes do subtítulo já talvez avise ao leitor que é melhor não confiar nas palavras deste autor, porque elas podem ser perigosas, podem borrar as pistas que pareçam certas. Como a ironia é um traço facilmente encontrado em passagens, descrições e comentários do narrador, a expressão “bastardos triunfantes” pode trazer uma alusão irônica e um tanto satírica aos “bastardos inglórios” de Quentin Tarantino, criado poucos anos antes do lançamento do livro (o filme saiu em 2009, o livro, em 2016). Só que, aqui, são *bastardos triunfantes!* Na sequência dos nove capítulos vai-se entrando em contato com uma história construída em *ritornelos* paralelos. Os crimes da abertura, bem como os personagens envolvidos, apresentam-se aos poucos e aos blocos, à medida que já se tem dados suficientes para compreendê-los. Logo no segundo parágrafo do capítulo 1:

Mansa e silenciosa, amanhecia cinzenta a primeira manhã de janeiro. Lerda e triste como o despertar do médico, às pressas e assustado com o alarido de gente na sua porta. Levaram-no ao Hospital

antes de tomar café. Nunca vira aquilo em mais de 40 anos de profissão naquele lugar: o necrotério tomado por três corpos. Um velho amigo, a neta deste e um rapaz que não conhecia jaziam inertes e sem vida. Só à noite, quando conseguiu retornar para casa, entenderia a relação que unia aquela tragédia.

Era o raiar de 2001. Um dia para sempre e nunca mais (p.13).

Eis que, desde o início, percebe o leitor que terá que trabalhar a leitura paciente, a despeito da curiosidade, pois o subcapítulo 2, que sucede a essa última reflexão sobre a importância daquele dia e daquele acontecimento, em final de 2000, remete, num primeiro salto, para quase vinte anos depois. A narrativa não será de rememoração apenas, mas haverá um presente em que a história se desdobra, se explica, e traduz circunstâncias que envolvem personagens, ditas por um narrador que abandona a terceira pessoa inicial para assumir um eu intenso, sujeito de uma juventude desenfreada no interior – “Nós éramos anarquistas e libertários sem saber exatamente do que se tratava. A paixão da noite vivia em nossas vidas em dulcíssima libertinagem [...]” (p.28). Na cidade, para a qual, depois de se afastar por anos em nova vida em Salvador, ansiava voltar, finda a maior aventura de sua vida apaixonada:

Pedro Boaventura e Camila Cordeiro casaram-se em 1983. Ela tinha 18 anos; ele 21 e nenhum dinheiro. Conheceram-se um ano antes e se separaram 10 anos depois. Foi uma relação longa, mas jamais se conheceram. Posso afirmar isso com segurança, pois, como você sabe, Pedro sou eu. Salvador na Bahia era onde vivíamos, mas todo meu espírito havia ficado acerca de 500 km dali, em Itapuy e suas cercanias (p.33).

Portanto, passada a crise da dor que o abandono e a separação provocaram, podia voltar:

[...] anseio com a subida da serra do Adeus, o caminho do Macuco, os mergulhos no rio Colônia e a vida sem fim, como uma fiel promessa [...] enquanto o tempo passa, escorrem em mim, como uma lágrima recorrente, a dúvida da derrota e do fracasso e a certeza necessária de recomeçar, reinventar, retomar, reconquistar a vida que se deseja (p.12).

Na cidade, que se anuncia no Prólogo como o lugar imaginário de uma promessa, estão o labirinto, os bárbaros em sua tresloucada juventude libertária e os bastardos. Mas está, sobretudo, esse narrador-personagem eterno sonhador:

Já te disseram que a vida não é um projeto? Até os vinte anos você pensa que tudo vai dar certo. Dos vinte aos quarenta, acha que alguma coisa vai dar certo. Porém, depois dos quarenta, é quase certo que nada vai dar certo. Mas, é necessário acreditar no sossego do tempo, de que as coisas vão se acomodar com serenidade. É tristemente necessário acreditar (p.22).

Nas idas e vindas do desconcerto da vida de Pedro com Camila havia outras figuras que compunham o quadro rumo à tragédia final. Guadalupe foi uma importante mulher nessa missão. “Pois é, o mundo girou e eu rodei. Rodei como uma biruta e retornei ao ponto de partida. E Guadalupe estava lá” (p.44). Mas as voltas dessa biruta e, com elas, as voltas das vidas dos habitantes da pequena cidade são descritas com precisão e economia, sempre entremeadas pelo comentário sobre a vida nacional, a política e o futebol e sobre as coisas da vida em geral.

Copérnico, Darwin e Marx, quando os conheci ainda um adolescente inseguro, me reduziram a pó. A terra não é o centro do universo, o homem não foi criado por Deus e não existe propriedade privada. Como e por que me disseram estas coisas tão terríveis? Platitudes para mim e para você, depois de tudo que lemos, mas, a despeito da obviedade, ainda hoje não me recuperei totalmente. E, por fim, veio Freud afirmar que agimos mais pelo inconsciente. O mundo era precário e frágil, descobri (p.22).

As coisas e as mulheres iam e vinham na vida de Pedro, assim como os quadros que pintou, na antiga vida de pintor ao lado de Camila, e que abandonara em Salvador, voltaram para as mãos dele, por meio do amante da mulher que o abandonara, o professor de Literatura Inglesa. E ele, Pedro, depois de tantas, foi trabalhar nos Correios e conheceu aquele homem. Afinal seus quadros valiam muito, a filha daquele homem, curadora de arte, queria adquirir o lote a bom preço. Ele, Pedro, voltando à esbórnia: “Resta dizer, só pra constar, que logo voltei à loucura dos dias de juventude, do sexo como redenção e fuga, álcool e drogas” (p.55). Esbarrava sempre em Guadalupe de quem nunca se afastara, entre transas, mulheres, farras e bebedeiras, além de algumas mortes acidentais.

Pediram que eu entrasse, Guadalupe estava nos fundos. [...] Abriu o mesmo sorriso da nossa juventude e caminhou na minha direção[...] Eu conhecia bem o lugar, durante a adolescência era minha outra casa. Agora, adulto, retorno com as mesmas intenções. Havia cansado da vida mundana e profana que levava, precisava de um consolo e um repouso e, em verdade, nunca deixei de amá-la. Para sempre ela foi minha namorada, mesmo quando não estivemos juntos. Hoje entendo bem isso, mas agora já não importa mais (p.63-4).

Tudo se dava no círculo das amizades e desavenças das famílias mais antigas e inimigas às quais o personagem frequentava, os Correia (duas irmãs Maria Elisa, a mais velha, morena; Maria Elena, a segunda, branca, mais reservada, filhas de um primeiro casamento; e Maria Luíza, filha de D. Neném, com o mesmo Dr. Clemente) e os Alvarez (Dr. João, advogado, o amigo Tonhão e Guadalupe, os seus grandes amigos). As intrincadas relações que os uniam e ou separavam formam o enredo dos nove capítulos e suas subpartes. A um novo morador que pedisse referências da cidade, poderiam dizer: “Chegando por lá, procure o advogado João Alvarez e o fazendeiro Clemente Correia. Cuidado. Não entre nas farras do doutor, nem mexa com as filhas do coronel” (p.36). Um mundo reduzido, mas que dá margem a ser um microcosmo das relações humanas: “A vida dribla a gente com a ginga de um craque de futebol. Engana, finge, oferece, dá e toma” (p.90).

No velório das três mortes que abrem o livro, nos capítulos em que se narram os detalhes das histórias de desejos e sonhos ocultos e ocultados, sabe-se, por exemplo, que o velho Clemente, o fazendeiro que morre junto com a neta e seu pretendente, que já tivera duas esposas e muitas amantes, só tivera realmente um grande amor: D. Soledad, avó de Guadalupe. A revelação é belíssima, no enterro do Dr. Clemente:

[...] mansa e silenciosa atravessou a sala apinhada de curiosos, sem cumprimentar ninguém, apoiada na neta Guadalupe, aproximou-se do caixão, acariciou o rosto do falecido e disse baixinho, quase sussurrando: “Depois de 65 anos eu retorno a esta sala e encontro o mesmo menino, agora menos assustado, para dizer: eu te amei a vida inteira e espero, em breve, viver toda a eternidade ao seu lado. Calma, eu já estou indo”. Voltou para casa, trancou-se no quarto e, sem dizer mais uma palavra, morreu 10 dias depois (p.78).

Acontece que esse mesmo Clemente era amante de uma professora (Benta) com quem teve um filho, que nunca reconheceu, de nome Bento, na época conhecido pelo apelido Apocalipse. Pois não é que a neta de Clemente se apaixona pelo rapaz? Ela ouve do avô a frase inócua, pois sem explicação plausível: “Só vou falar uma vez: eu a proíbo de qualquer relação com esse rapaz.” (p.90). Explica o narrador, para não haver dúvida: “Apocalipse era filho adúltero de Clemente com a professora Benta, portanto, tio de Maria Antonia” [que era neta de Clemente [...] Depois daquele dia, todos da família que conheciam os fatos começaram a trabalhar para impedir o relacionamento” (p.93).

Mas de nada adiantou. No capítulo oitavo é contada em detalhes a história de Apocalipse e dos preparativos do réveillon do ano 2000, em que se resolve de modo tão trágico, mais um romance sem futuro naquele mundo circular. Se o mundo em Itapuy rodava em torno dessas pessoas, também foi se desfazendo com o passar dos anos, mas não sem deixar um gosto amargo de coisas mal resolvidas, de histórias mal contadas, de pessoas entristecidas.

[Do Epílogo]

Não há uma só noite, tendo como travesseiro as lembranças daquela época, que não me lastime por aquelas pessoas. Eráticas, querendo acertar; bonitas, vivendo a feiura; sendo o que não são; aceitando o que não desejam; buscando o que não encontram. A vida inteira dando voltas num círculo eterno; uma fila para o nada; seres, coisas e bichos encurralados no inexplicável absoluto: esse angustiante tempo que nos é oferecido sobre a terra e o inestimável tributo perpetuamente exigido, apenas para chegar ao incontornável e abjeto final (p.128).

A última flor da terra

O segundo livro, *A última flor da terra*, é “sobre a paixão e outras vésperas da morte”.

Traz um prólogo e um epílogo na extremidade de duas seções chamadas *Livros*. O *Livro Um: Caderno de notas do rascunho da vida*, seguido de *Livro Dois: Caderneta do fiado com Deus*. O detalhe é que todos são datados entre parênteses: para os *Livros* (1967-1992); (1993-2015), nos quais se percebe em detalhe, a ironia na duração do Prólogo (!16 d.C. - 2016) e o Epílogo (2015-2016).

Então, chama logo atenção, para quem acabou de ler sobre o ciúme e outros bastardos triunfantes, que nesse livro também haverá muita paixão desvairada ou amor desencontrado, provocando-se em regiões próximas da morte. Aí se localizam os pontos de contato a aproximar os dois primeiros romances da trilogia. E também no nome da cidadezinha: Itapuy. Identifica-se o parentesco imediato, ao se ler o encontro mágico com o alvo da paixão do narrador, outro Pedro. “Eu sou Pedro”, ele disse; “Eu sei, ela respondeu. Era 1982, ele estudava Direito e ela era Doutora em Teoria Literária. Mais de vinte anos os separavam na idade” (p.144). Aqui penso que haverá menos interferência das vidas de família, já que o romance entre os dois deverá ser secreto.

Combinaram de se encontrar na fazenda dela. O enredo segue: ela na vida familiar entre marido e filhos. Ele, na esbórnica da juventude em cidade pequena, frequentando mulheres e o “bar Distopia”. Mas há, entre os dois romances, uma mudança de lente: se no primeiro as lentes ampliam o foco para o tempo, a cidade, a fundação e a participação social e política, neste, ainda que se situe bem numa época e num espaço, a lente é mais fotográfica, trabalha no máximo em plano americano ou em zoom, buscando a intimidade, em muitas cenas criando a ilusão de que se fotografa a alma.

Na casa da fazenda, seguiram sem desvios ao quarto. Pedro a despiu com cuidado, admirando cada nuance revelada do corpo viçoso daquela mulher. Estavam apenas no segundo encontro e ainda havia muitas descobertas a serem feitas. Com mimos e regalos, fizeram um amor vigoroso e terno. Serenamente, ao possuí-la por trás, ele novamente impressionou-se com as três pintas escuras no alto da nádega direita, beijou-as suavemente e resolveu nomeá-las: “vou chamar essas suas marcas de Caravelas em homenagem às de Colombo: La Pinta, La Niña e Santa Maria”. Ela sorriu assentindo e ele completou: “depois você vai tatuar uma Nau com a cruz-de-malta na vela, bem aqui embaixo dos sinais agora como tributo ao meu Vasco da Gama” (p.156).

O conflito interno se instalava na alma de Ana Maria, de formação católica, remoía-lhe o remorso pela vida dupla. Além do quê, começou a cobrar dele os excessos de festas, álcool e mulheres, no bar e em casa de amigas. Ele acabou resolvendo dar um tempo em Salvador para estudar. Despediu-se da amiga Rafisa, depois de uma cena terrível em que ela, bêbada, tomada pelo desejo e pelo ciúme, avançou sobre ele, machucando-o. Separaram-se para sempre. Mas na despedida há uma bela cena em que a letra da música de Gal Costa forjou um diálogo de despedida, que realmente só ocorreu no imaginário:

Alguém trouxe uma toalha e ele começou a limpar-se, depois se levantou e saiu silenciosamente, porém, antes de alcançar a porta ainda ouviu Rafisa pela última vez: estou tão cansada e triste, mas não para dizer que eu não acredito mais em você. Ele pensou em responder com a mesma letra da canção *Vapor Barato*, quis falar: Oh! minha Honey Baby! Estou indo embora, talvez eu volte,

um dia eu volto, quem sabe, mas eu preciso, eu preciso esquecê-la. Mas não disse nada, não falou o que poderia ter dito para Rafisa naquela triste despedida: que a respeitava e admirava, que ela era uma grande garota, porém, pelo imponderável da vida, naqueles dias, e para sempre, ele amava outra, também admirável e enorme mulher. Todavia as palavras não foram expressadas e tudo terminou com as coisas soltas pelo meio do caminho, restos de emoções contidas, o gosto amargo que permanece a causar náusea eternamente (p.171-2).

Não mencionou o nome de Ana Maria, o amor que pensava ter encontrado em um acaso.

A vida é o outro. Na relação com a sociedade ou na perdição do amor, a vida será sempre o encontro com o outro. Minha epifania pessoal, a aparição do essencial em minha vida, ocorreu numa tarde de 1982, caminhando num bosque, quando encontrei Ana Maria. Ou ela me encontrou, pois hoje, acho que aquele encontro não foi tão fortuito, ocasional. Às vezes me tomo dominado pela certeza de que Ana Maria, conhecendo nossa história ancestral, forjou aquele encontro de forma deliberada para provocar nossa aproximação (p.230).

Mas esse amor quase o leva à perdição.

Foi na primavera de 1992. Naquele final de semana prolongado com feriado na segunda-feira, depois de muito álcool e muito sexo, adormecemos extasiados. Latidos do cachorro e gritos dentro do quarto nos acordaram assustados na madrugada. Era o marido dela com uma arma na mão, bêbado e transtornado de ódio; e ela reagindo com xingamentos

como eu nunca vira antes. Uma discussão. Ele atirou. Ela caiu ensanguentada. Eu me atraquei com ele e rolamos no chão. O revólver escapuliu da mão dele e correu no assoalho na direção dela. Ela gritava: ‘Saia! Afasta!’ Eu me desvencilhei dele e rolei no chão em direção ao banheiro. Ouvi outro tiro. Ela estava de pé com o 38 na mão e ele morto, estendido no chão. ‘Você está bem? Você está bem?’ ela me perguntava. Não respondi nada. Ele havia acertado de raspão o braço esquerdo dela, mas ela o fulminou com um tiro no peito. Abraçamo-nos e sentamos na cama. [...] O dia estava amanhecendo quando ela, calma, racional, lúcida e lógica, colocou a arma ao lado do corpo do marido, o quarto lavado de sangue, me deu outro abraço e falou: ‘Vai embora, vou ligar para o delegado. Ele é seu amigo, não é? [...] Depois de descer os degraus da varanda, do meio do jardim da entrada, eu olhei para trás e, apenas nesse momento, percebi que ela estava completamente nua. Foi a última vez que a vi com vida (p.234).

Em busca de Julio Packard

E o terceiro livro da trilogia, *Em busca de Julio Packard*, com o subtítulo “sobre o amor e outras crueldades da vida”, evidencia, nas três partes que o constituem, ser um livro escrito por um amante da literatura, como aliás aponta, em recursos de intertextualidade, em diversas passagens. É um livro de leitor, um leitor que parafraseia Proust e sua longa busca pelo tempo perdido, não sem ironicamente montar um *Em busca de Julio Packard*⁵: a Parte 1 é *No caminho de Chacarita*, não de Swann;

⁵ Os 7 livros de *Em busca do tempo perdido* são: *No Caminho de Swann* (1913); *À Sombra das Raparigas em Flor* (1919); *O Caminho de Guermantes* (1921); *Sodoma e Gomorra* (1922); *A Prisio-*

a Parte 2, *À sombra da aceroleira em flor*, não das Raparigas... mas as referências não podem ser mais explícitas em relação a *Em busca do tempo perdido*... numa paráfrase pós-moderna que abala a seriedade do original.

A trama não é complexa, mas bastante imaginativa: ao encontrar a referência a um certo poeta na dedicatória de um livro de Pablo Neruda, o personagem, que precisava dar um novo rumo à sua vida, toma uma decisão.

Já era quase um idoso quando vivi minha crise existencial. Com 55 anos morava em Ilhéus, no sul da Bahia, entre o mar e a mata, suportando um carregamento intolerável de arrependimentos e remorsos, encurralado pelos sentidos, vencido pela ética da escola, humilhado pela moral da igreja e convencido de que já não havia mais nenhuma porta. Sem saída, numa manhã fria e nublada, tomei um táxi para o aeroporto Jorge Amado, no Pontal, entrei num avião e amanheci no outro dia em Buenos Aires, onde encontrei um poeta perdido no tempo, uma nova corrente filosófica para o sentido da vida e, talvez, - provavelmente esteja errado - voltei, meses depois, remoçado e pronto para atravessar os dias terríveis que sempre se colocam no caminho de todos nós, até a hora marcada para pegar a barca de Caronte, filho de Nix e de Érebo, e fazer a travessia final (p.245).

[...]

Então comecei a minha via sacra em busca de Julio Pakard (p.256).

As emoções da busca resultam em vitorioso encontro “como quando você tem certeza de que encontrou o que procurava e não quer perder nunca mais; foi um dia para sempre” (p. 362).

O passado fora recomposto.

neira (1923); *A Fugitiva* (1925); *O Tempo Redescoberto* (1927).

Final

As emoções e os sentimentos que subintitulam os livros indicam outro modo de ler os três textos em paralelismo: ciúme, paixão e amor, sentimentos fortes que encontram modos de se manifestar diferenciados no tempo e no espaço das três histórias.

Os enredos são ricos e emaranhados em um ir e vir de fios, de tal modo a suscitar perguntas, ao longo da trama, que vão sendo respondidas à medida que se progride na leitura e, simultaneamente, se retrocede no tempo da história. O ficcionista nos conduz por seus Labirintos, evidenciando tratar-se de uma obra tripartida, mas regida pela condução do tempo. O trabalho com o tempo, constante em toda a obra, torna-se mais complexo ou mais distendido, à medida que a trama do livro se torna mais linear. Mas há sempre um guia condutor para o fio do tempo, que o narrador não solta, em nenhuma das histórias, um fio que vai prendendo à margem das narrativas, com datas fundamentais, eventos inesquecíveis a nível nacional, como o tempo das *Diretas Já*, por exemplo, ou detalhes da cidade de Itapuy, ou roteiros da cidade de Buenos Aires que funcionam como facilitações para que se retenham sequências ficcionais na memória de quem lê: a marcação das datas acompanha a escrita, se você se perde, como num mapa, pode voltar no tempo; e também no espaço, sua dupla inseparável. Esse recurso ao controle da temporalidade e dos contextos é comum às três narrativas, e se torna mais ou menos persistente e evidente, a depender da complexidade do enredo.

Outro aspecto curioso e instigante na leitura são as constantes referências à Literatura. Às vezes a personagem está com livro na mão, e o usa no diálogo, como o *O Alef*, de Borges; “se você terminar de ler esse livro algum dia, então será outra pessoa, nesse dia [...] entenderá todo labirinto em que me meti e por que me nego ao que desejo.

Era *O Alef*, de Borges” (p.75). Outras vezes são os autores que vêm como pista, como o Neruda, no terceiro romance, em cujo livro de poemas está a dedicatória que menciona Julio Pakard; outras, apenas uma frase traz, à lembrança da leitura, um verso, como em “Começava o inverno da nossa existência”, uma alusão clara a Shakespeare, na abertura de *Ricardo III*, “*Now is the winter of our discontent*”. Essa caça ao tesouro pode ser uma diversão fascinante, um bônus que a obra oferece a seu leitor. No último romance, a intertextualidade é mais estrutural, vem da lembrança de modos de narrar de autores argentinos, como Borges ou Bioy Casares ou até mesmo Roberto Arlt. Sem falar no próprio ambiente em que se passa a história, a Buenos Aires desses autores.

Mais um aspecto pode-se comentar em relação ao processo de singularização usado por Adroaldo Almeida: como se vê em Chklovski, o paralelismo é um desses artificialismos de linguagem de que se serve a Literatura para acentuar aspectos que, de outra maneira, poderiam ficar despercebidos. A insistência os torna evidentes. Nas duas primeiras histórias isso ocorre no nível do enredo, no esforço de lutar contra o destino.

Ainda se pode dizer que uma proposta literária como esta é exemplar para o que Roland Barthes apelidou de “ler levantando a cabeça” no ensaio que, muito oportunamente, se chama “Escrever a leitura”. Não é isso mesmo? Eu, por exemplo, tenho pudor de emprestar livro que tenha apreciado muito, porque fica todo escrito por mim, nas contracapas brancas, nas folhas de guarda, que às vezes vêm a mais, ou nas margens do texto. Ah! Como é bom, tempos depois, voltar a esses livros e ter lá toda a “cola” das leituras anteriores. Obrigada por me proporcionar isso, Adroaldo Almeida.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Adroaldo. **Trilogia curta da vida breve**. Belo Horizonte: Caravana, 2023.

BARTHES, Roland. Escrever a leitura. In **O rumor da língua**. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CHKLOVSKI, V. A arte como procedimento. Tradução de Vitor G. Molina. In: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5753346/mod_resource/content/1/Chklo%CC%81vski.%20A%20arte%20como%20procedimento_nova%20traduc%CC%A7a%CC%83o.pdf. (2019).

CHKLOVSKI, V. A arte como procedimento In: **Teoria da Literatura: formalistas russos**. 4ª ed. Tradução de A.M.R. Filipouski, M.A.Pereira, R.L.Zilberman e A.C.Hohlfeldt, revisão de R.P.daSilva. Prefácio de Boris Schnaiderman. Porto Alegre: O Globo, 1978.

PROUST, M. **Pastiches et Mélanges**. Paris: Gallimard, 1947 (1919).

SCHMITT, Eric-Emmanuel. **Variações enigmáticas**. Tradução de Paulo Autran. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2002.

Os outros autores mencionados *en passant*, não considere necessário constarem nas referências.

Estratégia e invenção. A Viagem de Orixalá, entre texto e paratexto

Maria de Lourdes Netto Simões*

O título do livro **A Viagem de Orixalá: estrada de Sagitário, caminhos de Orunmilá**, de Ruy Póvoas (2015), instiga à leitura; especialmente instiga a alguém como eu, agnóstica, mas respeitadora de crenças e caminhos (entendendo-os como linguagens). E, pelo que o título suscita, a pergunta se impõe: será um texto de ficção? de resultados de pesquisa? de ensinamentos? Tal dúvida se fortalece com a epígrafe de abertura: Tudo isso [...] será a vida imitando a arte”.

De saída, debruço-me sobre o belo projeto gráfico e a estrutura do livro. Ilustrado, com inventivas gráficas (inclusive páginas manuscritas) e inúmeros paratextos: dedicatória, epígrafes, agradecimento, sumário, ilustrações, orelhas, chamadas de advertência ao leitor, notas de rodapé, glossário.

* Doutora em Estudos Portugueses, Pós-Doc em Literatura Comparada e em Turismo Cultural (UNL, Portugal). Profa. Titular aposentada/UESC, onde foi pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação e pesquisadora CNPq. Comendadora da Ordem do Ensino Público (Portugal); Mérito São Jorge dos Ilhéus (Bahia, Brasil). Produção científica em literatura e turismo, publicada em livros, artigos e documentários, no Brasil e exterior. Autoficção: **A Casinha-que-anda, em uma aventura inesquecível**, FUNARTE, 2010. Integra as Academias de Letras de Ilhéus (Cadeira 19) e de Letras de Itabuna (Cadeira 31).

O Sumário refere, além de um texto introdutório - Ficção e Oralidade -, quatro partes ficcionais; mais um texto denominado “Cerração” e um Glossário. Mas, antes do sumário, um paratexto põe a questão da autoria, onde Ruy Póvoas afirma que o livro ficcional será escrito por um personagem, criado por ele, de nome Leonam. Em verdade, nesse esclarecimento de autoria, RP afirma: “eu fico com o papel daquele que providenciou condições para ele atuar” (p. 15). Insinua ao leitor as regras do jogo da escrita e o tema sobreposto em várias intenções: “Ao focalizar a viagem de Orixalá, na verdade, é ele [Leonam] quem viaja em busca de si mesmo” (p. 13).

Será somente isso? - a dúvida se impõe. Mas notemos: ele escolheu um agnóstico para Narrador=Personagem-escritor. Com que autoridade esse N=Pe falará de astrologia ou de candomblé? Ao afirmar que terá de admitir que o seu N=Pe crie, por sua vez, “criaturas ficcionadas”, estará estabelecendo um álibi relacionado à verossimilhança ficcional? Como diz, “caberia ao escritor apenas oferecer condições para revestir os personagens com roupagens especiais que lhes dão vida, vigor e vitalidade” (p. 15). E fica a pergunta: quais roupagens?

Em verdade, parece ser o autor, Ruy Póvoas, o maestro que se vale da ficção para o seu propósito de escrita e suplementa essa narração com uma estrutura que se encontra nos limites do texto principal da obra, os paratextos. Tudo isso, numa primeira impressão, provoca a ideia de deslimite de gênero, integração de saberes, fronteiras derrubadas entre a vida e a arte.

Para verificação de tal hipótese, tomo o conceito de paratexto de Gérard Genette (2009), visando a evidenciar a importância e contribuição do recurso paratextual para o nível de significação da obra. Genette considera os paratextos como editoriais e autorais. Para estas considerações, interessa o paratexto autoral. O autor refere a paratextualidade como uma forma de transcendência textual, “aquilo por meio

de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e de maneira mais geral ao público” (2009, p. 9). Tal conceito compreende o texto em íntima ligação com uma estrutura que o envolve e contribui para que tome forma e produza sentidos.

Senão, vejamos:

1. A gênese do texto ficcional

Ficção e Oralidade são os dois recursos básicos da inventiva de **A Viagem de Orixalá**. Já sinalizados no título do capítulo, complementam-se metaforicamente: viagem, estrada, caminhos. Aí, como introdução geral da ficção, os processos ficcionais são discutidos pelo narrador enquanto personagem (N=Pe): a criação de mais 15 personagens, além dele mesmo; a escolha da Astrologia, dos *Odu de Ifá* e dos saberes do terreiro do candomblé, como forma de lidar com o conhecimento.

O *insight* para a escrita do livro fica, para o leitor, entre a realidade (o livro como um todo na sua inventiva) e a ficção (o narrado pelo personagem Leonam). Agora, é o N=Pe quem fala sobre os quatro acontecimentos que provocaram a criação ficcional: a comemoração dos 70 anos, um sonho com a constelação de Sagitário, a visita à festa do *Pilão de Orixalá* e a eleição de um mito africano (p. 23). Esses são os disparadores dos *insights* para os personagens.

Como RP havia anunciado em Uma questão de Autoria, o escritor se “descolaria” do personagem recém-criado. Tanto é que, já agora, é Leonam quem afirma: “É a ficção criando a realidade” (p.24). Na tentativa de explicação desse processo criador, no entanto, esse N=Pe encontra-se ainda imiscuído com RP em muitos momentos do seu “outrar”, até mesmo na reflexão (p. 25) sobre outros escritores e processos de dar vida a personagens. Sobre o ato da escrita, Leonam afirma

que a viagem “não começa por um projeto, mas por arrebatamento” (p.26). Mas, gradativamente, o leitor não terá dificuldade em perceber, por trás, a orientação autoral de Ruy Póvoas, ao identificar reflexões que ultrapassam o perfil do personagem Leonam. Assim é que refere a “estrada”, os “caminhos”. Conforme afirma, “a estrada é a intuição que se anima na oralidade [...] e passa também pela memória” (p.27); e acrescenta: “a viagem é compulsiva, mas os caminhos se constituem escolhas” (p.26)

A dúvida sobre a legitimidade de o N=Pe fazer essas reflexões sobre o processo criador instala-se no próprio texto: “se ele não passa de um ser de ficção, como ousa descrever o processo criador?” (p. 27) e provoca a inquietação: essa é voz do leitor? voz de RP, buscando salvaguardar a verossimilhança? Pela boca de Leonam, a ambiguidade dá resposta aos céticos: “eu também escrevo” (p. 27).

Leonam anuncia que “o download está começando” (p.27) e indica um ponto de referência e partida: a festa do Pilão, num terreiro de candomblé. Diz da estratégia de recorrer ao mito nagô como “espinha dorsal” dos textos dos 16 participantes (mas não fala de “um caminho diferente”, referido no sumário, e que se encontra à p. 327). Sustentando a tese de que “escreve quem realmente tem o quê dizer” (31), agradece aos seus inspiradores. Assinando como organizador do livro, Leonam Navarro deixa claro ao leitor que acaba de escrever a introdução do texto ficcional. No entanto, a ambiguidade autoral não se esvai; subsistem por trás do nível do relato ficcional, algumas “pegadas” do escritor RP: “não sei se ainda terei oportunidade de aparecer por aqui [...] que também seja uma despedida” (p.32). Despedida de quem? Leonam certamente aparecerá, pois será o personagem principal do texto ficcional que se estrutura em quatro partes.

2. A viagem: o pensar

Download da memória? Do projeto articulado? A epígrafe que abre a Parte I anuncia a sua palavra-chave: o pensar. Eis que tem início **A viagem de Orixalá, estrada de Sagitário, caminhos de Orunmilá**. Astrologia e ensinamentos das crenças do candomblé são a base do pensar. Mas por que escrever? “Eis aqui uma sequela da viagem na existência: necessidade de explicação” (p.36).

“Chegar aos 70 foi para mim a viagem das viagens” (p. 40). Tal é declarado pelo personagem-escritor Leonam. Indiretamente, também por Ruy Póvoas quando revela os seus 70 anos, ao informar o ano do seu nascimento (1943), através do paratexto autoral, segunda ‘orelha’ do livro. A virada para os 70 parece ter sido motivação de mudança, o “gatilho” para a escrita das memórias.

A visão do Sagitário criou o sonho, ordenou a narrativa a partir das 4 flechas e recomendou: “Não esqueça dos Odu de Ifá...” (p.49). Depois, A Luz de Orunmilá explica os princípios do candomblé; traz o mito, a fonte que faz a espinha dorsal da narrativa; o desencadeador do processo do autoconhecimento, dos ensinamentos.

Vale ressaltar que a estratégia autoral de o N=Pe ser agnóstico possibilita ao leitor, leigo sobre o mundo do candomblé, assenhorear-se de conhecimentos básicos para a compreensão do significado mais profundo da narrativa. Estudando Leonam, aprende também o leitor: “Agora eu tinha as falas [...] além das leituras, pesquisas e estudos sobre Astrologia, Sagitário e sobre os Odu de Ifá” (p.76). Ou seja, oralidade e pesquisa; o *corpus* teórico do trabalho é dessa forma definido.

Na formulação do pensar dessa Parte I, o recurso paratextual das notas de rodapé alia esclarecimentos científicos à ficção. As notas referenciam, iluminam e esclarecem o ensinamento; e, ficcionalmente, contribuem para a verossimilhança do personagem. Ainda, fortalecem e dão legitimidade ao pensar, como dão sustentação ao projeto.

3. A escolha de estradas

Na vida, a escolha da estrada a percorrer é fundamental para o caminhar. Assim também na ficção; a estrada se define através de opções e possibilidades do andar, os caminhos. E o mesmo podemos dizer em relação a um projeto de pesquisa; a escolha da “estrada” a percorrer implica na metodologia a ser desenvolvida.

A epígrafe, que abre a Parte II, adverte a possibilidade de outros olhares sobre a sociedade, além daqueles oferecidos pelas Ciências Sociais (p77). A ficção de Leonam, por ordem do Sagitário, elege Os Odus de Ifá como orientação para o caminho a percorrer. A linguagem a ser usada na busca de si mesmo, é também escolha. Como afirma Leonam: “Apenas preferi não me sentar no divã. [...] Escrever, então, para mim, seria caminhar em busca de mim mesmo” (p.79).

É o N=Pe quem diz: “Esse prólogo parece que nunca mais vai terminar. [...] Não é comum escritores fazerem *making-of* e, além do mais, fazê-lo integrante da obra escrita” (p.79). Mas a verdade é que o *making-of* já fora iniciado por Ruy Póvoas, em “uma questão de autoria” (p. 13). Agora, a paratextualidade autoral é admitida na afirmação do *making-of* e ratifica parte da metodologia definida para a escrita do livro.

As reflexões sobre estrada (sentido literal e figurado) evidenciam a necessidade do conhecimento de alicerce, “o chão teórico-metodológico que me possibilitará tal empreendimento” (p.82). Como reconhece Leonam: “Daí, minha tenacidade de entender ao máximo possível sobre assuntos da Astrologia e dos *Odu de Ifá*” (p.80). A decisão de estrada é também a do suporte que sustentará a caminhada: “Tomar os Signos do Zodíaco e os dezesseis *Odu-meji* como possibilidade de acesso ao inconsciente” (p. 81). Os paratextos – especialmente as notas de rodapé – dão a sustentação teórico-metodológica que Leonam busca e precisa. Também nesse caso,

a presença de RP subjaz, através da experiência do babalorixá (oralidade) e do pesquisador (as informações científicas trazidas pelas notas). O texto introdutório da Parte II assenta a decisão do N=Pe: “As quatro flechas que Sagitário me deu vão se transformar em quatro partes do livro” (p.92).

Essa conclusão de Leonam não estará extemporânea, considerando que ele já está escrevendo a Parte II? Ou toda a reflexão teórico-metodológica não seria do texto maior, assinado por Ruy Póvoas? Fica a dúvida para o leitor. E o próprio Leonam responde: “*Dormientibus non siccurrit jus*” (p. 92, embora a tradução, no rodapé, seja um paratexto autoral de RP). A certeza de que “a lei não socorre aos que dormem” leva-o [-os] à promessa da sua vigilância total sobre o processo da escrita.

Ficcionalmente, do encontro no Terreiro ocorre o conhecimento do mito, pelos 16 personagens-escritores. A estratégia de os personagens não serem gente do candomblé justifica a necessidade de esclarecimento do ritual (para a ficção; para a pesquisa). Mais uma vez, ganham os leitores... O encontro no terreiro é a descrição-narrativa do ritual, com o didatismo de uma aula. (p.100). O ensinamento pela oralidade é, no enunciado, apresentado em letra cursiva. Dessa forma, é contado o mito da Viagem de Orixalá, cuja lição será retomada por cada personagem-narrador, como fonte para as respectivas autorreflexões. E o mito é concluído com uma sentença: “A glória cabe apenas a quem se dispõe a enfrentar a si mesmo” (p.106).

Dessa “afirmação”, é selado o Pacto entre os amigos: “a história vai ser a espinha dorsal do livro” (p.121). Fragmentos do mito serão epígrafes desencadeadoras de cada caminho. Assim, cada N=Pe escreverá a partir das respectivas autorreflexões provocadas pelo mito, em “enfrentamento de si mesmo” (p.121). Nesse ponto, o projeto é ficcional e a sua metodologia é traçada pelos personagens em reuniões sucessivas. Dentre as conclusões, uma coisa fica assentada: “a fé é independente das peias da religião” (p.121). Essa afirmação ficcional tem repercussão de ensinamento e alcança a perspectiva de multiculturalidade,

de respeito às diferenças, subliminarmente proposta por RP ao conceder liberdade ao narrador da ficção.

Nesse mister do ensinar, os paratextos autorais ganham cada vez mais ressaltos, complementando e suplementando a ficção, em função do objetivo comum (da pesquisa e da ficção) quanto às “ferramentas” para o processo do autoconhecimento. *Pari passu*, a metodologia para a elaboração da ficção se define, fluindo das conversas entre os do grupo. Simultaneamente, tem visibilidade a metodologia da pesquisa/ do processo ficcional. A estratégia dos paratextos dão os subsídios referências de conhecimento ao grupo de personagens e ao leitor. E fortalecem a verossimilhança ficcional. Acentuam o deslimite de gênero que o livro suscita.

4. O cerne temático - A Caminhada, em execução do projeto ficcional e da autorreflexão

A epígrafe de W Borges que abre a Parte III afirma que “No rio da vida, as águas do tempo curam tudo, pois diluem no eterno as coisas passageiras” (p.137). Tal ideia pode se relacionar à ficção e à vida que imita a ficção, como sinaliza a já referida epígrafe que abre o livro: “qualquer fato semelhante acontecido, será a vida imitando a arte” (p.9).

Na proposta ficcional de Leonam são eleitas três orientações: “o orixá, o odu e signo” (p. 201). Assim, os focos evidenciam a diversidade: filosófica, antropológica, psicanalítica, religiosa, social, identitária. E, pensando no inquietante deslimite de gênero, a ideia é a de que RP insubordinou-se. Ele, o pesquisador, valeu-se da ficção, criando personagens que legitimassem o seu falar. Transgressões poéticas? Cientificismo tangencial?? Álibis?

Ficcionalmente, a caminhada é de cada personagem-escritor que, trabalhando com um fragmento do mito, visa a autorreflexão e o autoconhecimento. Além disso, cada um traça a sua metodologia de abordagem. Os focos são aqueles que dizem

respeito às respectivas vidas. Assim, os ensinamentos vão sendo apresentados, absorvidos pelo leitor, homeopaticamente. Inclusive com o inesperado Caminho Diferente, que faz com que sejam 17 caminhos e não 16. Opira! Com esse, haverá a intenção autoral de deixar ao leitor a reflexão sobre a sua possibilidade de mudar o próprio destino? E a epígrafe desse Caminho 17 induz a essa conclusão: ***A glória cabe apenas a quem se dispõe a enfrentar a si mesmo***” (p.327, negrito pelo autor).

Suplementarmente, os paratextos referenciais (notas de rodapé) tornam-se mais intensos, dando substância às reflexões de cada personagem, situados em áreas de conhecimento diversas. Nesse proceder, por vezes, ocorre a impressão de que o paratexto autoral das referências científicas, que suplementa a reflexão ou narrativa, se sobrepõe à ficção (p.141). Se, por um lado, as referências complementam as lacunas de conhecimento dos personagens, por outro, proporcionam ao leitor, também, uma informação suplementar. O leque de focos abrange as humanidades em perspectivas existenciais que sinalizam as possibilidades de multiplicidade de caminhos para o autoconhecimento.

Dessa forma, o texto enunciativo se resolve em três níveis de escritura: o do planejamento do autor RP, do planejamento do narrador Leonam, do planejamento de cada personagem-narrador, em função do fragmento do mito a cada um destinado (p.221). Como conclui o próprio personagem, “o mito de *A Viagem* é de profunda generosidade no que diz respeito ao ensinamento de princípios éticos e morais” (p.226). Do mito, ao rito, ao ritual, prossegue a viagem, transportado pela linguagem do candomblé.

Se os Caminhos são vários, não cabe ao leitor, no entanto, juízo de valor. A intencionalidade autoral se justifica pela convicção de que “a ciência, a religião, as artes possibilitam [...] opções as mais variadas” (p.207). A diversidade é respeitada e aí também reside um dos ensinamentos: cada um tem o seu caminho; é preciso aprender a trilhá-lo conforme o seu perfil; pois “nenhum caminho [é] melhor do que o outro” (p.207).

Assim, “costurando” os vários focos, a cada Parte, é traçada progressivamente a metodologia de cada etapa da “viagem”. Na instância do *enunciado*, o leitor recebe orientações sobre maneiras de autoconhecimento, inclusive sobre o jogo de búzios, que explica a “trama de *Sombra e Luz*, através da qual o humano é construído e se constrói” (p.253). Os focos também revelam o cotidiano dos terreiros de candomblé, sua organização; a maneira da educação; a oralidade (p.279), onde “o mais velho enfatiza para o mais novo um conhecimento que ele precisa aprender” (p.282); ou no observar e escutar atitudes e rituais, na *linguagem do silêncio* (o termo é de Marialda Silveira, 2004). Por trás, na *enunciação*, o escritor RP vai deixando registrada uma memória de experiências e ensinamentos. A ambiguidade entre o sujeito do enunciado e o da *enunciação* toma o leitor. Sob a fala de Leonam, subjaz a de RP: “Quem me leu até aqui, na certa já deve ter tirado suas conclusões sobre minha parte nesse latifúndio de Iká.” (p.288).

Como foi dito, cada caminho uma faceta; cada faceta um conhecimento sobre o candomblé - desde a explicação de ritos e rituais, à organização do terreiro e formas e concepções de riqueza. **A Viagem de Orixalá** é orientação para o autoconhecimento, sim; além disso, é também revelação, compartilhamento de uma cultura, de um estar no mundo e do conviver com os orixás.

5. A chegada - o sonho realizado

Por que sonho realizado? Será pela jornada da vida vivida até aos 70 anos, tanto pelo autor, como pelo personagem? “Já no limite das minhas forças, pensei que minha viagem chegara ao fim” (p. 349). Na textualidade, a afirmação de que a chegada é o sonho realizado se faz também pela observação do projeto relacionado. A chegada é do narrador Leonam, personagem organizador dos relatos ficcionais; mas também

é do autor Ruy Póvoas que, com esse livro, ultrapassa a oralidade. Valendo-se dela, dá-lhe forma escrita para deixar ensinamento a leitores de *dentro e fora da porteira*, querendo se referir ao limite cultural do terreiro do candomblé.

Sujeito ficcional (enunciado) e sujeito pesquisador (enunciação) se unem para a chegada: “É percorrendo a estrada do sonho, no entanto, que se pode entender a diferença entre ele e a dureza da realidade [...] Quanta realidade necessitando do sonho! Muitos são os caminhos, eterno convite para a compreensão mais larga” (p. 349). A estratégia de recorrer à ficcionalização para dar o seu recado oportunizou a RP, pesquisador e babalorixá, “expandir as fronteiras de estudos consagrados, sem conflitos com o que está estabelecido pela tradição científica” (p.351), finalizando com o convite de viagem para o leitor. Mas antes, para atender aos *de dentro e de fora da porteira*, indica o Glossário, paratexto autoral que fecha o livro.

E o sonho (e também o texto ficcional, que é o sonho) encerra o livro. A Cerração (p. 355) é do sonho e é da vida? Ao leitor intrigado, fica a pista: “no início já estão as marcas do fim” (p. 356). E, retomando: “Tudo isso [...] será a vida imitando a arte” (p. 9). A vida não é mesmo uma viagem que um dia se apaga? “assim, assi ass as a...” (p. 356).

Conclusão:

Paratextos e significação - os níveis de leitura

De início, ao explicar sobre a questão de autoria, Ruy Póvoas declara a sua intenção de criar o texto ficcional e admite que a narrativa do personagem-narrador é “interrompida em várias passagens por fragmentações” (p. 13). Acrescenta ainda que “tais fraturas, no entanto, poderão levar o leitor muito mais longe” (p.13).

Da articulação entre textos e paratextos, resulta a maior singularidade da inventiva transgressora: o texto ficcional se apresenta reforçado por certo número de produções, sejam elas

verbais ou não-verbais (traduzidas da oralidade da linguagem) e que, de certa forma, o prolonga e suplementa; especialmente é de ressaltar o mito (espinha dorsal da ficção) e as notas de rodapé (que acrescentam a fundamentação teórica ao texto). O livro, por tais recursos, se acrescenta, buscando garantir a sua comunicabilidade, sua recepção e seu consumo.

É confirmada a hipótese de que os elementos paratextuais autorais acrescentam o texto que o envolvem. Isso porque não somente ocorre uma complementariedade através dos elementos pré-textuais (dedicatória, epígrafes gerais, capa, ilustrações) e os pós-textuais (glossário) que o ampliam; mas também, como referido, pelo mito-epígrafes e pelas notas de rodapé, que integram o texto ficcional e, ultrapassando-o, suplementam-no, e oportunizam outro nível de leitura. A relação interdiscursiva, que ocorre, prolonga a obra. Ainda a conclusão de que as fronteiras do texto se situam na instância do enunciado e as intervenções paratextuais são de natureza enunciativa e favorecem a afirmação de que, entre a escrita e o livro como presentificação, a dimensão comunicacional da textualidade se consubstancia. Realmente, em **A Viagem de Orixalá**, por sua particular complementariedade, é possível afirmar que o paratexto tem aquela estatura de lugar privilegiado de uma pragmática textual e de uma estratégia, que resultam em ação sobre os leitores. Tais procedimentos, como antes afirmado, longe de obscurecerem a compreensão geral do trabalho, iluminam questões específicas da interpretação, aprofundam as digressões do leitor, funcionam como mediadores entre o leitor e o texto; levam o leitor “muito mais longe” (idem).

Em aprofundamento de níveis interpretativos, os limites do texto exigem, assim, a convergência em torno de uma análise textual atenta às mediações entre o mundo social e o ato de leitura. Sobretudo o conceito de recepção deve ser requalificado, abarcando não apenas a distância do horizonte social e das leituras partilhadas por comunidades interpretativas; mas, também, o nível mais concreto

e imediato desse conjunto de textos “menores” que, no entanto, constitui a dimensão material da própria obra.

Linguagens diversas e lugares de conhecimento diversos resultam no projeto/ficção bem articulado, onde a inventiva passa por fazer o sujeito do enunciado e o sujeito da enunciação andarem de mãos dadas. O interesse desse livro passa, portanto, pelo olhar a sua concepção e montagem. Projeto de criação e pesquisa, cuidadosamente pensado e justificado, “casando” as linguagens científica e ficcional. *Ciência e Arte! Pesquisa e Ficção*. Estratégia singular de salvaguardar memória, oferecer ferramentas para o autoconhecimento, registrar uma caminhada, marcando o especial lugar da cultura do candomblé. Tudo isso, expondo a ideia de diversidade sintetiza o propósito de preservar e compartilhar ensinamentos de heranças culturais africanas.

REFERÊNCIAS

GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. Trad. Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

PÓVOAS, Ruy do Carmo. **A Viagem de Orixalá: estrada de Sagitário, caminhos de Orunmilá**. Ilhéus: Editus, 2015

_____. **Da Porteira para Fora - mundo de preto em terra de branco**. Ilhéus: Editus, 2007.

SILVEIRA, Marialda. **A educação pelo silêncio: o feitiço da linguagem no candomblé**. Ilhéus: Editus, 2004.

Artigos

Origem da cidade de Itabuna

Lurdes Bertol Rocha*

A cidade de Itabuna, como ocorreu com a maioria das cidades do mundo, nasceu às margens de um rio: o rio Cachoeira. Isto demonstra mais uma vez, a irresistível atração que o ser humano tem pela água. As maiores civilizações do mundo surgiram às margens de rios, como o Nilo, o Tigre e Eufrates, o Yang-Tse-Kiang. Também no Brasil, as principais cidades ficam às margens de rios, como as de São Paulo, Recife, Aracaju, Porto Alegre, Manaus, Belém, entre outras.

O arraial de Tabocas, na sua formação, contava com uma aglomeração de população rústica, animada pela cultura de cacauzeiros; parecia-lhe que

* Natural de Arroio do Meio, RS. Graduada em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Teófilo Otoni/MG. Pós-graduação *lato sensu* em Geografia Humana (FAFITO) e Desenvolvimento e Gestão Ambiental (UESC). Mestre e doutora em Geografia, na área de Planejamento Urbano e Regional. Professora titular aposentada da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus - BA. Atuou na área de Geografia, principalmente em temas relacionados à Geografia da Percepção, Fenomenologia, Semiótica, tais como: mapa mental, signo, linguagem verbal, funções e significados das praças de Itabuna, transformação do centro urbano, percepção da região cacauzeira da Bahia. Fundou e coordenou o Laboratório de Ensino de História e Geografia (Lahige). Coordenou o Colegiado de Geografia. Foi membro do Comitê de Ética em pesquisa com seres humanos (CEP). É membro do Conselho Editorial da Editus, editora da UESC. Tem vários livros e capítulos de livros publicados, na área da Geografia e do ensino de Geografia, além de artigos publicados em várias revistas nacionais. Membro da equipe organizadora de livros na área do ensino de Geografia. Integra o grupo de fundadores da Academia de Letras de Itabuna - ALITA

a felicidade vinha das nuvens, dos vales, da fertilidade das terras ou dos seus próprios braços. Suas enxadas eram coroadas pelo amor que esta gente tinha ao trabalho em terras tão férteis (ANDRADE, 1968, p. 82).

O primeiro núcleo que deu origem à cidade de Itabuna nasceu arraial de Tabocas, às margens do rio Cachoeira. O nome Tabocas, segundo Gonçalves (1960), surgiu quando, em 1849, ao se efetuar a abertura da mata na margem esquerda do rio Cachoeira, havia um jequitibá que deu muito trabalho para ser derrubado. “Dos machadeiros, o que cortasse mais ligeiro, daria taboca no companheiro. Assim aconteceu. As pessoas que assistiam ao desafio gritaram: “Taboca! Taboca! Tomou taboca!” Daí se originou o nome desse lugar que ficou conhecido como “Pau da Taboca” (p. 30). Há ainda outras versões para a origem do nome. Andrade (1986, p. 16), por exemplo, escreve que “em 1867, quando aqui chegaram os parentes de Félix do Amor Divino e teve início o desbravamento das matas em ambas as margens do rio Cachoeira, começaram a surgir as primeiras ‘tabocas’ (roças)”. Félix Severino de Oliveira (também conhecido como Félix Severino do Amor Divino), segundo o mesmo autor, foi um sergipano vindo da Chapada dos Índios, Sergipe. Chegando em Ilhéus, rumou para o Banco da Vitória (distrito de Ilhéus), onde obteve informações a respeito de “um lugar, que ficava antes do aldeamento dos índios (Ferradas), e que lhe parecia muito bom para se botar uma taboca (roça)” (op. cit. p. 17). Félix Severino do Amor Divino, juntamente com um companheiro, Manoel Constantino, dirigiu-se para o local indicado. Na margem direita do rio Cachoeira, Félix Severino do Amor Divino construiu a primeira casa do local, na realidade, uma pequena cabana. Este local passou a se chamar de Marimbeta (hoje bairro Conceição). Manoel Constantino também construiu sua cabana, na margem esquerda do rio, no local onde mais tarde seria a prefeitura municipal e, depois, o tribunal de Justiça Eleitoral, junto ao Banco do Brasil, na praça Olinto Leone.

Dez anos mais tarde, Félix Severino do Amor Divino mandou buscar, na Chapada dos Índios (Sergipe), toda a família que lá ficara, estando entre eles, José Firmino Alves, o futuro fundador da cidade de Itabuna. “Nessa época havia grande crise em Sergipe, muita gente sem trabalho, enquanto que aqui na zona, necessitava-se de braços para lavoura do cacau” (Andrade 1986, p.122). Até 1873, Tabocas era um simples pouso de tropeiros, um aglomerado de casas em torno do estabelecimento comercial de José Firmino Alves. A população do povoado se formou a partir da miscigenação de migrantes sergipanos, sertanejos, sírio-libaneses, de outras regiões do estado da Bahia e, mais tarde, de várias partes do Brasil, que para aqui vieram, atraídos pela riqueza do cacau. Naquela época, a lavoura do cacau já era considerada de grande importância.

Se o primeiro nome dado ao local, que será mais tarde Itabuna, originou-se em consequência da derrubada do jequitibá ou da formação das primeiras tabocas (roças), o certo é que o fato está relacionado ao desbravamento para a formação das primeiras lavouras nestas paragens. Jorge Amado assim descreve a Tabocas da época, e já acena para a mudança do nome para Itabuna:

Primeiro não teve nome, quatro ou cinco casas apenas à margem do rio.

Depois foi povoado de Tabocas, as casas se construindo umas atrás das outras, as ruas se abrindo sem simetria ao passo das tropas de burros que traziam cacau seco. (...) Tabocas continuava um povoado do município de São Jorge dos Ilhéus. Mas já muita gente, quando escrevia cartas, não as datava mais de Tabocas e sim, de Itabuna. E quando perguntavam a um morador dali que estivesse de passeio em Ilhéus, de onde ele era, o homem respondia cheio de orgulho: Sou da cidade de Itabuna.

Jorge Amado, s.d., p. 21 (a)

Devido ao crescimento rápido do povoado de Tabocas, que fazia parte do município de Ilhéus como seu terceiro distrito, em 1897, cidadãos influentes da comunidade fizeram uma solicitação ao Conselho Municipal de Ilhéus para que Tabocas fosse elevada à categoria de vila. O pedido, contudo, foi negado. Mais tarde, em 1906, foi dirigida ao governo do Estado uma solicitação para que se criasse o município, prometendo o Coronel Firmino Alves doar o terreno para a construção dos edifícios da Intendência, Cadeia, Tribunal do Júri e as demais dependências necessárias para o funcionamento da vila. A elevação do aglomerado à vila se deu neste mesmo ano, e à categoria de cidade, em 28 de julho de 1910 (Jornal *A Época*, 21 de agosto de 1943).

Com a emancipação do distrito de Tabocas, surge um novo município, a vila e termo de Itabuna, com sede no local chamado de "Cachoeira de Itabuna". Na verdade, o nome correto era Itaúna, nome de um afluente do rio Cachoeira, onde, no princípio do século XVIII foi fundada uma colônia de estrangeiros, provavelmente sírios e libaneses. Os membros dessa colônia só conseguiam falar em *Cachuêrra du Tabuna*, devido à dificuldade com a língua portuguesa. Aproveitando-se do fato, já que havia muita divergência a respeito do nome da nova cidade, o tipógrafo Pitágoras de Freitas lançou um pequeno jornal com o título *O Itabuna*, nome que acabou sendo oficializado (Jornal *Agora* (Documento), 28 de julho a 03 de agosto de 1996). A versão mais conhecida e aceita sobre a origem do nome Itabuna, contudo, é a que é descrita por Jorge Amado, nascido em Ferradas, à época fazendo parte do município de Ilhéus e que, com o desmembramento, passou a distrito de Itabuna: "(...) Itabuna, que em língua guarani quer dizer 'pedra preta'. Era uma homenagem às grandes pedras que surgiam nas margens e no meio do rio e sobre as quais as lavadeiras passavam o dia no seu trabalho" (AMADO, s. d., p. 22 a).

O artista plástico Walter Moreira, como ninguém, retratou o cotidiano dessas lavadeiras que, num ritual diário, dirigiam-se ao rio com suas trouxas de roupas para lavá-las e quará-las sobre as pedras pretas.

Ao lado do gentílico itabunense, é de uso corrente, também, a palavra grapiúna. Segundo Pólvora e Padilha (1979, p. 9), a palavra grapiúna teria sua origem na língua tupi *igarapé-una*, cuja tradução seria riacho preto. Devido à evolução semântica, passou a designar um pássaro preto e branco, muito comum no sul da Bahia e conhecido também como viuvinha. Mais tarde, a palavra grapiúna passou a designar toda pessoa nativa da zona cacauera e, mais especificamente, os nascidos na região de Ilhéus-Itabuna.

Para gerenciar os destinos da cidade grapiúna que acabara de nascer, foi nomeado como seu primeiro intendente, o Dr. Olinto Batista Leone, um engenheiro, cuja primeira tarefa nessas paragens seria a de executar medições de terras.

O núcleo inicial da cidade de Itabuna foi a rua da Areia, depois Marechal Bittencourt, hoje dividida nas ruas Miguel Calmon (a parte mais antiga) e avenida Fernando Cordier (mais conhecida como Beira Rio). A rua da Areia partia de onde atualmente se encontra o prédio da Justiça Eleitoral. Seguiu a margem do rio em frente à Ilha do Jegue (hoje desaparecida) em direção à ponte do Marabá. Todas as casas deste trecho foram destruídas pela enchente de 1914.

O centro de Itabuna, à época, era um arruado que se estendia até o pontilhão Dois de Julho, sobre o canal Lavapés, atualmente ligando a rua Miguel Calmon à Barão do Rio Branco, onde se encontra o prédio da Justiça do Trabalho. Nesta rua o comendador José Firmino Alves se estabeleceu com uma venda (nome dado a casas comerciais naquela época). Em seguida, outras pessoas aí se estabeleceram com casas de tecidos, secos e molhados e outros tipos de comércio, sempre incentivados pelo bom desempenho da lavoura cacauera.

Foi com a visão calcada no otimismo gerado pela boa produtividade da lavoura cacauera, pela aceitação de seu produto no mercado internacional, que o núcleo nascente de Itabuna começou a se formar e a se expandir a fim de abrigar os equipamentos necessários para atender à demanda de uma população que crescia a olhos vistos, tendo como ícone de seus desejos e do progresso, o cacau.

O centro da cidade de Itabuna coincide, em linhas gerais, com o que foi estabelecido pela lei municipal de número 852, de 04 de julho de 1969, no qual está registrado que “considera-se como centro da cidade, para fim desta lei, a avenida Cinquentenário até a praça Prefeito Alcântara [Jardim do Ó], ruas paralelas e transversais a essa avenida, desde a margem do rio Cachoeira, a avenida Amélia Amado, ruas Laurinda Fontes e Armando Freire. Como bairros centrais, são considerados os que estão diretamente ligados geograficamente com o centro: pela margem direita do rio Cachoeira estão os bairros Conceição, Góes Calmon, Jardim Vitória e Banco Raso; à margem esquerda, situam-se os bairros Mangabinha, Zildolândia, Berilo, Juca Leão, Santo Antônio, Pontalzinho, Castália e Alto Maron. Os demais bairros são considerados, como periféricos, por se encontrarem mais distantes do centro, não tendo com ele fronteira física.

Com a ampliação da produção, comércio interno e de exportação do cacau, Itabuna passou a ser o centro regional da comercialização deste produto agrícola, exigindo, desta forma, que ocorresse a expansão, diferenciação, setorialização do comércio, angariando novos espaços que trouxessem facilidades de acesso à circulação, novos espaços para uma escala maior de movimentação de mercadorias.

Há, desde a década de 1980, uma intensificação na tendência à descentralização de alguns setores do comércio e de outros equipamentos que ficavam no centro tradicional, entre outros fatores, devido à dificuldade de circulação de transportes de carga e descarga. Alguns estabelecimentos comerciais deslocaram-se para áreas mais amplas.

Na avenida José Soares Pinheiro (JSP), onde o trânsito é intenso, mas livre, concentrou-se o comércio de material de construção. Suas lojas estendem-se ao longo da avenida, num espaço bastante amplo e recuado, permitindo assim a carga e a descarga, sem a interferência do movimento dos veículos que por ali trafegam. Na avenida Juracy Magalhães concentram-se, principalmente, casas comerciais de produtos eletrônicos, revendedoras de veículos e distribuidoras de bebidas. Na avenida Aziz Maron, há uma tendência para concentração de clínicas médicas de várias especialidades.

Entre as atividades urbanas que para lá se expandiram pode-se apontar, por exemplo, o Espaço Cultural (onde funcionam a Câmara de Vereadores e o Arquivo Público Municipal), o Edifício Artumiro Fontes (clínicas médicas), o Hospital de Olhos de Itabuna, Laboratório de Patologia, o *shopping* Jequitibá Plaza Center (inaugurado em maio de 2000), o Tarik Plaza Hotel (inaugurado em 2002).

Em 1999 foi transferida a Prefeitura Municipal para o bairro São Caetano. Também neste bairro encontram-se o estádio de futebol, a Vila Olímpica, o Complexo Policial, evidenciando-se assim a tendência à descentralização das atividades do centro da cidade. Pode-se passar meses sem ir ao centro de Itabuna, porque o bairro oferece tudo que uma cidade de pequeno porte pode oferecer.

Muitos residentes do centro, necessitando de mais espaço e mais tranquilidade, se transferiram para locais mais afastados, menos movimentados, principalmente para os bairros São Judas, Zildolândia, Castália e Góes Calmon. Hoje, portanto, o centro tradicional de Itabuna divide com outros espaços próximos as atividades de comércio, administração e prestação de serviços, seguindo a lei geral de descentralização do centro primitivo.

O crescimento e expansão do centro da cidade deu-se simultaneamente à expansão do perímetro urbano como um todo, com o espichamento da cidade ao longo do rio Cachoeira, no sentido oeste, e sua expansão mais maciça ao redor do centro original.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. Sou da cidade de Itabuna. In: PÓLVORA, P. e PADILHA, T. (Orgs.) **Cacau em prosa e verso**. Edições Antares, s. d. p. 21-22

_____. Tudo é cacau meu filho. In: PÓLVORA, P. e PADILHA, T. (Orgs.) **Cacau em prosa e verso**. Edições Antares, s. d. p. 25-27.

ANDRADE, J. D. de. **Documentário histórico ilustrado de Itabuna**. Itabuna: Gráfica Editora Itabuna Ltda., 1968.

ANDRADE, M. P.; ROCHA, L. B. **De Tabocas a Itabuna** - um estudo histórico-geográfico. Ilhéus: Editus, 2017. 2ª edição.

PÓLVORA, H.; PADILHA, T. **Notícias sobre a “civilização” do cacau**. Itabuna: CEPLAC, 1979.

Nossa contemporânea Caverna de Platão

Celina Santos*

O filósofo Platão, visionário como costumam ser os pensadores sobre a incógnita da vida, deixou o metafórico “Mito da Caverna”. Ali o autor narrou sobre um lugar onde pessoas só conheciam as sombras dos elementos com que se deparassem.

Quando um integrante do grupo teve a oportunidade de sair daquele espaço (caverna), pela primeira vez viu a luz. Ávido por compartilhar a novidade com os demais habitantes, retornou e contou o que descobrira. Entretanto, tais pessoas se negaram a deixar o “habitat” onde lhes foi apresentada a existência.

Séculos depois, vamos refletir sobre a contemporaneidade? Não estaríamos imersos em uma nova caverna? Quantos dias conseguimos ficar sem olhar o telefone celular, por exemplo? Há possibilidade de nos comunicarmos sem a mediação da internet?

Poderíamos encontrar, também, o pensamento do cientista norte-americano Nicholas Negroponte. Nos últimos anos do século XX, ele anteviu o surgimento de comunidades virtuais. Seria uma nova forma de relação interpessoal.

Então, elaborou sobre o momento em que o espaço real dividiria atenção com o virtual. Indo além, o autor afirmou que a vida naquelas comunidades tornar-se-ia mais real do que fora delas.

* Jornalista, membro efetivo da Academia de Letras de Itabuna, onde ocupa a Cadeira 24 e tem como patrono Clodomir Xavier de Oliveira.

Hoje, o pensamento que beirava o impossível faz parte do cotidiano da maioria. Afinal, aí estão as redes sociais. Cada leitor destas linhas pode fazer uma autorreflexão:

- Quantas horas por dia é possível ficar sem o telefone móvel?

- Você leva o aparelho à mesa de refeição?

- Costuma conversar com um familiar (via *smartphone*, *iphone* ou afins) estando cada um em seu respectivo quarto?

- Sem pestanejar, você abre mão de trocar ideias olhando frente-a-frente para seu interlocutor?

- Quantas páginas de um livro consegue ler sem dispersar a atenção em busca de um alerta do aplicativo WhatsApp?

Algumas perguntas um tanto extremas: quantas vezes levou o celular até a intimidade do travesseiro ou mesmo ao banheiro?

Como também está na moda dizer, “é sobre isso”. Para pensarmos até que ponto dominamos a tecnologia ou nos deixamos dominar por ela. Obviamente, sem deixar de conhecer, experimentar, avaliar de que modo é possível ter os recursos tecnológicos como aliados.

O uso do celular, *tablet*, *notebook* e afins também pode, sim, nos favorecer. Desde que não sejamos reféns e/ou tenhamos a ilusão de que o mundo está na palma da nossa mão.

As aporias da justiça brasileira: a crise de credibilidade do Supremo

Sérgio Habib*

“Havia numa cidade um juiz que não temia a Deus e não tinha consideração para com os homens.”
(Lucas: 18.1-8)

Recentes decisões da mais alta corte de justiça do país revelam a sua total ausência de credibilidade perante a sociedade brasileira. Não foi uma nem foram duas decisões isoladas, mas uma repetição de julgados quebrando a linha de posicionamento da jurisprudência firmada ao longo de décadas naquele vetusto tribunal. Essa desconexão de entendimentos entre os seus ministros, com idas e vindas de acordo com o sabor dos ventos de ocasião, gera, por sem dúvida, uma enorme insegurança jurídica, de tal sorte que a Corte que deveria padronizar a justiça no país, termina por arrevesar-lhe o caminho, desconstruindo o direito posto e causando perplexidade, que na verdade nada mais é do que um eufemismo da desconfiança absoluta.

Não entraremos no mérito, nestas poucas linhas, dos casos a que nos referimos, até porque são todos do conhecimento público, dada a repercussão negativa que tiveram no seio

* Natural de Itabuna, é Advogado criminalista, Professor de Direito Penal e de Processo Penal, Mestre em Direito pela UFBA e em Direito Criminal pela Universidade de Sorbonne em Paris - França. Atuou como Defensor Público Federal junto ao STF e STJ, Membro da Academia Brasileira de Direito Criminal e da Academia de Letras Jurídicas da Bahia, Membro da Comissão do Senado Federal para reforma da Lei de Execução Penal. Escritor e poeta, é autor de livros na área do Direito e de estudos literários de autores nacionais e internacionais sob a ótica do Direito. Na Academia de Letras de Itabuna ocupa a Cadeira 32 cujo Patrono é Itazil Benício dos Santos.

da sociedade, além do que o espaço proposto torna-se exíguo para fazer-se uma análise jurídica deles, não sendo, portanto, a tarefa a que nos propusemos levar a termo ao garatujar esses garranchos críticos. O certo é que, o Supremo Tribunal Federal já não é o mesmo, já não inspira a consideração e o respeito que antigamente angariou com a justeza de suas decisões e o distanciamento dos seus julgadores das questões político-partidárias.

Um tribunal, por mais que seus integrantes possuam viés ideológico, não pode transferir a cor de sua ideologia para os seus julgados, muito menos acalentar preferências em relação aos processos que lhe são submetidos. Embora seja frequente ouvir-se dizer, por seus membros, que os autos não têm rosto, não têm nome, não é isso o que se vê na prática. As derradeiras decisões da Corte demonstraram que os autos não só têm rosto e nome, como têm coloração partidária, renome, identidade certa e endereço conhecido. Uma dessas tais decisões foi adotada no sentido de beneficiar determinado réu, constituindo-se num das maiores aberrações jurídicas de que se tem notícia na justiça brasileira.

Se o que o Supremo fez fosse realizado, por exemplo, por um juiz de direito de 1ª. instância, certamente ele seria alvo de procedimento administrativo disciplinar instaurado pelo Conselho Nacional de Justiça e, sem embargo, seria penalizado com aposentadoria compulsória, além, indubitavelmente, de responder a processo crime pela conduta adotada, com elevada probabilidade de condenação a uma pena privativa de liberdade. Mas isso não se faz possível exatamente por se tratar do Supremo Tribunal Federal, que, abaixo de Deus, é quem julga em última instância, e, portanto, pode errar por último que ninguém lhe corrigirá o erro nem emendará o seu desvio.

Imagine-se, v.g., se um réu qualquer, sem títulos, sem partidos, sem simpatias, sem trânsito, em suma, como diria o poeta, “sem lenço, sem documento”, pleiteasse a anulação

de suas condenações por meio de uma ordem de ***habeas corpus***, que não analisa provas, que possui um rito sumaríssimo, que não discute temas que tais, repita-se, imagine-se se um réu mediano (já nem nos referimos a um hipossuficiente) tentasse obter o que foi obtido no julgamento que anulou esses tais julgamentos, quais seriam as suas chances de êxito? Podemos afirmar, sem rebuço, que o mandamus sequer seria conhecido, quanto mais julgado o seu mérito.

Diante disso, resta evidente a parcialidade da Corte, data máxima vênua, no emblemático caso que anulou as condenações e remeteu os autos para que fosse reiniciado na 1ª. instância. Mas não foi somente por essa escabrosa decisão que o STF perdeu a credibilidade. Não. Seu desgaste já vem ocorrendo há algum tempo, em face de suas contradições inexplicáveis, diante da exposição pública de opiniões de seus integrantes sobre casos que poderiam ser-lhe submetidos a julgamento, pelas preferências na ordem dos processos, pelo desrespeito a sua própria jurisprudência construída durante anos, enfim, por sua atuação marcada pela ausência de isenção e de firmeza, características que não podem faltar a qualquer juiz, desde a primeira à última instância.

O Supremo mudou, e não se pode dizer que para melhor, infelizmente. Ai da nação em que seus juízes quando dizem “sim” estão a dizer “não”, e quando dizem “não” estão a dizer “sim”, ou quando não dizem nem uma coisa nem outra, nada dizem. Vendo-se certos julgamentos que praticam, mais e mais temos que dar razão a Vieira quando preleciona que “segundo a vontade queira achar-se-á culpa em Cristo e virtude em Pilatos”, pois que julgam de acordo com a vontade, e não com a razão e a justiça. Evidente que o julgamento jamais poderá ser segundo a vontade, mas de acordo com os ditames da lei.

Assim como não pode haver julgamentos dirigidos para uns, concedendo-lhes benefícios, e negando-se esses mesmos benefícios para outros em idêntica situação. Se a justiça é cega,

a sua venda não pode ser retirada apenas para enxergar aqueles a quem deseja proteger e recolocá-la para julgar os demais processos. Ou ela é cega para todos, ou não é para ninguém. Um justiça cega para uns e clarividente para outros não é justiça, é arremedo de justiça, é injustiça manifesta.

E tanto pior se nós outros, os simples mortais, não pudermos exercer o direito a crítica diante de tantas teratologias jurídicas, que nos ameacem com processos ou com prisões. Ai da nação cujos cidadãos não podem manifestar as suas opiniões, sequer dizerem os súditos que o “rei está nu.” E pior, ainda, se nada dissermos por temor ao arbítrio que somente se combate com o direito. Uma nação sem credo, é uma nação sem fé, amorfa e fadada ao insucesso. Não podemos assistir a tudo isso sem que nos indignemos, ainda que por meio de linhas mal tracejadas ou sem leitores. Porque há que se dar orla ao mar, há que se respeitar a lei, há que se restaurar a justiça. Caso contrário, diremos: Ai de ti Corazim! Ai de ti Betsaida...” O Supremo não pode tudo, mas só pode o que está contido na lei, e se ele modifica a lei para que o seu poder possa valer, tanto pior, porque estará cometendo dupla arbitrariedade: por não respeitar a lei e por modificá-la para que o seu desrespeito não seja ilegal.

Enquanto isso não ocorrer, isto é, enquanto a lei não for restaurada no país, e em seu lugar deixe de valer a interpretação distorcida que se der a ela, o arbítrio continuará imperando, a injustiça reinando. Ao fim e ao cabo, o Supremo tem contas a prestar à sociedade, até porque não pode julgar de tal forma que se afaste do corpo de ideário de toda uma nação. No direito ático, os juízes julgavam segundo a lei, mas levavam em consideração também os valores da pólis, até porque não julgavam de costas para ela e sim de acordo com os anseios que formam a alma da nação. Por isso mesmo, o Supremo não pode julgar encastelado em sua soberba, como se fossem onze sábios num universo de beócios que nada sabem (que seria, enfim, o povo brasileiro),

sem lhes dar importância nem satisfação. Recorde-se que não vivemos numa ditadura do judiciário, mas num estado democrático de direito. Nem mesmo (e sobretudo) o Supremo pode duvidar disso. É preciso que isso tenha um fim, para que a sociedade volte a acreditar nele. Até que esse dia chegue - ou se nós não o fizermos chegado - continuaremos a vivenciar as aporias da mais alta corte de justiça do país. Se não temem a lei, ao menos temam a Deus!

Contos

Os parceiros do mar

Cyro de Mattos*

A noite escura cortada de relâmpago e chuva grossa. A onda grande surgiu alucinada do meio do temporal, cobriu o barco Esperança e jogou o Vermelho para longe. Com a pancada que recebeu, ele deve ter se perdido no mar. Os ventos de rajada empurravam cada onda grande para cima do barco, mas aquela que levou o Vermelho tinha sido a mais violenta. O Esperança devia estar a uns 40 quilômetros da costa quando tudo aconteceu. Assim que o temporal atenuou a raiva, observei que o barco estava com o motor danificado, cheio de água. A onda que cobriu o barco e levou o Vermelho devia ter uns cinco metros. Não sei como não emborcou o barco. Quando me dei conta estava sozinho no mar, à deriva, cercado por aquele mundão de água, que só de olhar um pouco de frente pra ele o peito estremece, as vistas não querendo enxergar a imensidão do que viam. Com o barco à deriva, qualquer vivente sente medo numa hora dessa, tendo que fazer esforço para não entrar em pânico. Fiquei sabendo então que eu não passava de uma coisa insignificante, ponto sem rumo no meio das ondas.

* Nasceu em Itabuna, no Sul da Bahia. É autor de 70 livros pessoais de diversos gêneros. Editado e publicado também em Portugal, Itália, Espanha, França, Alemanha, Dinamarca, Rússia, México, Cuba e Estados Unidos. Premiado no Brasil, Portugal, Itália, México e Cuba. Conquistou o Prêmio Casa das Américas 2023. Membro das Academias de Letras da Bahia, de Ilhéus e de Itabuna, primeiro Doutor Honoris Causa da Universidade Estadual de Santa Cruz (Sul da Bahia). Distinguido com a Medalha Zumbi dos Palmares da Câmara de Vereadores de Salvador e com a Comenda Dois de Julho da Assembleia Legislativa da Bahia.

O barco oscilava na vastidão de água, subindo e descendo num balanço que não parava e seguia para qualquer lado, sem tomar uma direção certa.

Era um cara caladão o Vermelho, tinha a barba ruiva, cabelo cor de fogo, corajoso como nunca vi em alguém que vive da pesca no mar. Homenzarrão colosso, valia por dois na hora de puxar da água um peixe grande, desses que se você não tiver muita força, não souber manobrar a linha, soltando e puxando, até cansar o bicho medonho, se o tirador não for resistente e hábil na operação, que exige sagacidade, aí tudo tem um final lastimoso, adeus, pesca, que a linha partida, com anzol e peixe, vai embora.

Quando o peixe era valente e pesado, o Vermelho melhor do que ninguém sabia como tirar o bicho de sua morada nas águas. O peixão lutava pra não se entregar vencido, o Vermelho juntava as forças de onde pudesse retirar, o corpo exausto pra vencer o bicho em cada puxão que dava na linha. Empregava seus esforços com tenacidade, dosava o fôlego pra controlar a resistência, não cansava até que conseguia puxar o peixe do fundo. Às vezes, o peixe vinha à superfície feito um bicho louco, dava saltos, torcia os músculos no ar, tentando se soltar do anzol. Recordo que quando se tratava de tirada de peixe enorme o Vermelho era um mestre que sabia como fazer cansar o bicho. Soltava e puxava a linha, tantas vezes fossem necessárias pra vencer aquele gigante zangado, que lutava pra não se dar como vencido e ser no final puxado de sua morada nas águas.

Teve uma vez que o Vermelho ficou horas pra arrancar um peixe-espada, que devia pesar tantos quilos que eu nem ele sabia calcular. Era um monstro de grande. Não tivesse eu com o Vermelho naquele dia de muito esforço, tentando tirar aquele peixe valente das águas, ele botando força e jeito pra puxar o monstro, o danado daquele bicho ia levar-me com o barco pra bem longe de onde estava. Pra sorte minha, o Vermelho estava ao meu lado. Era a primeira vez

que via o meu parceiro ficar com bolhas nas mãos de tanto manobrar a linha com o peixe fisgado, afrouxando e apertando quando era necessário pra fazer com que ele cansasse e viesse sem forças para junto do barco quando então com a barra de ferro eu golpeava a cabeça dele.

A gente puxava o valentão pra dentro da embarcação quando podia. Se não conseguia, deixava-o amarrado pelo rabo e cabeça em um dos lados do barco. O sangue dele com os golpes recebidos na cabeça deixava rastros no mar e às vezes atraía tubarão, que vinha destroçá-lo em pouco tempo. O peixe não ser comida pelos tubarões era questão de sorte. Quase não acreditei quando aquele peixe valente e grande foi fisgado. Nós vimos assustados quando ele saltou fisgado que era grande e pesado. Um bicho medonho enlouquecido. Ele surgiu do nada, no lado esquerdo do barco, tinha sido fisgado com linha grossa usada pra arrastar do fundo o peixe que não fosse de carretel. Como é que ele foi cair no anzol com linha de fundo quando se tratava de um peixe de superfície, comum de ser fisgado em anzol com linha de carretel na vara, não entendi, nem o Vermelho. Ele levou mais de três horas pra tirar aquele peixe-espada do mar. Estava exausto, com bolhas nas mãos, queimaduras de sol nos braços, uma forte dor nas costas. Com aquele peixe gigantesco pescado pra sorte nossa, a gente podia voltar pra nossa casa, a pesca estava ganha com sobras.

O Vermelho falava pouco, nem quando estava embarcado no seco, tomando umas cachaças no barzinho Janaína, entre os pescadores na Colônia do Pontal, gostava de prosa. Dizia que todo pescador gostava de contar lorota quando estava no seco pra tirar vantagem do caso como personagem vitorioso. Cada um queria ser melhor do que o outro. Ele ficava lá no seu canto sozinho, sem dizer uma palavra, ouvindo aquelas conversas tolas de pescador, as mentiras que cada um contava pra no final sair como o homem mais corajoso do mundo.

Era um homenzarrão com os braços fortes, mãos grandes, corajoso como poucos que vi na pesca de linha. Pescava no mergulho também quando o peixe estava escasso, não fisgava a isca no anzol. Dizia que nunca voltou pra casa sem levar uma boa carga de peixes. Não havia outro como ele pra enfrentar os perigos do mar. Observara certa vez que se tivesse um dia de escolher o lugar pra morrer queria que fosse no mar. Pra ele a morte seria boa se fosse no mar com os perigos que Deus deu ou na calmaria do azul sem fim. Tinha nascido pra esta vida de pescador, não pra qualquer outra na terra. Desde pequeno sempre sonhou que um dia ia ter seu barco e ser pescador de peixe graúdo no mar alto. Ele só queria viver como um filho do mar, um homem no barco lá longe, sem ter medo do perigo, pegando o peixe pro sustento da família. Gostava de olhar em silêncio o destamanho do mar ao balanço das ondas quando o barco estava freado no lugar da pesca. Mostrava que assim, calado, estava no melhor momento da vida, nunca se achando sozinho no meio das ondas. Não era de acordo com a sua natureza viver pisando na terra, trabalhando em fazenda como vaqueiro ou peão. Um dia, ele disse que já teve seu próprio barco, foi batizado com o nome de Ilhéus. Segundo me adiantou, ele foi forçado a vender seu barco Ilhéus pra comprar uma casa no Pontal e assim abrigar a família. Os dois filhos já estavam crescidos, estudavam no colégio do bairro. A mulher só andava alertando que essa vida de pescador era perigosa e incerta, indagando quantos saíram pro mar e por lá ficaram. Quanta noiva esperou, mãe chorou, mulher rezou em vão? O pescador partia cedo pro mar distante da costa, a mulher ficava em casa rezando no oratório, acendendo vela e pedindo ao Bom Jesus dos Navegantes que protegesse o seu homem, guiando-o salvo e são no seu retorno pra casa.

A mulher e os dois filhos do Vermelho estavam precisando de uma morada própria pra abrigar a todos com segurança. Morar em casa de aluguel não dava segurança pra sempre. De tanto ela ponderar, resolveu vender o barco

e comprar uma casa no loteamento novo do Pontal. Se um dia não voltasse do mar, a mulher e os filhos já tinham onde descansar a cabeça, sem precisar passar o vexame de morar em casa alheia, que de repente você pode ficar no olho da rua, se não tiver o dinheiro pra pagar o aluguel. Um dia posso faltar, ele disse, pelo menos a mulher e os dois filhos já têm o seu porto seguro quanto ao abrigo onde podiam ficar. O Vermelho acrescentou que queria ter de novo seu barco. Isso ia acontecer um dia, a mulher lavava roupa de ganho no Pontal, estava lhe ajudando juntar o dinheiro pra comprar outro barco. Dessa vez a embarcação ia se chamar Boa Sorte.

Não tirava dos pensamentos a certeza de que um dia ia entrar pelo canal com o seu barco Boa Sorte cheio de peixe, como resultado positivo da pescaria abundante, o que ia dar o que falar entre os outros pescadores, todos ficariam de olhos arregalados com tantos pescados retirados do mar pelo Vermelho. Ele dizia que sabia como poucos os pesqueiros melhores onde os peixes se juntavam em cada época, os cardumes chegando pra se alimentar de peixes miúdos e outras comidas do mar. O Vermelho era um parceiro de pesca que merecia ter uma boa porcentagem em cada peixe grande que pescava comigo e era vendido na Colônia do Pontal. Era um ajudante de bordo que gostava de trazer o barco arrumado e com asseio. Fazia questão de fazer a nossa refeição todos os dias, a começar com o café gostoso da manhã acompanhado de bolacha e pão quente.

Fui levado pra Camamu no cargueiro búlgaro Stoikov, após ficar dezesseis dias num barco pequeno à deriva, sem água nem alimentos, conhecendo de perto o que era ter um imenso sofrimento, sem poder fazer nada, a morte não podia ser pior do que a sede. Comi muito peixe cru pra matar a fome, mas não conseguia matar a sede. Até tentei apanhar umas aves marinhas pra beber o sangue, mas nada consegui. Depois que fui resgatado, só pensava em sair do hotel e voltar

pra junto de minha mulher e filhos no Pontal. Fui recolhido a 60 milhas da costa, próximo ao farol da Pedra da Sereia, onde estava perdido no pequeno barco. No terceiro dia que estava esquecido no mar, deitei-me no barco pra esperar o pior. No décimo quarto, vi um grande navio passar. Gritei e acenei com a camisa, mas não fui ouvido. Tive vontade de pular e sair nadando atrás daquele navio. Não podia gritar muito porque minha garganta já estava inflamada de tanta sede.

Na noite seguinte, novamente passou um cargueiro e também não ouviu meus gritos. Meus olhos estavam inchados. Eu nem sabia mais se tinha pernas ou braços. Mas a dor pior era a sede. Dói muito mais do que a fome, queima a garganta da gente como fogo. Pra não ressecar os lábios, molhava-os com água do mar de vez em quando.

No primeiro dia que fiquei à deriva, lembrei que havia pescado com o Vermelho alguns quilos de peixe, namorados e dourados. Restavam alguns anzóis e um garrafão de cinco litros, com água pela metade. Mas no quinto dia acabaram-se esses suprimentos. O peixe eu comi cru mesmo. Mas acabou e não pude pescar mais porque perdi todos os anzóis no fundo do mar, engatados nas pedras. Restava-me esperar e esperar. No décimo segundo dia, tive uma ideia pra livrar-me da sede. Havia um bocado de estopa guardada num baú. Desfie e joguei a estopa no mar pra atrair aves marinhas. Pretendia apanhar uma delas e beber seu sangue. Era a única coisa que poderia fazer pra matar a sede. Mas não deu certo. As aves vieram e levaram a estopa. Talvez tivessem com mais fome do que eu. Fiquei apenas com minha calça e a camisa.

Ao ser recolhido pelo navio búlgaro Stoikov, que seguia pra Bahia com uma carga de minério, já não tinha mais forças pra subir sozinho pela escada de corda até o convés. Tive que ser puxado pela tripulação, amarrado numa corda. Soube que o comandante do Stoikov comunicou à Capitania dos Portos sobre o meu resgate com o barco Esperança e que ele proibiu que eu me alimentasse com comida sólida.

As gentes do navio disseram que podia arrebentar meu estômago. Só pude beber um pouco de suco de fruta. Fiquei hospedado no hotel em Camamu por conta da Capitania dos Portos. Os médicos asseguraram que meu estado de saúde era satisfatório, bastando que nos próximos dias me alimentasse bem e descansasse pra receber alta.

Minha primeira providência ao chegar no porto de Camamu foi avisar à mulher no Pontal que estava salvo e são. Pretendia sair de Camamu logo que recebesse alta dos médicos, estando ansioso pra ir me encontrar com a mulher e os dois filhos e receber deles no Pontal um abraço forte.

Transcorridas algumas semanas de meu retorno ao Pontal, não pensei em retomar a vida de pescador nos mares de Ilhéus. Depois de recuperar o Esperança, triste vendi o barco a um dos pescadores do Pontal. Comprei um salão no Malhado, em frente ao Mercado Municipal, instalei lá um comércio de peixe e marisco. O negócio começou bem, agradou ao freguês e cresceu. Já estou pensando em comprar uma casa com quintal no Malhado.

Mas nem foi tanto pelo que tinha passado à deriva no barco que deixei de ser pescador em alto mar. Sem o Vermelho nunca mais ia considerar o mar como um amigo verdadeiro, melhor dizendo, um pai que a mim dava e ao Vermelho o sustento da família com os peixes que pescávamos. Principalmente quando era peixe grande e valente, difícil de ser tirado das águas. Só o Vermelho com o seu esforço, destreza e paciência sabia como puxar o bicho fisgado, a se debater zangado pra não ser derrotado. Resistia como podia para não ser retirado de sua morada nas águas. Pescar em alto mar sem o Vermelho não era a mesma coisa, não tinha sentido, não prestava. Ele era um parceiro sem igual.

Vó Carminha

Ceres Marylise*

Caminhava apressadamente, pois recebera o chamado que tentava evitar havia muitos dias. Uma chuva fina tamborilava no guarda-chuva da mocinha que seguia à minha frente, dispersando um pouco meu pensamento. Finalmente, e com um nó a paralisar-me a garganta, parei diante da casa que me era tão familiar e toquei a campainha. A gentil cuidadora recebeu-me em silêncio e, vagarosamente, dirigiu-me para o quarto.

* Natural de Ubaitaba, Sul da Bahia, é graduada em Pedagogia e Letras, pós-graduada lato sensu em Alfabetização com concentração na área de Linguística e pós-graduada stricto sensu em Linguística. Docente aposentada pela Universidade do Estado da Bahia, onde também ocupou os cargos administrativos de Coordenadora de GT de Implantação dos Campi XIII e XX, Diretora do Campus XIII, Chefe de Departamento do Campus XIII e Coordenadora de Colegiado de Curso no Campus XX. Possui produção literária publicada no Brasil e no exterior em várias antologias, inclusive bilíngues, e é autora do livro *Atalhos e Descaminhos* lançado em Brasília no XI Encontro Internacional de Escritoras, no Salão do Livro em Paris - França e nas Bienais do Rio de Janeiro e São Paulo. É associada efetiva do Rotary International, onde assumiu os cargos de Presidente de Clube, Presidente de Imagem Pública, Presidente de Desenvolvimento do Quadro Associativo, *International President District Scholarship Subcommittee Chair - District 4391 and Honorary Member*. Membro efetivo da Academia Brasileira Rotária de Letras - ABROL, do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia - IGHB, da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia da Bahia e faz parte de diversas instituições literárias no Brasil e no exterior. Na Academia de Letras de Itabuna - ALITA, ocupa a Cadeira 16 e tem como patrono, Abel Pereira.

No silêncio daquela manhã em que a percepção da morte rondava por dentro despedaçando o melhor de mim, olhei para a frágil e pálida mulher reclinada na cama com gestos e voz enfraquecidos, cuja presença aos poucos se findava.

Mantive-me de pé refletindo sobre o tênue fio de vida que a prendia a este mundo, onde entre os seres vivos, só o homem tem consciência de sua própria finitude. Sentindo-se finito, desmorona seu mundo de certezas ao imaginar-se em algum momento, na iminência do limiar dessa outra realidade. Existencialista, o homem tem dificuldade de lidar com a morte, exatamente pela sua incapacidade de conviver com as circunstâncias da vida de tantos significados e tantas insignificâncias.

Olhei mais uma vez para aquela mulher de tantos anos: minha querida Vó Carminha, a mulher que ainda chamava a atenção pelo contraste do seu olhar transbordando candura e firmeza, quando nada mais poderia ser feito; a mulher marcada pela simplicidade e pela fortaleza que a faziam saltitar como uma menina sobre a trilha dos dias e ao mesmo tempo, agigantar-se diante dos desafios, sabendo-se envelhecer; a mulher de sóis e chuvas que nunca se intimidou diante do difícil e do improvável; ao contrário, fez deles seus motivos para sonhar, lutar e viver, doando-se sem descanso à sua família.

Nessa perda renunciada, senti-me sozinha sem o dedo e o olhar que sempre me apontaram os caminhos por onde deveria transitar na outra margem. Uma sensação de incompletude apossou-se de mim ao perceber-me nela e saber que ela também carregava parte de mim. Beijei-a ternamente na fronte, tomei suas mãos entre as minhas e orei ao Nosso Pai. Confortei-me na fé e me amparei entre a dor e a certeza de que nunca mais a teria ao meu lado vivendo pedacinhos soltos de felicidade.

Com esses pensamentos, e sob o pesado silêncio do ambiente, revi-me ainda muito pequena, quando ela segurava minhas mãos e me dizia de coisas grandiosas que eu poderia

ser e que eu nada entendia, pois o tempo e a conquista de algo, nada significavam para mim naquela idade; lembrei-me de quando se punha a rezar mostrando a fé de sua alma pura; de quando me ensinava deveres e direitos e me dava conselhos, dos quais nunca poderei esquecer; também das valsas e de algumas canções, principalmente Menino de Braçanã e Guarânia da Lua Nova, eu já adolescente, que entoávamos juntas e ela se fazia acompanhar de batidas suaves na mesa; da traquinagem de algum neto que a fazia ameaçá-lo de mentirinha com um abano nas mãos; da poesia que escreveu e me presenteou no aniversário de 15 anos, da qual ainda lembro a primeira estrofe: *“Quinze anos hoje completas / alvorecer do existir / quantas esperanças adejam / em teus lábios a sorrir.”*

Entre chorosa e meio perdida dentro de mim mesma, baixei minha cabeça e meus olhos se fixaram no chão. Ficaram os chinelos debaixo da cama... sem ela. Haveria algo mais triste naquele momento? Saí do quarto e me refugiei num local mais afastado da casa tendo a certeza definitiva de que só o tempo é eterno e deixa as marcas inexoráveis de seus passos em cada um de nós; que é na triste experiência da perda do outro que podemos refletir e entender sobre a vida dando-lhe valor e novo significado.

A vida no sítio

Joana Angélica Guimarães da Luz*

Havia um ano que Dona Nice e Seu Juracy mudaram para o sítio; naquela noite sentaram-se na varanda da casa, a noite estava quente e o céu estrelado. O sítio era pequeno, mas para eles era como se fosse uma imensidão; ali eles plantavam, cuidavam das mangueiras, laranjeiras, cajueiros e tantas outras árvores frutíferas que havia ao redor da casa; também criavam galinhas, paixão de Dona Nice desde a infância na roça com seus pais. Como companhia na sua lida diária tinham um casal de cachorros que os acompanhava onde quer que fossem e que naquele momento compartilhavam com eles a contemplação da noite.

A vizinhança era composta de pequenos sitiantes que tiravam da terra seu sustento, plantando e vendendo hortaliças, frutas e tudo que a terra pudesse prover. Aos sábados iam todos à feira na cidade vender seus produtos. Dona Nice não perdia a oportunidade de conversar com a vizinhança, logo já era amiga de todos; Seu Juracy, embora mais reservado, também foi acompanhando o entusiasmo e a vocação para fazer novos amigos, os que Dona Nice tinha.

* Natural de Itajuípe, Bahia, Geóloga, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Mestra em Geoquímica e Meio Ambiente pela Universidade Federal da Bahia e PhD em Engenharia Ambiental e Florestal pela Cornell University, EUA. Integrou a comissão de implantação da Universidade Federal do Sul da Bahia-UFSB, sendo eleita Reitora em 2017. Foi Vice-Presidente da Associação Nacional de Dirigentes de Instituições Federais de Ensino Superior. Autora de vários artigos científicos e capítulos de livros. Membro efetivo da Academia de Letras de Itabuna, onde ocupa a Cadeira 17 e tem como Patrono, Machado de Assis. Email: joana@cja.ufsb.edu.br

O sítio fora comprado um ano antes pelos filhos para que pudessem ter um espaço próprio, além de proporcionar aos dois uma vida mais ativa, no ambiente rural em que viveram suas infâncias e início da vida a dois. A vida agora era diferente daquela que viviam na cidade onde moravam em um pequeno apartamento onde Seu Juracy se sentia “engaiolado” como costumava dizer. Antes da ida para o sítio ele sofria com artrite nas mãos, depois de algum tempo no sítio, as dores se foram.

Sentados no banco de madeira feito pelo Seu Juracy, os dois contemplavam o céu estrelado. Dona Nice começou a fazer uma longa viagem através dos quase quarenta anos em que os dois estavam juntos, começou lembrando do início do namoro na igreja, o único lugar que lhe era permitido frequentar. Lembrou do casamento, do início da vida a dois, da chegada dos filhos, um atrás do outro, ano após ano, seis ao todo. Lembrou da vida na roça onde viveram e trabalharam no início da vida a dois. Também lembrou da decisão mais importante que tomou na vida, embalada por uma enorme frustração por não ter estudado e vendo os filhos crescerem saudáveis, com comida na mesa tirada da hortinha que ela mesma cuidava ao lado da casinha de trabalhador onde moravam e das galinhas que ela criava.

Quando a filha mais velha fez cinco anos ela tomou a decisão “vamos para a cidade, meus filhos precisam estudar”. Seu Juracy, embora temeroso de como poderia alimentar seis crianças num lugar que não lhe era familiar, pensando em como conseguir trabalho não tendo nenhuma qualificação a não ser o trabalho na roça, concordou com ela, sabia que não tinha outra alternativa conhecendo sua esposa como conhecia. Os dois estudaram muito pouco, sabiam ler e escrever, mas isso não os impedia de serem leitores vorazes de tudo que achavam pela frente. Todo o temor que a decisão provocou não foi suficiente para fazer com que Dona Nice desistisse do seu sonho a ser realizado através dos seus filhos e filhas.

Naquele momento em que viu uma estrela cadente pensou nos dias difíceis em que muitas vezes chorava escondida em algum cantinho da casinha minúscula para que os filhos não a vissem fraquejar. O choro vinha da incerteza de como alimentaria as crianças no dia seguinte e muitas vezes não tinha como fazer milagre, outras vezes pedia um punhado de farinha aqui um pedaço de charque ali, saía pelo mato procurando tudo de comestível que encontrasse pela frente.

Mas também lembrou dos momentos felizes, em especial aqueles quando Seu Juracy tinha um trabalho regular e podia trazer comida com regularidade para casa. Mas o motivo da sua felicidade era mais o empenho dos filhos com os estudos: a mais velha gostava muito de estudar e ela pensava que isso incentivaria os demais. Aos que fraquejavam ou davam algum sinal de que deixariam os estudos, ela dizia que isso não era escolha, era obrigação. Nos momentos de grande dificuldade, Seu Juracy às vezes dizia “vamos voltar pra roça, lá pelo menos temos comida”, ao que ela respondia “morro de fome, mas meus filhos não saem da escola”.

Seguindo nas suas lembranças, passando das lágrimas ao sorriso de felicidade, lembrou da formatura de cada um dos filhos, da alegria de vê-los cumprir aquilo que ela prometera, ter todos os filhos formados. Restava um sonho: o de ter um filho médico e o caçula da família realizou seu sonho. Agora com um filho médico, a vizinhança inteira no sítio ia se consultar com seu filho, que às vezes, reclamava porque ia ficar com eles nos finais de semana para descansar, ao que ela respondia “isso é um ato de caridade” e lá ia ela feliz e orgulhosa marcando consulta como uma auxiliar do filho Doutor.

Saindo das suas lembranças chamou Seu Juracy para ir dormir com um quentinho no coração. Um misto de felicidade e vontade de chorar, tomou conta dela nesse momento; o dia seguinte era dia dos filhos chegarem para o final de semana e ela tinha muito trabalho, passaria o dia cozinhando aquelas comidas que sabia todos adoravam. Quanto a Seu Juracy,

teria que terminar a surpresa que estava preparando para as netas, essa era uma família de mulheres, quatro filhas e dois filhos e as netas todas mulheres até ali. Uma bela casa na árvore foi erguida e precisava dos últimos retoques; como o dia para eles começava cedo daria tempo de fazer esses retoques antes que as crianças irrompessem no sítio como um furacão.

Antes de adormecer ainda pensou em como ela sofreu nos primeiros dias do sítio, longe do dia a dia dos filhos, mas esse sentimento foi aos poucos se transformando em uma enorme felicidade, como aquela que agora sentia sabendo que no dia seguinte estariam todos ali para um final de semana barulhento, e ela sempre com histórias para as netas que ouviam atentamente toda a saga da família, além, é claro, das histórias da sua infância povoada de sonhos e dos fantasmas da ancestralidade que ela tão bem cultivava para que lembrassem de onde vieram. Com esse pensamento ela esboçou um sorriso e adormeceu. Amanhã o dia será cheio.

Crônicas Históricas e do Cotidiano

A enchente

R. Santana*

As águas do rio Cachoeira desciam aos borbotões em direção ao mar de Ilhéus, levando animais, toras de madeira, baronetas, árvores caídas. A força da água impressionava; em certos trechos, as águas passavam pelas pedras numa velocidade que nenhum vivente seria capaz de manter uma canoa navegável; porém, se não fosse lúgubre, não causasse tanto dano, deixando populações ribeirinhas sem eira nem beira, numa miséria de chorar qualquer coração endurecido, dava gosto ver a revolta da natureza com a agressão do homem.

Os lugares baixos da cidade foram invadidos pelas águas do rio Cachoeira: Bananeira, Mangabinha, Rua da Jaqueira, Laranjeiras, Miguel Calmon, Sete de Setembro e Rua da Areia, esses lugares foram os mais atingidos, com exceção da Praça Adami que, naquela época, era um pequeno monte com mais de 3 metros de altura onde muita gente se apinhava com medo da água que avançava.

As casas de bloco e os barracos eram tragados pelo rio por uma força natural como se fossem de papelão. Nada que a enchente do rio Cachoeira não arrastasse: casas, pontes, toras de madeira, sofás, camas e outros objetos, mas o que chamava

* Licenciado em Filosofia/Matemática, Pós-graduado em Psicopedagogia. Membro Fundador da Academia de Letras de Itabuna - ALITA. Autor de 24 livros (romances, crônicas, contos, cartas, etc.), impressos e em PDF, publicados nos principais sites literários do país. "A Enchente" (Capítulo 27, "A Face Obscura do Homem"), livro de sua autoria. E-mail: rilvan.santana@yahoo.com.br

mais a atenção era a lâmina de baronesa que se formava por quilômetros com o rio seco e quando a enchente ocorria, a esteira de baronesa deslizava na água, uniforme, suave e bela, levando em cima de suas folhas e bulbos, galináceos, cobras, lavadeiras, garças e até caititus.

No infortúnio é que se descobre a grandeza da alma humana; não faltava voluntário para socorrer algum sobrevivente desesperado que se agarrava à cumeeira de uma casa submersa ou algum naufrago que na agonia clamava por socorro, geralmente, com um dos braços estendido e dando os últimos nados de cansado. Botes inflados e canoas deslizavam nas águas em lugares de ruas submersas procurando gente desabrigada.

Essa enchente de 1954 foi uma enchente menor do que a enchente de 1914 e menor ainda do que a enchente de 1967, mas de igual valor destrutivo. Não houve registro histórico; sua transmissão foi oral, das pessoas sofridas, das pessoas que perderam o pouco que tinham. Foi uma enchente *sui generis*, sem as chuvas torrenciais das outras, pegou todos os habitantes citadinos de surpresa. É que as chuvas torrenciais começaram na Serra de Itaraca, município de Vitória da Conquista, abundaram nas cabeceiras dos rios Salgado e Colônia, e desaguaram no Rio Cachoeira de Itabuna.

O rio Cachoeira pouco e pouco foi subindo, ultrapassando margens, penetrando nas casas ribeirinhas, tomando ruas, formando lagos e outros rios num quadro de cenas horríveis, dantescas, destruindo sonhos e aumentando a leva de miseráveis da cidade.

Porém, a molecada nem estava aí, brincava de picula, nadava (as águas do rio Cachoeira nem eram tão poluídas), soltava barquinhos de papel nas correntezas, enfim, a molecada pintava o sete...

Imagens do cotidiano

Ceres Marylise*

Ainda não havia entardecido. De repente, o sol escondeu-se atrás de um manto cinzento de nuvens e trinados curtos e repetidos chamaram minha atenção: eram pássaros buscando abrigo nas árvores. Pingos fortes de chuva começaram a cair. Entrei correndo numa cafeteria que costumava frequentar e sentei-me na mesa junto à janela de vidro.

Lá fora, a chuva realçava o colorido das flores nos canteiros e dava mais brilho às árvores da praça. Através da água da chuva escorrendo pelo vidro, pus-me a observar

* Natural de Ubaitaba, Sul da Bahia, graduada em Pedagogia e Letras, pós-graduada lato sensu em Alfabetização com concentração na área de Linguística e pós-graduada stricto sensu em Linguística, é docente aposentada pela Universidade do Estado da Bahia, onde também ocupou os cargos administrativos de Coordenadora de GT de Implantação dos *Campi* XIII e XX, Diretora do *Campus* XIII, Chefe de Departamento do *Campus* XIII e Coordenadora de Colegiado de Curso no *Campus* XX. Possui produção literária publicada no Brasil e no exterior em várias antologias, inclusive bilíngues, e é autora do livro *Atalhos e Descaminhos* lançado em Brasília no XI Encontro Internacional de Escritoras, no Salão do Livro em Paris - França e nas Bienais do Rio de Janeiro e São Paulo. É associada efetiva do *Rotary International*, onde assumiu os cargos de Presidente de Clube, Presidente de Imagem Pública, Presidente de Desenvolvimento do Quadro Associativo, *International President District Scholarship Subcommittee Chair - District 4391 and Honorary Member*. Membro efetivo da Academia Brasileira Rotária de Letras - ABROL, do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia - IGHB, da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia da Bahia, faz parte de diversas instituições literárias no Brasil e no exterior. Na Academia de Letras de Itabuna - ALITA, ocupa a Cadeira 16 e tem como Patrono, Abel Pereira.

detalhes da vida em meu entorno com registros costumeiros, curiosos e até, indecifráveis.

Esgueirando-se entre a parede e a porta de entrada da cafeteria para livrar-se da chuva, um senhor humilde aguardava quem ao sair do local lhe desse algum resto de lanche ou alguns trocados.

À minha frente, uma senhora sentada em outra mesa, parecia não estar feliz; seu rosto mostrava muita tristeza, mas logo corriji meu pensamento: nem sempre quem sorri está feliz; os humanos têm muitas faces que podem não revelar o que realmente sentem.

Sorridente, um grupo barulhento de adolescentes entrou na cafeteria para abrigar-se da chuva e logo saiu correndo com euforia e inquietação próprias da idade.

Senti falta daquele jovem casal que morava na casa ao lado e que, sempre no mesmo horário, transbordante de felicidade, abraçado ou de mãos dadas, entrava na cafeteria. A mesa em que costumavam sentar estava vazia. A casa deles estava fechada e o jardim, murcho e maltratado. Ao perceber-me pensativa a olhar a mesa vazia, a garçonete, servindo-me mais um cafezinho com leite, informou que haviam se separado.

Nestes tempos de tantos desencantos e desencontros, enriquecemo-nos de suposições e criamos caminhos, mas nem sempre cenários e pessoas que observamos transitando costumeiramente por onde estamos, comprovam a realidade e nossas divagações. Esse espaço de contradições entre o real e as profundezas da alma, onde o entendimento atravessa a complexidade dos sentidos na experiência do viver, o que me parece óbvio pode ser irreal e incompreensível para outros.

O ideal é que possamos extrair e selecionar do cotidiano, apenas as imagens positivas que façam parte do nós mesmos com outros e nos impulsionem com a esperança renovada, como o abraço afetuoso entre aqueles amigos que

se reencontraram sob a chuva, a mãe cuidadosa e protetora que aconchegou seu filhinho ao peito para não se molhar, o sorriso afetuoso da garçonete que ajudou a abrir o guarda-chuva para o casal de idosos que saía, o cachorrinho que sacudiu os pelos para livrar-se da água da chuva e correu ao encontro de seu dono, o homem que saiu e entregou algumas moedas ao senhor que se esgueirava entre a parede e a porta da cafeteria, os pássaros que ainda procuravam abrigo nas árvores da praça...

Sim, porque são esses registros positivos que beneficiam e renovam nossas energias e nossas esperanças, das quais tanto necessitamos nos dias atuais.

Terra que mana leite e mel

Clóvis Silveira Góis Júnior*

A família crescida, a rudeza do trabalho na roça, e o cansaço da terra, que não mais produzia como outrora, impelia seu José Alves a um matutar constante. Chapada dos Índios já não bastava!

Um fato ocorrido entre familiares próximos o encheu de esperança. Um cunhado¹, Félix Severino de Oliveira², em período não distante, ainda na primeira metade do século XIX³

* Casado com a pedagoga Iara Souza Setenta Góis, com quem tem dois filhos: Felipe Setenta Góis e João Marcos Setenta Góis. Servidor público federal da Justiça do Trabalho há 37 anos. Graduado em Administração e licenciado em História. Administra o perfil @ historiagrapiauna. Publicou dois livros: “A Gênese do Adventismo Grapiúna” e “Sequeiro do Espinho: passos de um conflito”. Na Academia de Letras de Itabuna - ALITA ocupa a Cadeira 34, tendo como patrono Jorge Calmon Moniz Bittercourt.

¹ MENEZES, 2005, p. 37.

² Também conhecido como Félix Severino do Amor Divino.

³ Há divergências quanto ao ano da chegada do pioneiro nas terras do sul baiano. Pelo menos quatro datas são apresentadas pelos memorialistas. 1) Moacir Garcia de Menezes, em “Recordações Históricas de Itabuna”, aponta **4 de fevereiro de 1841**, tendo como fontes orais entrevistas realizadas com: Odilon José de Oliveira, vulgo Nozinho, e Wilson José de Oliveira, ambos filhos de Cherubim José de Oliveira; também teriam informado esta data Quintino José de Souza e Raimundo Oliveira Lima; 2) Manoel Bomfim Fogueira, que viveu em Tabocas deste a primeira década do século XX, no seu “O Jequitibá da Taboca” garante que a chegada foi em **1849**; 3) José Dantas de Andrade, em “Documento Histórico Ilustrado de Itabuna”, e Helena Borborema, em “Terras do Sul”, advogam o ano de **1857** para vinda de Félix; 4) e ainda, Adelindo Kfoury, em “Itabuna, minha terra!”, defende o ano de **1859**.

teria migrado para o sul do estado da Bahia, buscando melhorias econômicas e maiores oportunidades para sua prole. As notícias do parente eram alvissareiras: a terra sulina “manava leite e mel⁴”, era uma espécie de Eldorado⁵, uma “terra sem males⁶”.

As mandiocas eram espessas e compridas, beiravam um metro cada raiz. Um único cacho de bananas alimentava uma família média por uma semana. A canjica, o cuscuz e o mingau de milho estavam garantidos na mesa o ano todo, pois as espigas eram cheias de grãos e de relevante tamanho. O café plantado era de qualidade superior e proporcionava boa renda para os agricultores e para os colhedores. Qualquer cereal era bem-vindo. O cacaueteiro, lavoura promissora, pretendido no mundo todo, já era exportado desde o ano de 1834⁷. Chovia em todas as estações. A terra era úbere e quase gratuita. Os ribeiros, com águas doces e cristalinas, nunca secavam.

Em Sergipe, as dificuldades eram enormes, os empecilhos ocorriam a todo momento, seria quase impossível qualquer cidadão mudar seus desígnios. Para se conseguir algo, “*tinha de roer unhas, guardar tostão por tostão, e, no final, amearhar alguma coisa*”.⁸

O bem-sucedido parente veio rever Sergipe e contar, pessoalmente, da disponibilidade e da fertilidade do solo baiano, e ainda das abundâncias das chuvas e ribeirões.

⁴ A expressão é retirada do texto bíblico (Josué 5:6) e possui a conotação de um local próspero de onde obtém-se riqueza rapidamente.

⁵ “Eldorado” é uma antiga lenda disseminada na época da colonização da América que atraiu muitos aventureiros europeus. As notícias espalhadas indicavam uma suposta cidade construída de ouro puro, garantindo opulência para quem a encontrasse.

⁶ Termo proveniente da mitologia guarani que prenunciava o advento de uma terra ideal, onde não haveria fome, guerras ou doenças.

⁷ GARCEZ; MATTOSO, 1976, p. 582.

⁸ PEREIRA FILHO, 1960, p.28.

Um ímpeto dominou o interior do patriarca José Alves. Coragem não faltava àquele sergipano. Decidiu, portanto, mudar seu destino. Resolveu vender sua reduzida propriedade rural, negociar seus parcos animais e se desfazer dos minguados pertences materiais. Rumaria para o sul da Bahia! Restaram-lhe somente algumas ferramentas, documentos pessoais, rotas vestimentas e uns poucos réis resultantes de suas vendas.

Em fevereiro de 1867, em companhia de outros destemidos sergipanos, deram adeus ao torrão natal seu José Alves, dona Maria do Carmo e seus filhos⁹: Catarina, Antônia, José Firmino e Eugênia¹⁰.

Sobre um ruidoso carro de boi foram colocados os carecos, e sobre os lombos dos burros alugados montaram os familiares em direção ao porto de Estância, na foz do Rio Real, direção costeira mais próxima. Lá, comprados os bilhetes de passagens para o Vapor da Companhia Bahiana de Navegação, subiram a bordo e se arrumaram na proa.

Na segunda classe dos viajantes, melhor espaço que puderam custear, a viagem seguiria até o porto da Bahia. Dividiriam o espaço com cargas de açúcar, café, algodão, fumo e couro; além da companhia de pequenos animais domésticos, ou mesmo, eventualmente, algum animal de grande porte, tipo boi, cavalo e burro. Naquela navegação de cabotagem, o trecho marítimo facilmente duraria 12 horas, caso não houvesse escalas. Com paradas em portos intermediários para acesso/descida de passageiros, ou mesmo visando ao abastecimento de carvão, poderia durar mais de 24 horas.¹¹

⁹ Segundo relato do historiógrafo Moacir Garcia de Menezes, Vespasiano e Alexandrina também foram irmãs de Firmino Alves, embora não constem da relação dos outros memorialistas itabunenses. O primeiro teria falecido em Itabuna, aos 19 anos, de “congestão cerebral”; e Alexandrina, que sofria de epilepsia, em um de seus ataques teria morrido, aos 15 anos.

¹⁰ Os mais novos, Vespasiano e Alexandrina, nasceriam em Tabocas.

¹¹ SAMPAIO, 2006, p. 224, 231 e 234

Na capital baiana, alquebrados e nauseados pelos remexos das ondas no casco da embarcação, trocaram de vapor; agora viajariam pelo “Victória”, propriedade da Lloyd Brasileiro¹², e seguiriam com destino ao sul do estado.

No pequeno navio sentiram frio, pois estavam desguarnecidos de indumentária apropriada, e também em decorrência da brisa marítima e do próprio clima sulino. De longe, avistaram uma vegetação totalmente diferenciada, eram as matas do sul da Bahia. Inicialmente, azuis, quanto mais próximos ficavam da costa, verdes, intensamente verdes. Uma imensidão, um arvoredo sem fim. Acostumado aos campos livres sergipanos, logo, logo conheceriam, desbravariam e colonizariam a hileia baiana.

A parada final da longa viagem ocorreu no pequeno porto flúvio-marítimo da Baía do Pontal. Sem ponte de desembarque, a descida do vapor, e conseqüente chegada em terra firme, era feita via armações de tábuas elevadas sobre canoas. Ilhéus era uma pequena vila, onde em sua área urbana e circunvizinhança habitavam umas 5.000 almas.¹³ A maioria daqueles 24 sergipanos nunca havia chegado tão longe. Era um mundo totalmente novo e desafiador.

Os pertences foram amontoados no cais. Fizeram rápida refeição, à base de farinha e carne seca. Descansaram um pouco e se prepararam para seguir viagem. O destino final dos migrantes era o Sítio dos Sergipanos, também conhecido como Marimbeta, muitos quilômetros rio acima. Seguiriam beirando o rio Cachoeira. O percurso seria dificultado e a lonjura ampliada, tendo em vista os inúmeros obstáculos, tais como mata fechada, lamaçal, animais selvagens, cobras venenosas,

¹² SILVEIRA, 2002, p. 22.

¹³ O censo de 1872 indicou 5.682 moradores em Ilhéus, incluindo a região do futuro arraial de “Tabocas” e o distrito de “Cachoeira de Itabuna”. População livre: 4.631; Escravizados: 1051 (sendo 555 mulheres e 496 homens). Fonte: IBGE (<https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo>).

mosquitos virulentos, dezenas de ribeirões e indígenas que andavam à espreita, tentando impedir a ação de estranhos sobre suas terras.

A nova empreitada duraria, no mínimo, dois dias. Seguiram a pé. A certa altura, nas terras do coronel José Gomes do Amaral Pacheco, na Fazenda Santa Luzia, imediações da atual sede da CEPLAC¹⁴, arriaram as cargas e pararam para descansar. Contaram com a bondosa aquiescência do proprietário, que via naqueles nortistas pilastras do desenvolvimento da região cacaeira.

Restaurados fisicamente, seguiram viagem, passando pelos Quiricós¹⁵ e Mutucugê¹⁶. Encontraram outros andarilhos e alguns tropeiros que iriam para a povoação das Ferradas, antigo aldeamento indígena localizado na beira da vetusta estrada da Vila Imperial de Conquista. Passaram, também, pelo arruado¹⁷ do seu Manoel Cidade, que já existia nas adjacências do ribeirão Água Branca. Por fim, em 3 de março de 1867, chegaram a Marimbeta (depois, Tabocas), terras de Félix Severino, ponto final da viagem. José Firmino Alves contava com 14 anos de idade. Seu futuro estava para sempre entrelaçado à cidade que surgiria dali.

A família de seu José Alves, tempos depois, resolveu abrir roça em local diverso, na Burundanga¹⁸. Adquiriu terras de sertanejos que já habitavam o lugar: Rufino e Cândido Xodó, velhos agricultores e pescadores. Além da lavoura, pai e filho estabeleceram uma rancharia, entreposto para viajantes e tropeiros. Ali vendiam víveres e alugavam pastarias. Firmino, visionário, conhecendo os cacaeiros já cultivados

¹⁴ BARRETO, 2001, p. 212.

¹⁵ Atuais “Atacadão” e “Cidadelle House”.

¹⁶ Adjacências da Fazenda Progresso e o bairro São Judas.

¹⁷ Antigo “Caldeirão Sem Tampa”. Atual bairro de Fátima.

¹⁸ Atual local do Aeroporto Tertuliano Guedes de Pinho.

na Colônia Estrangeira de Ilhéus¹⁹, traz sementes para serem plantadas em sua fazenda.

Em 1878, aumentado o número de moradores e choupanas, é levada a primeira professora, dona Maria Rosa de Jesus (Rosa Camarão), dando início a um dos primeiros empreendimentos educacionais da futura Itabuna.

Assim, Burundanga e as vizinhas Tabocas e Caldeirão Sem Tampa, emergiam como núcleos habitacionais primitivos, arruados formadores da futura Itabuna.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Raymundo Sá. **Sá Barreto: Série Preservação da Memória Regional - Testemunhos para a História**. Janete Ruiz de Macedo (coordenadora) e Antônio Fernando Guerreiro de Freitas (organizador). Ilhéus, Editus, 2001.

FREIRE, José Alves de Souza. **Firmino Alves: fundador de Itabuna**. Itabuna: Itagraf, 1963.

GARCEZ, Angelina Nobre Rolim; MATTOSO, Kátia M. de Queirós. **Introdução ao estudo dos mecanismos de formação da propriedade no eixo Ilhéus-Itabuna - 1890-1930**. In: VIII SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 8, 1975, Aracaju. ‘A propriedade rural’. São Paulo: FFLCH-USP, 1976. v.2.

MENEZES, Moacir Garcia. **Recordações Históricas de Itabuna**. Ibicarai: Via Litterarum, 2005.

PEREIRA FILHO, Carlos. *Terras de Itabuna*. Rio de Janeiro: Editora Nacional de Direito. 1960.

¹⁹ Imediações do “Banco da Vitória” e a “Fazenda Cordilheira”. FREIRE, 1963, p. 6.

SAMPAIO, Marcos Guedes Vaz. **Uma contribuição à história dos transportes no Brasil: a Companhia Bahiana de Navegação a vapor (1839-1894)**. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2006.

SILVEIRA, Adelindo Kfoury. **Itabuna, minha terra!** 2ª. edição. Salvador: Gráfica Santa Helena, 2002, p. 22.

Coisas da Vida (ou de novo "O Homem Nu")

Gustavo Cunha*

Você já leu "O Homem Nu", uma crônica de Fernando Sabino de 1984?

Nela é narrada a história de um homem que deixa sem querer a porta bater e fica nu, sem a chave, do lado de fora. Aconteceu algo parecido comigo hoje.

O vento bateu a porta enquanto eu ia pegar uma planta que ainda não tinha colocado para dentro de casa.

Entrei em pânico: Subi a escada, toquei a campainha do vizinho de cima e me escondi. Iria lhe pedir uma bermuda ou qualquer outra coisa para me vestir. Ninguém atendeu (ele não estava em casa).

Voltei para o meu andar enquanto, tenso, imaginava o que fazer. Arrisquei descer pelo elevador e arquitetei o seguinte

* Nascido em Ilhéus-BA, é médico infectologista graduado pela Escola de Medicina e Saúde Pública da Bahia, pós-graduado em Saúde Pública pela Universidade de Ribeirão Preto de São Paulo, membro titular da Sociedade Brasileira de Infectologia, Presidente da Comissão de Controle de Infecção Hospitalar do Hospital Regional Costa do Cacau, Presidente da Comissão de Controle de Infecção Hospitalar do Hospital Materno-infantil Doutor Joaquim Sampaio, médico referência em ISTs-HIV/AIDS do Município de Ilhéus, médico referência em leishmaniose do município de Ilhéus, médico efetivo da Secretaria de Saúde do Estado da Bahia. É também escritor e poeta com poesias publicadas nas revistas da Academia de Letras de Ilhéus, onde ocupa a Cadeira 05, cujo Patrono é Anísio Melhor, e onde em 04 de maio de 2012 foi lançado o seu Romance "Chácara das Tormentas". Na Academia de Letras de Itabuna ocupa a Cadeira 19, cujo Patrono é Aracyldo Carvalho Marques.

plano: mentiria para quem tentasse entrar dizendo que eu estava com suspeita de meningite, a única doença que todo mundo ainda tem medo, para que não entrassem no elevador e se deparassem com aquela cena deplorável.

Tinha que ser meningite.

Nem COVID o povo respeita mais.

Foi a descida mais dramática desde que me mudei para o condomínio.

Ao chegar no primeiro andar, o elevador diminuiu a velocidade e pensei: é agora! Vou ter que segurar a porta e gritar: Tô com meningite! Felizmente era só a redução para chegar à garagem com suavidade.

Verifiquei se havia algum morador na área e, ao constatar que não havia uma viva alma por ali, escondi-me atrás do meu carro e gritei o porteiro pedindo em seguida o seu celular para fazer uma chamada.

Liguei para minha irmã (único número que tenho gravado na memória nesses tempos de agenda digital). Cinco tentativas sem sucesso. Na sexta vez ela também não atendeu (certamente por ser número desconhecido). Ainda me escondendo atrás do carro, pedi ao porteiro para ele conseguir o número da escola onde estuda o meu filho. De pronto ele conseguiu e então fiz a ligação salvadora que me tiraria daquela situação vexatória.

Logo consegui falar com a coordenadora que, para minha sorte, me conhece. O pequeno ficou sabendo de toda a confusão e foi autorizado a sair da aula para me trazer a chave de casa.

Aguardei o porteiro desaparecer e corri de novo para o elevador desejando e orando para não cruzar com ninguém. Minhas preces foram ouvidas.

Alcansei meu andar e minutos depois meu filho chegava perguntando, em tom de exclamação ao me ver:

- Pai, você saiu para pegar a planta de sunga e de meias?

Minha resposta foi:

- Pois é, o sol estava tão bonito que eu daria um mergulho depois de colocar a planta para dentro, mas aí a porta bateu e o resto você já sabe. Felizmente ninguém me viu assim. O que fariam se me vissem de sunga e de meias por aí?

E ele, com toda sua sabedoria juvenil, finaliza:

- Era só tirar as meias que ninguém estranharia.

Resenhas

A poética do desamparo em 'Infância com Bicho e Pesadelo'

Raquel Rocha*

A pequena novela "Infância com Bicho e Pesadelo", que integra o livro *Infância com Bicho e Pesadelo e Outras Histórias*, de Cyro de Mattos, Prêmio Literário Internacional Casa das Américas 2023, em Cuba, conta uma história de amor de um menino pelos bichos e a perseguição de um pai que tudo faz para findar essa relação.

O conto explora temas como memória e solidão no contexto de uma atmosfera que oscila entre o real e o imaginário. Através de uma linguagem poética, Cyro desenha o retrato de um sobrado em ruínas, associado a almas condenadas, o cenário principal para a trama que acontece entre o passado e o presente, a infância e a velhice, o humano e o sobrenatural.

O sobrado, com sua história de glória e seu presente de decadência, é um espelho da vida do personagem Mundinho,

* Graduada em Psicologia, em Comunicação Social e em Ciências Econômicas. Pós-graduada em Saúde Mental, Neuropsicologia e Terapia Familiar. Como cineasta, dirigiu os seguintes documentários: *Nos trilhos do tempo* (2009), *Itabuna 100 anos- a história contada* (2010), *Ferradas- um berço amado* (2011), *Pecado perdoado* (2011), *Onde planto uma canção* (2012), *Cacau para sempre* (2012), *Nadja* (2013) e *Waldomiro volta pra casa* (2014). Foi premiada no concurso *Metamorfoses do Cacau*, promovido pelo Goethe Institut - Salvador. No Teatro produziu a "Paixão de Cristo em cordel" e foi diretora da peça "Enfant terrible - o cinza". No campo da Comunicação também desenvolve trabalhos como Apresentadora de TV e escreve artigos para jornais e revistas. Na Academia de Letras de Itabuna - ALITA, ocupa a Cadeira 25, cuja patrona é Elvira Foepel.

apresentado tão desolado quanto o ambiente que o circunda. As lembranças de tempos mais felizes, contrastadas com a realidade sombria e solitária de sua existência atual, são narradas com uma riqueza de detalhes que não apenas concretiza o cenário, mas também escancara a sensação de solidão do protagonista.

Na infância, Mundinho compartilha essa solidão com o gato Sarampelo. O pequeno animal simboliza pureza e inocência, além de ser um refúgio emocional para Mundinho. A existência de Sarampelo é frequentemente ameaçada pelo pai de Mundinho, que desaprova e até age com violência contra os animais trazidos pelo filho para casa. O relacionamento entre Mundinho e seu gato evidencia a falta de afeto nas interações humanas de Mundinho, especialmente com seu pai.

O pai de Mundinho emerge nas páginas do conto como um homem de rigidez intransigente, cuja presença impõe medo ao filho. Com gestos bruscos e palavras ásperas, ele expulsa da casa tanto a ternura quanto as criaturas que Mundinho tanto ama, tentando moldar o menino a uma imagem mais dura e mais fria, como a sua própria. A mãe de Mundinho, na cadeira de rodas, é uma presença quase etérea na vida do menino, marcada por uma aura de melancolia e doença.

Por isso a relação entre Mundinho e Sarampelo é tão lúdica e, ao mesmo tempo, tão profunda. É um reflexo de como, em um mundo onde os laços humanos falharam, a companhia de um animal pode oferecer alento. Através das interações silenciosas e dos laços formados com o gato, o conto delicadamente desvela as camadas de uma alma que, apesar das adversidades, mantém a capacidade de dar e receber amor.

A narrativa conduz o leitor por um entrelaçado de memórias que fundem espaços de tempo, iluminando a natureza complexa das vivências do menino que moldam o adulto, mostrando que as marcas deixadas pelos relacionamentos

e experiências da infância são duradouras e refletem a personalidade e as escolhas na vida adulta. Cyro não só captura a essência da condição humana, mas também provoca uma reflexão psicanalítica sobre como o passado influencia incessantemente quem nos tornamos.

A escolha das palavras e o ritmo da narrativa contribuem para uma atmosfera que contrasta luz e escuridão, onde o sobrenatural parece sempre à espreita, tocando os limites da realidade percebida pelo protagonista e pelo leitor. A cada página, Cyro de Mattos nos conduz através de uma viagem introspectiva sem revelar completamente seu destino. A obra destaca-se por sua habilidade em envolver e inquietar.

Envolve e inquieta porque no coração de "Infância com Bicho e Pesadelo" jaz uma exploração tocante da busca de Mundinho por vínculo em um mundo que muitas vezes parece implacável e frio. É um retrato poético da vulnerabilidade do espírito humano, capturando não só o conflito entre a crueldade e a compaixão, mas o poder redentor dos laços simples, porém profundos, que nos definem e nos sustentam.

REFERÊNCIA

MATTOS, Cyro de. **Infância com Bicho e Pesadelo e Outras Histórias**, Premio Literário Casa de las Americas, 2023, Havana - Cuba: Editora Almedina, Coimbra, Portugal, 2023, E Book; *Infancia con Animal y Pesadilla*, Fondo Editorial Casa de las Americas, Havana, Cuba, 2024.

Sonhos de Viver

Maria de Lourdes Netto Simões*

Os seis contos que integram o livro **Sonhos de Viver**, de Aleilton Fonseca, são mesmo contos exemplares, como bem disse André Seffrin, no prefácio que abre o livro.

A dedicatória já dá pista ao leitor sobre o pessoano “fingimento” do narrador. E a “dor que deveras sente” pode ser sentida ao longo dos contos, por nuances diversas: seja na temática que evidencia sempre o singular olhar de viveres diversos: seja na linguagem lírica que potencializa a sua observação da vida; seja nos temas de cada conto, temas esses relacionados, de uma forma ou outra, aos sonhos, às artes e à natureza.

Em todos os contos, forte é o sentimento do outro, a solidariedade, a humanidade. Assim, elegendo personagens menos favorecidos que, no entanto, habitam e convivem com a faixa mais abastada da sociedade, AF foca-os ressaltando, com especial sensibilidade, os abismos sociais, que povoam sonhos de viver, na ficção e na vida...

* Doutora em Estudos Portugueses e Pós-Doc em Literatura Comparada e em Turismo Cultural (UNL, Portugal). Professora Titular aposentada/UESC, onde foi pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação e pesquisadora CNPq. Comendadora da Ordem do Ensino Público (Portugal); Mérito São Jorge dos Ilhéus (Bahia, Brasil). Produção científica em literatura e turismo, publicada em livros, artigos e documentários, no Brasil e exterior. Autoficção: **A Casinha-que-anda, em uma aventura inesquecível**, FUNARTE, 2010. Integra as Academias de Letras de Ilhéus (Cadeira 19) e de Letras de Itabuna (Cadeira 31).

O primeiro conto, *Os Acordes da Banda*, encanta pelo sentimento contido nas ações do maestro Chico Augusto; por seu grande amor à arte a ponto de perdoar uma tão grande traição do maestro Lídio.

As Lições do Jardineiro faz pensar e entender como aprender a cultivar jardins de vida. Neles, lindas rosas que simbolizam sonhos, “o jardineiro é [...] um poeta das plantas e das flores” (p.40).

O olhar pelo foco social – *Vidas de Barro, O homem da Calçada e Diarista Exemplar* – evidenciam a luta dos mais fracos, ressaltando o amor que dá força para vencer até intempéries, mesmo ante a indiferença dos mais aquinhoados.

Mas é o conto Dona Tute que fecha, com chave de ouro, a proposta anunciada na dedicatória e sutilmente revelada pelo narrador ao falar do “filho adotivo. Ele que agora reinventa, nesta escrita, as suas aventuras, com as cores e as metáforas do coração [...] para celebrar a sua trajetória de vida” (p.62). Uma bela homenagem a quem o livro é dedicado!

REFERÊNCIA

FONSECA, Aleilton. **Sonhos de Viver**. Salvador: Camarurê Publicações, 2022.

Cântico de Insurgência e Devoção

Maria de Lourdes Netto Simões*

Cântico de Insurgência e Devoção, de Rafael Gama, pela dialética e pela sutil rebelião aos códigos estabelecidos, instiga à leitura. A linguagem poética é realizada em leveza, rapidez e provocações filosóficas. É uma escrita intelectualizada sem ser *snobe*. Sutilmente, oferece ao leitor *links* e ganchos que vão desde a história social das ideias, das questões religiosas às existenciais... Olhares que vão desde a tradição, aos dias atuais – as duas partes em que estrutura o texto: Cânticos de Insurgência; Cânticos de Devoção.

De saída, o título do livro insinua a aceitação ao consagrado e instala a reflexão entre a insubordinação e a fé. Mas o texto não fica aí. O olhar alargado pela reflexão filosófica ocorre desde a sua estruturação. E o trato cuidadoso que faz da linguagem imprime a plurissignificação.

A estrutura, bem articulada, contribui para a significação. As epígrafes introdutórias do livro, como também as que abrem e finalizam cada uma das duas partes são mesmo, com muita propriedade, síntese do texto poético.

* Doutora em Estudos Portugueses e Pós-Doc em Literatura Comparada e em Turismo Cultural (UNL, Portugal). Professora Titular aposentada/UESC, onde foi pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação e pesquisadora CNPq. Comendadora da Ordem do Ensino Público (Portugal); Mérito São Jorge dos Ilhéus (Bahia, Brasil). Produção científica em literatura e turismo, publicada em livros, artigos e documentários, no Brasil e exterior. Autoficção: **A Casinha-que-anda, em uma aventura inesquecível**, FUNARTE, 2010. Integra as Academias de Letras de Ilhéus (Cadeira 19) e de Letras de Itabuna (Cadeira 31).

Os Cânticos de Insurgência, primeira parte do livro, são arrebatadores em observar a dinâmica da vida: “Reverenciou o sagrado / Flertou com o profano / Não satisfeito com a vida condicionada / Olhou para a contradição / E viu que era bom...” (p.16)

E é bem assim: “O risco é tempero à vida!” (p.22). E claro, “Todos estão em busca/ Mesmo os que disso não se dão conta/ Estão a buscar” (p.24). Até mesmo a presença de Spinoza confirma o olhar na forma de subverter a liturgia, buscando, inquieto, em terreiros ou igrejas, o eu lírico diz “O santo me leva!” (p. 39)

E, sempre buscando a essência, faz a crítica dos tempos, com o olhar ao social, à liberdade e ao outro... mas ainda assim, é Errante (p. 34), sempre à procura de si mesmo... insurgente!

Sem afirmar, confirma a busca poética e de vida. Conclui o livro com a forte ideia de compartilhamento, que é marca e presença em todo o texto. “A santidade não almejo, sabedoria é o que desejo/ Coerência é diretriz, o fazer é o caminho/ Trajetória partilhada/ Nunca ação do eu sozinho” (p.59).

O texto, realizado em coerência de um pensar poético e límpido, é mesmo “para quem vive sob a constante tensão entre o encantamento e a insurgência” tal como diz a dedicatória que abre o livro.

REFERÊNCIA

MOREIRA, Rafael Gama. **Cântico de Insurgência e Devoção**, Ibicaraí: Via Litterarum, 2023

Os atalhos e descaminhos na poesia de Ceres Marylise

Kleber Torres*

Depois de participar de mais de 50 antologias com publicação de poemas no Brasil e em diversos países, inclusive do continente europeu, Ceres Marylise em seu livro “Atalhos e Descaminhos”, lançado pela Mondrongo, mostra domínio da linguagem de forma direta e objetiva, sem artifícios. Formada em Pedagogia e Letras, com pós-graduação stricto sensu em Linguística, ela considera ler e escrever como um vício e um encontro, tendo colaborado com diversas publicações nas revistas lusófonas Fênix, Eisfluências, revistas gaúchas CAOSótica e Caravela, e eventualmente, em jornais regionais.

O livro solo tem como referências o crítico Hélio Pólvoira, para quem Ceres Marylise “devolve a poesia ao seu estado natural, emotivo, encantatório – e portanto verdadeiro – de água a escorrer”. Para ele, a sua arte poética transcende os limites do território pessoal, funcionando como uma caixa de percussão e ressonância dos sentimentos expostos pelo cancionista geral das nossas vidas.

Para o escritor e jornalista Antônio Lopes, “ela faz versos como quem ama, deseja dizer isso e ganhar a cumplicidade do leitor”. Destaca, ainda, a rima e o ritmo dos poemas,

* Escritor, jornalista, autor de vários livros como Objeto Direto, Ensaios Inúteis sobre o Nada (poesia) e Chumbo Grosso (contos), integra a AGRAL – Academia Grapiúna de Artes e Letras e é apresentador do programa #oassuntoé, na TVI.

complementados por metáforas de altíssima expressividade, o que acaba mexendo com os sentimentos universais do leitor.

Maria Sánchez Fernandez, escritora e poeta espanhola, considera que a poesia de Ceres Marylise é rica, real e pega na terra como a vida e o poeta. O professor angolano António Castel-Branco vê na sua poética a visão de uma artista que vê o mundo com amor na busca de sua perfeição entre os homens.

“Atalhos e Descaminhos’ é dividido em temas como Sagrado, Espiritual, Viagem no Tempo, Mulher, Devaneios, A vida como ela é e In memoriam, onde homenageia os seus mortos depois da vida transitória, e em Quase setenta, onde revela intimista que “minhas histórias, essas nunca se apagarão porque estão gravadas no meu coração e suas cores nunca poderão ser mudadas”, para concluir que anda entre o mergulho e o voo, entre a incerteza e o medo da certeza, que são universais.

Em Sagrado, ela nos remete ao que considera transcendental na busca da essência de Deus, e no poema Insignificante ela admite que “não estava triste, não estava só / simplesmente estava / rodeada do vazio, de nada”. Em Moonlight, a poeta pergunta sobre “o que tens menina lua / nesse jeito tão sutil / que não consigo pintar / a alma do teu perfil?” Os poemas também fazem referências a alienígenas como em Abdução e Cósmica, mas pousam soturnos em Passarinhandando, que ganhou inclusive uma bonita versão musical, onde conclui:

“Se eu soubesse do teu canto, passarinho;
minha porta novamente se abriria;
mão aberta, suavemente te acolheria,
e facilmente iríamos voar, voar...”

Em Espiritual, Ceres nos revela suas visões interiores e em Viagem, diz: “Trago nos olhos as marcas / dos meus poentes e auroras; / nos meus barcos ancorados, / cores do ontem

e do agora.” Também fala da ressurreição e em Racional, nos revela poeticamente: “então, serei um ponto / no horizonte / e inventarei atalhos / para mim / caminhando devagar / pelos caminhos.”

No bloco da Viagem no tempo, ela diz no poema Saber de Mim, que “as gavetas devem estar abarrotadas / com tanta coisa inútil e empoeirada, / poemas murchos, flores ressecadas, / entristecidos, à espera da amada.” Em O tempo não para, conclui o poema destacando que “passaram a infância e a juventude, a solidão se faz amiga inseparável. / A vida então, aos poucos, perdeu o brilho, / e o tempo foi ficando insuportável.”

Também não falta tempo para a crítica política e social em poemas como Retorno, onde pergunta sobre “o que fizeram com a nossa cidade? / Não sei o que dizer, mas com certeza, / algo cobriu minhas lembranças lentamente / com tempestades cinzentas de tristeza”.

O tema Mulher tem como foco o universo feminino e propõe no poema Que minha vida não seja! - “que minha vida não seja, / um canteiro de renúncias / nem areia movediça / onde os sonhos se afundam.” Em Asas partidas, fala sobre a opressão feminina em ‘Mulher de burca / nunca pude ver teu riso, / és um pássaro enjaulado / pelo fundamentalismo / resignado soluço / de uma terrível injustiça.”

No poema Semente e lavra, dedicado à sua vó Carminha, Ceres termina lamentando que ela “voou sem avisar / deixando a porta aberta / como um convite / ou uma despedida.” Há ainda uma homenagem às mulheres mães e trabalhadoras.

Devaneios nos fala da vida, da solidão, das incertezas cotidianas e do Tempo de Abandono, indagando, “Que foi feito da luz dos nossos olhos / que ofuscava até a luz dos dias? / Que caminhos tomaram nossas mãos / que hoje pendem sem sonhos e vazias?” Há ainda humor no Poema Trigonométrico, que resgata a lembrança do primeiro namorado sempre às voltas com a Trigonometria, quando revela “desde quando

me entendo / sofro com a Matemática / na soma dos meus roteiros”, além de revelações sobre o jazz e o blues, que ensinam a esquecer a dor.

Em A vida como ela é, a poeta faz referências à família, às prostitutas, às guerras e à violência generalizada, incursionando no antigo universo dos jagunços que atuavam a mando dos coronéis do cacau e infestavam as terras do Sul da Bahia - a autora nasceu em Ubaitaba - e em uma de suas viagens pelo sertão em visita a uma propriedade - ‘casa grande construída por escravos’ - ela nos revela o trágico universo da senzala, onde num quarto dos fundos eram sepultados os escravos mortos no pelourinho, anônimos e sem cruzes que se transformaram em fantasmas.

REFERÊNCIA

SOUZA, Ceres Marylise Rebouças de. **Atalhos e descaminhos**, Editora Mondrongo: Itabuna - Bahia, 2014.

Dinheiro, poder e sangue: as disputas pelas terras do cacau no Sequeiro do Espinho

GÓIS JÚNIOR, Clóvis Silveira. 2020. Sequeiro do Espinho: passos de um conflito. Itabuna, BA, A5, 288 p.

Costa, Luiz Cláudio Zumaêta*

Clóvis Silveira Góis Júnior, é servidor público federal, graduado em Administração e licenciado em História, recentemente eleito para ocupar a 34ª cadeira da Academia de Letras de Itabuna (ALITA), no Sul da Bahia.

O dia a dia, utilizado como objeto de estudo, viabiliza a percepção das ações/transformações realizadas pelas “pessoas comuns”, transpondo a antiga ideia de que o cotidiano é intercedido de alienação. É preciso, contudo, entender que o cotidiano não deve ser tratado como uma mera descrição, desligado do seu contexto social. Bem como é preciso perceber a impossibilidade de “dividir” o que foi feito (“passado”) e o que está sendo feito (presente), pois, há entre eles, intercomunicações e reciprocidades mútuas.

Marc Bloch, nomeadamente, inferiu que a “apreensão do que é vivo, [...] com efeito, [é] a qualidade mestra do historiador” (BLOCH, 2001, p. 55). O historiador, assim sendo, é um formulador de questionamentos, um observador, um problematizador e um analista cuidadoso do presente. (COSTA, 2018, p. 08).

* Mestre em História do Brasil, pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus V*, Santo Antônio de Jesus - BA e membro efetivo da Academia Grapiúna de Letras.

Nesse contexto, especificamente, os conflitos pela posse das terras do cacau na região Sul da Bahia, na zona do Sequeiro do Espinho, atual município de Itajuípe, marcaram o segundo decênio dos anos 1900 e refletiram, grandemente, os interesses econômicos, políticos, e de mando dos envolvidos naquelas disputas. Este o cerne deste livro de Clóvis Júnior.

Os conflitos, portanto, que envolveram as famílias de Basílio de Oliveira, Sinhô Badaró (que virou personagem do romance “Terras do Sem-Fim” (1943), de Jorge Amado), e Juca Badaró (irmão de Sinhô), os jagunços, os bandoleiros Cauaços, e os grupos políticos estadual e municipal, compõem o enredo dessa obra. Que é, de fato, bem contextualizada ao tratar sobre aqueles conflitos do Sequeiro do Espinho (1918/1919), desde sua gênese, até suas implicações socioeconômicas e políticas, finais.

As brigas pela posse das terras do cacau eram frequentes, violentas e muitas vezes, envolviam a invasão de propriedades, a expulsão de pequenos agricultores e a destruição de plantações. As autoridades locais, *grosso modo*, movidas por seus interesses econômicos e políticos, não conseguiam, ou não lhes interessava mesmo, garantir a segurança e a justiça naquela zona do cacau.

Diante da leitura de “*Sequeiro do Espinho...*”, seja o leitor alguém do ramo, um historiador, por exemplo, ou um interessado nas histórias da região cacaueira, por certo, estes perceberão que a boa história que têm nas mãos, criteriosamente apoiada na análise rigorosa das fontes, é um livro muito bem estruturado e, fundamentalmente, objetivo.

A preocupação de Clóvis Júnior em contar as razões e os conflitos que se sucederam naquela zona do cacau, no Sul da Bahia, cercado-se de uma ampla base documental, não implica dizer que “*Sequeiro do Espinho...*” é um livro “mais para historiador” do que para o “leitor comum”. Não. Uma vez que o autor conseguiu, no transcurso de sua pesquisa, fundamentar uma história dinâmica, fluída e esclarecedora.

A estrutura do livro segue uma cronologia linear tradicional, porém, isso contribui no auxílio à melhor compreensão sobre aqueles conflitos. Já no “Prefácio”, a professora Doutora Janete Ruiz de Macedo, Titular Plena da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC - BA), destaca que “Clóvis Silveira Góis Júnior enfrenta muito bem a dificuldade, quanto às fontes, daqueles que se propõem a construir uma narrativa histórica regional.” E, desse enfrentamento, Clóvis Júnior saiu-se vitorioso.

Na “Apresentação”, o autor transcreve, integralmente, uma denúncia do vereador José Domingos da Silva, publicada pelo prestigiado colunista Samuel Celestino, no não menos prestigioso jornal *A Tarde*, periódico de grande circulação na época, onde o denunciante advertia sobre “o desaparecimento de documentos históricos do município [Itabuna], que datam de 1908 até o final da administração de Ubaldo Dantas [1988]”. Pouco mais à frente, a mesma denúncia, salientava: “(...) os livros de Tombo teriam sido vendidos há duas semanas à empresa *Só Sucatas*, que recicla papel.” E mais: “também foram vendidos balancetes mensais, documentos contábeis, e o Arquivo Geral, o chamado arquivo morto.” Por último, lembra o denunciante: “(...) a memória de Itabuna é um patrimônio de valor inestimável. [...]. É apurar e apurar sério.” (GÓIS JÚNIOR, 2020, p. 23).

Motivado por esse desejo de que, ao menos, parte da história itabunense e da Região Cacaueira, ainda tão cheias de “lacunas” e “brechas”, não se perdessem, foi que Clóvis Júnior, enfrentou aquelas referidas dificuldades quanto às fontes, propondo-se a contar os conflitos do Sequeiro do Espinho, também com o propósito de contribuir pelas preservações da memória e da história.

Então, enquanto o clima de beligerância se agravava a passos largos, os envolvidos, diretos e indiretos (inclua-se aqui também os jornais da época), preparavam-se para o inevitável: lutas sangrentas nas disputas pelas terras do cacau

daquela região. E toda a trajetória até os embates de fato, foram esclarecidas ao longo dos capítulos iniciais, até que, já no capítulo VII, o mais longo e detalhado dentre todos, Clóvis Júnior, então, discorre sobre a “Invasão à fazenda de Manoel Ignácio”, e o “Martírio e Morte de Berilo Deiró” (partidário dos Badarós). Aqui, é preciso salientar o grau de violência desenfreada naquela zona do Sequeiro do Espinho. A morte de Deiró é um exemplo da extrema violência que se passava naquela zona do Sequeiro:

arrancaram os olhos a faca [...] depois de cego, e banhado em sangue, o fizeram andar, debaixo de facão, *cahindo* aqui e, ali, acolá, entre vaias e gargalhadas dos bandidos, que sem grande demora o castraram e o mataram a faca. A imprensa garantia: não tínhamos ainda conhecimento de um caso revestido de tanta perversidade. (Jornal de Ilhéos, Ilhéus_BA, 9 fev. 1919, p. 2).

E os acontecimentos se sucedem em profusão: “Ameaça de invasão a Ilhéus e a chegada do Encouraçado”; “Desordens no Centro de Ilhéus”; “Indiciados os culpados”; “A provável soltura de Juca Badaró”; “Bandidos mortos e imóvel devolvido ao proprietário”; “Reestabelecida a Ordem no Sequeiro do Espinho” (embora o coronel Basílio de Oliveira permanecesse fora do alcance da justiça). Só em 1921 é que chegaram as primeiras notas sobre o julgamento de Basílio de Oliveira, o que, por sua vez, movimentou a imprensa, que então reavivou as notícias dos conflitos de 1918 e 1919.

No penúltimo capítulo - “Fim do conflito” - há “O julgamento de Basílio de Oliveira (1921)” e “Os vencidos”. Mais uma vez, Clóvis Júnior lança mão de sua capacidade de “envolver” o leitor, ao citar uma passagem do livro de Clodomir Xavier de Oliveira (“Pulu”, 1986), que por sua vez deu voz ao subdelegado Irênio, para expor a mortandade no Sequeiro:

Dinheiro, poder e sangue: as disputas pelas terras do cacau no Sequeiro do Espinho | 135

“(…) - Morreu gente que nem formiga. O rio ficou coalhado de cadáveres. Foi preciso empilhá-los e tocar fogo (...)” (OLIVEIRA, 1986, p. 10).

Então chegamos ao último capítulo - “O Sequeiro e seus atores em momento pós-conflito” - o leitor, aqui, passa a conhecer as mudanças políticas estadual e municipal, quando Clóvis Júnior analisa os fatos decorrentes delas - “Os opostos se atraem” -: “(...) Os grupos outrora beligerantes finalmente entenderam que seus inimigos maiores eram comuns e externos (...)” (GÓIS JÚNIOR, 2020, p. 234). As reviravoltas políticas foram tantas que resultou em “Basílio candidato à Prefeitura de Itabuna.”

Uma ressalva, contudo, parece oportuna, quanto à descrição dos envolvidos (Capítulo III), muitas vezes exagerada. Por exemplo: “(...) Basílio possuía um burro chamado Pagode (...)”. Decerto também que, para alguns, detalhes assim pitorescos valem muito a pena. E, certamente, esse “detalhe”, entre outros, não traz prejuízo à leitura.

Além de um ótimo conteúdo, a pesquisa de Clóvis Júnior é ricamente ilustrada. Há no livro dezenas de fotografias dos personagens diretamente envolvidos naqueles conflitos, dos familiares e dos locais onde ocorreram as desavenças. “*Sequeiro Do Espinho: passos de um conflito*” é, de fato, uma pesquisa histórica austera, combinada com uma escrita muito fluente e aprazível, que, entre outros aspectos, justificam sua leitura.

REFERÊNCIAS

BLOCH, Marc. ***Apologia da história, ou, O ofício de historiador***. Tradução, André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 55.

COSTA, Luiz Cláudio Zumaêta. CAMACÃ - BA: a cidade submersa entre os “frutos de ouro” (1979 - 1989). *Dissertação de Mestrado UNEB - Campus 5 - Santo Antônio de Jesus - BA*, 2018.

FALCÓN, G. A. de O. ***Os coronéis do cacau - raízes do mandonismo político em Ilhéus, 1890-1930***. 153 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - UFBA, Salvador, 1983.

_____. ***Coronéis do cacau***. Salvador: Solisluma, 2010.

GOIS JÚNIOR, Clóvis Silveira. ***Sequeiro do espinho: passos de um conflito*** - Itabuna, BA A5 Editora, 2020.

OLIVEIRA, C. X. de ***Pulu***. 2 ed. Itabuna: Cacau Letras, 1986.

Jornal de Ilhéos, Ilhéus_BA, 9 fev. 1919, p. 2

O Épica Brasileira de Sérgio Habib

Carlos Roberto Santos Araújo*

Sérgio Habib, autor de romances e ensaios literários, nos surpreende desta vez com um livro de poesia, *Épica Brasileira*, constituído de um único poema, em estilo camoniano, em dez cantos, 1.130 estrofes, e em 9.040 versos. Uma proeza. Trata-se de obra de grande fôlego, oceânica, a desafiar o espírito dispersivo do leitor moderno. É poema com sabor de epopeia, nesta época vertiginosa em que todos temos pressa de viver e em que os poemas se reduzem ao minimalismo das palavras e dos versos.

Impressiona que, em pequeno lapso de tempo (dois anos) de recolhimento em sua casa, durante a quarentena decorrente da pandemia da Covid, tenha se debruçado sobre tema tão grandioso, a formação histórica do Brasil, e nos ofertado, em versos penetrantes, esta celebração do Povo Brasileiro.

A estrutura do poema é de inspiração camoniana, em oitava rima, ou seja, estrofes de oito versos decassílabos. Este tipo de estrofe era conhecido como “medida nova”, e foi levado a Portugal por Sá de Miranda, marcando o início do Clasicismo Português. Sá de Miranda incorporou a nova poética renascentista ao seu próprio estilo. Aliás, ele demorou-se por largos anos na Itália, analisando, de visu, a intensidade desse grande movimento intelectual, a Renascença, que começava a tomar vulto em toda a Europa.

* Desembargador, ex-vice-presidente do Tribunal de Justiça do Estado da Bahia, poeta e escritor.

Aparentada com a estância, a oitava rima constituiu-se veículo ideal para largos poemas narrativos, desde que os grandes poetas épicos do Renascimento italiano a utilizaram nas suas obras: Ariosto em *Orlando Furioso* e Tasso na *Jerusalém Libertada*. E foi adotada por Luiz de Camões, para escrever a epopeia nacional portuguesa, *Os Lusíadas*, em 1572.

No Brasil, temos o *Caramuru*, de Santa Rita Durão, que exalta o descobrimento da Bahia e conta as aventuras do Diogo Álvares Correia, após naufrágio no litoral baiano. É exaltação da terra brasileira, na qual o indígena é visto como “bom selvagem”, e a narrativa tenta aproximar o índio da civilidade, e não apenas de catequizá-lo. O personagem Diogo se apaixona pela indígena Paraguaçu, com quem se casa:

De um varão em mil casos agitado,
Que as praias percorrendo do Ocidente,
Descobriu o Recôncavo afamado
Da capital brasílica potente:
Do Filho do Trovão denominado,
Que o peito domar soube à fera gente;
O valor cantarei na adversa sorte,
Pois só conheço herói quem nela é forte.

Tivemos também outro poema épico, escrito por Basílio da Gama em 1769, *O Uruguai*, em cinco cantos, porém em versos brancos, estrofação livre e linguagem direta, narrando a luta de portugueses e espanhóis contra os jesuítas nos Sete Povos das Missões, para executar as cláusulas do Tratado de Madrid, pelo qual os Sete Povos passariam a Portugal em troca da Colônia de Sacramento. É considerado marco na literatura brasileira representando rompimento com o modelo clássico do poema camoniano.

Na “Medida Nova”, de modelo camoniano, as rimas aparecem nos seguintes termos: o primeiro verso rima com o terceiro e o quinto; o segundo com o quatro e o sexto; e o sétimo e o oitavo rimam entre si (representadas pelo esquema ABABABCC).

No caso deste poema, Sérgio Habib inseriu ainda rimas internas com efeitos de assonâncias e aliterações.

Embora Sérgio Habib utilize a forma antiga, seu canto é moderno, sua linguagem, transfigurada, e grande é a musicalidade do seu verso:

“Meu canto, portanto, é um canto novo
Mas na linha antiga do passado,
Faz a elegia do meu povo,
Seu trajeto no mundo contado;
Meu poema é forte renovo
De um tempo em que foi ele humilhado.
Por isso, será puro e verdadeiro
O sincero perfil do brasileiro.”

A estrutura do seu poema é composta de dez cantos, através dos quais o poeta nos apresenta o tema da viagem dos descobridores ao Brasil, comandada pelos reis de Portugal para espalhar a fé cristã no Novo mundo. Iniciamos o poema com a partida das caravelas portuguesas: “Do Tejo partiu em caravelas uniformes/Para novas conquistas portuguesas/Não contava Cabral que rotas disformes/Empanassem tanto as suas proezas”.

E a partir daí o poema desenvolve todo um roteiro sentimental, uma viagem pela História do Brasil, passando, inicialmente, pelo espanto dos descobridores ante a majestade das matas e dos rios, o contato com tupinambás, tupiniquins, a conquista do litoral, onde durante muito tempo arranharam a praia como caranguejo, como diria o Frei Vicente de Salvador. Temos a fundação da cidade da Bahia, do Recife, de São Paulo, do Rio de Janeiro arrancado das mãos de pérfido Villegaignon.

Passamos, pois, pelo escravismo, a revolta de Zumbi, a presença holandesa, a luta pela liberdade cantada pelos poetas românticos. Cruzamos o ciclo do açúcar, do ouro, do café e de outros produtos agrícolas. E temos os episódios de lutas

e revoltas populares, a Independência, a Abolição, a República, o Movimento Modernista nas artes.

E assim encerra-se o poema:

“Eis que vai longe o senso desse poema
que tanto cantou a pátria amada,
cantou o heroico povo, o seu emblema,
num canto de forma atabalhoada;
por vezes enfrentou dilema
mas soube reconhecer a dura estrada;
que é chegada a hora de cerrar o pano
apagar as luzes deste teatro humano.”

E surge aos nossos olhos esta Terra de Vera Cruz, de Santa Cruz, Pindorama, Terra do Pau Brasil, Terra Papagalorum, Terra Brasilis, surge este poema forte e emocionado, como um jacarandá da Floresta Atlântica, de raízes profundas, tronco erétil e galharia portentosa. Um canto que mistura o sopro da tuba dos indígenas ao gemido das guitarras portuguesas e ao ritmo frenético dos atabaques. Um canto que associa todos os sangues nesta esquina do mundo, a seiva, as lágrimas, e o suor da terra. O poeta canta o assovio dos ventos, a voz da Mãe D'Água, os cantos dos Piagas, a embriaguez afrodisíaca deste País do Carnaval. Enfim, temos o canto de Sérgio Habib, onde a pátria é a mulher amorosa, amante verde, a selva de árvores imensas a gesticular as esperanças dos grandes horizontes.

Poesias

Cyro de Mattos*

Alguma Poesia

Rimancim de Areia e de Onda

- ah, verde esperar
- levo alvura de espuma
- meu suspirar, suspirar
- brincos de ouro, rara seda
- imagino teu divagar
- passo de nuvem, carícia
- minhas noites ao luar
- sonho de concha saberás
- como dói esse marulho
- cristal do vento saberás
- mais importa tua chegada
- minha canção no azular
- meu perfume marinheiro
- brilho de sol, marear
- sinto ciúmes da alba
- tenho ciúmes do ar
- que diria da aurora?

* Nasceu em Itabuna, no Sul da Bahia, é autor de 70 livros pessoais de diversos gêneros. Editado e publicado também em Portugal, Itália, Espanha, França, Alemanha, Dinamarca, Rússia, México, Cuba e Estados Unidos. Premiado no Brasil, Portugal, Itália, México e Cuba. Conquistou o Prêmio Casa das Américas 2023. Membro das Academias de Letras da Bahia, de Ilhéus e de Itabuna, primeiro Doutor Honoris Causa da Universidade Estadual de Santa Cruz (Sul da Bahia). Distinguido com a Medalha Zumbi dos Palmares da Câmara de Vereadores de Salvador e com a Comenda Dois de Julho da Assembleia Legislativa da Bahia.

- que diria do ventar?
- terna música, recordar
- seios busco da amada
- vinde, vinde me beijar
- tua angra, meu remanso
- mil vozes a murmurar
- triunfo de verde espera
- onda areia céu e mar

A Lua

Brilha na mata
altas horas da noite,
gosta de se admirar
no seu espelho de prata.

O Sol

Brinca nos galhos da roseira,
os seus raios inventam aranhas.
Quer pegá-las antes que a tarde
termine e vá embora com elas.

O Macaco

Faz macaquices
só para ver
você sorrindo
de contente.

Ruy Póvoas*

Canto à Academia de Letras de Itabuna

A cidade contigo conhece
Que a vida não é coisa vã,
É a palavra solta a dizer
A beleza de cada manhã.

Imortal é tua maneira de ser,
Tua luz que nunca se apaga,
Ideal a página que escreves
Pra voar com as asas da alma.

Nas manhãs distantes escutamos
A canção de nossos ancestrais,
Ventos sopram noites solitárias,
Hoje cantam novo dia nos quintais.

Tudo anda, tudo vale com Deus
Que nos deu a razão e a emoção,
O sentido de viver com o amor
Pra dizer o que vem do coração.

Nota: Os versos deste poema constituem a letra do Hino Oficial da Academia de Letras de Itabuna, com exceção da penúltima estrofe, que, por sugestão do músico Marcelo Ganem (autor da letra), foi suprimida por Cyro de Mattos, para evitar alongamento do cântico no momento em que é entoado.

Desencontro

Guardei meu ouro só para mim
e disseram:
Lá vai o egoísta.
Espalhei meu ouro
pelas ruas
e vaiaram:
Lá vem o perdulário.
Valei-me a Virgem do Carmelo,
benzei-me com vosso escapulário.

* (1943) Ilheense, fixado em Itabuna, licenciado em Letras (FAFI), Mestre em Letras Vernáculas (UFRJ), Doutor Honoris Causa (UESC). Em Itabuna, fundou o Ilê Axé Ijexá, terreiro de candomblé de origem nagô, de nação Ijexá, no qual exerce a função de babalorixá. Sua produção escrita abrange o verso e a prosa. Tem publicado: *Vocabulário da paixão, A linguagem do candomblé, Itan dos mais velhos, Itan de boca a ouvido, A fala do santo, VersoREverso, Da porteira para fora, A memória do feminino no candomblé, Mejigã e o contexto da escravidão, Fazenda de contos, A viagem de Orixalá, Novos dizeres, Representações do escondido, Matéria acidentada, Oratório, A sombra no espelho, Dizeres esparsos, Confessionário, Dizeres do avesso, O risco e o laço e Outros dizeres*. Fundador do Laboratório de Redação e do Núcleo de Estudos Afro-Baianos Regionais - Kàwé, da Universidade Estadual de Santa Cruz, do qual foi coordenador durante dezesseis anos, sendo editor do *Jornal Tàkàdá*, do *Caderno Kàwé* e da *Revista Kàwé*. Ocupa a Cadeira 18 da Academia de Letras de Ilhéus e é membro fundador da Academia de Letras de Itabuna. ajalah@uol.com.br

Discernimento

A luz do sol rompeu a nuvem,
se esbateu sobre a rama da urtiga,
sobre a corola da vermelha rosa
aberta há dias.
A urtiga ficou mais verde,
mas a rosa se finou.
Também preciso dissolver
minhas nuvens
para a luz tomar conta de mim,
do verde de meus sonhos
e não se perca nas pétalas murchas
da desistência.

Sugestão

Doar asas
a quem sabe voar.
Segurar pela mão
a quem ainda
não sabe andar.
Não se abalar
com ofensas gratuitas.
Não fazer alvo de si
para o outro atirar.
Entender que a vida
é milagre divino.
Deixar saudades
quando tudo acabar.

Verbalidade

Oh, verbo defectivo,
me valha, mesmo
com seus defeitos.
Ensina-me não ter
todas as pessoas.
Bastam algumas
para um viver tranquilo.
Teu parente,
o impessoal,
é por demais arrogante
e atua sem pessoa nenhuma.
Diferente dele,
meu declinar
precisa de pessoas
para meu viver em rumas.

Edital

Va, pensiero!
Vá, piseiro,
vá, sonâmbulo,
e acabe esta dormência.

Ultrapasse a inocência
e peça à saudade exótica
um pouco de clemência
para este viver impenitente.

A depender da resposta,
vá, pensamento,
leve também sentimento.

E me traga qualquer notícia
do arquivo sepultado
sob a laje do esquecimento.

Ceres Marylise*

Das madrugadas

Gosto da madrugada:
sua cumplicidade
faz-me companhia.

Gosto do seu silêncio:
ele me permite sentir
o aroma do vento.

Gosto de contemplar
sua ausência de luz:
sei de tudo ao meu redor.

Gosto de me agasalhar
em sua imensa tela:
ela me cobre de sonhos
e de **razões**.

* Natural de Ubaitaba, Sul da Bahia, é graduada em Pedagogia e Letras, pós-graduada *lato sensu* em Alfabetização com concentração na área de Linguística e pós-graduada *stricto sensu* em Linguística. Docente aposentada pela Universidade do Estado da Bahia, onde também ocupou os cargos administrativos de Coordenadora de GT de Implantação dos *Campi XIII e XX*, Diretora de *Campus XIII*, Chefe de Departamento do *Campus XIII* e Coordenadora de Colegiado de Curso do *Campus XX*. Tem produção literária publicada no Brasil e no exterior em várias antologias, inclusive bilíngues. Autora de livro *Atalhos e Descaminhos* lançado em Brasília no XI Encontro Internacional de Escritoras, no Salão do Livro em Paris - França e nas Bienais do Rio de Janeiro e São Paulo. É associada efetiva do Rotary International, onde assumiu os cargos de Presidente de Clube, Presidente da Comissão de Imagem Pública, Presidente de Desenvolvimento do Quadro Associativo, *District Scholarship Subcommittee Chair - District 4391 e Honorary Member*. Membro efetivo da Academia Brasileira Rotária de Letras - ABROL, do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia - IGHB, da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia da Bahia e de diversas instituições literárias no Brasil e no exterior. Na Academia de Letras de Itabuna, ocupa a Cadeira 16 e tem como Patrono, Abel Pereira.

Maria Luíza Nora de Andrade (Baísa)*

Contexto

E a vida vai passando,
o mundo ficando diferente,
o politicamente correto útil, respeitoso e chato
(ninguém suporta mais nenhuma brincadeira)...
e eu lembro minha velha mãe
que morreu aos 95 anos
e dizia com uma certa sabedoria:
"Eu não falo de ninguém,
não me meto com nada,
tenho consideração por todo mundo.
(e tudo isso era verdade),
mas não tenho a obrigação
de me acostumar com certas coisas.

Afinal, comecei minha jornada há quase um século.
Não queiram que eu ache tudo natural.
Cada um no seu tempo
e com os costumes que trouxe consigo.
Eu respeito e pronto!"

* Nascida em Ilhéus, estudou na Escola Ruy Barbosa, no Instituto Municipal de Educação e no Instituto Nossa Senhora da Piedade, onde após graduar-se, atuou como Coordenadora. Graduada em Pedagogia pela FESPI, fez Especialização na PUC de Belo Horizonte - MG e concluiu Mestrado em Cultura e Turismo pela UESC/UFBA. Lecionou a disciplina Sociologia Geral na UESC e ocupou o cargo de Diretora Geral da Editus, Editora da UESC, durante dezesseis anos. Possui quatro filhos, três netos e alguns ótimos amigos. Pertence à Academia de Letras de Ilhéus e à Academia de Letras de Itabuna - ALITA onde é uma das fundadoras. Foi presidente do Rotary Club de Ilhéus. Na Academia de Letras de Itabuna - ALITA, ocupa a cadeira 8 cujo Patrono é Euclides Neto.

Sérgio Sepúlveda*

Tanto voei pra encontrar você

A cada nova estação
vivi a mil milhas, a paixão
mas no final senti o vazio
faltava lhe conhecer
pra entender que o tempo
nos uniu para escrever
nossa história.
Como uma pérola negra
nas profundezas do mar
descobri a joia no seu olhar.
Como num feixe de luz
surgindo da escuridão
apareceu você pra mim...
me promete beijos
e carinhos.
Vamos aquecer o nosso ninho,
vamos ser felizes juntos,
tanto voei pra encontrar você!

Se o clima é de um novo tempo
eu reconheço no ar
duas almas unindo-se,
dois sóis.
Somos a música viva,
a poesia ao luar,
a certeza de um grande amor...
me promete beijos e carinhos.
Vamos aquecer o nosso ninho,
Vamos ser felizes juntos...
tanto voei...
tanto voei pra encontrar você!

Autores: Sérgio Sepúlveda e Émerson Mozart

* Itabunense, letrista, cantor e compositor, também empresário, atua igualmente na área de eventos por meio do Palácio Surya Eventos e da Surya Marketing Turismo e Eventos Ltda. É membro efetivo da Academia de Letras de Itabuna - ALITA e-mail para contato:sergiojsepulveda@gmail.com

Eta Cyro

Fico impressionado
Com tanto Eta
Essa mente sorridente
Sem muletas
Nas vestes da alegria
Eta Cyro, árvore do tempo,
Opulenta e majestosa,
Frutos de belos poemas da vida.
Eta Cyro
Eta gente porreta!

Divino

Recebi de meu pai
A aparência física
E na adolescência,
O gosto musical.
Ouvindo o canto dos pássaros
Numa de nossas viagens
Ele me fez parar
Para escutar um canto celestial
De beleza inimaginável
Reverberando todo meu ser.
Fluía da alma de um tico-tico
No entorno de suas penas
Mescladas de preto,
Marrom e cinza.
Como um presente divino
Na sua expressão mais sonora
Sublime nota de amor:
Jesus, meu Deus!

Sérgio Habib*

Ode aos quarenta anos

- I -

Aquando as ideias se agitam
E não mais se contêm em suas margens,
Como os sonhos que n'alma habitam
Formando um só corpo e só imagem;
Onde os desejos mais sublimes orbitam
Tal qual na planície corre a aragem...
Eis que surge no cenário da Bahia
Nas letras jurídicas, fulgurante Academia.

- II -

Por abnegadas e santas mãos edificada
Qual Platão o fez na Grécia Antiga
Em bosques de oliveiras e plátanos criada
Embalada em sublimes cantigas;
Filha da Cultura, no marmóreo petrificada,
Nascia, da Hélade, em terras amigas,
Por entre as mais finas companhias,
O ideário da nobilitante confraria.

* Natural de Itabuna, é Advogado criminalista, Professor de Direito Penal e de Processo Penal, Mestre em Direito pela UFBA e em Direito Criminal pela Universidade de Sorbonne em Paris - França. Atuou como Defensor Público Federal junto ao STF e STJ, Membro da Academia Brasileira de Direito Criminal e da Academia de Letras Jurídicas da Bahia, Membro da Comissão do Senado Federal para reforma da Lei de Execução Penal. Escritor e poeta, é autor de livros na área do Direito e de estudos literários de autores nacionais e internacionais sob a ótica do Direito. Na Academia de Letras de Itabuna ocupa a Cadeira 32 cujo Patrono é Itazil Benício dos Santos.

- III -

Tendo por inspiração tais exemplos
Cujas vidas dedicaram à cultura
E do Direito fizeram mais que templo
Elevando os seus nomes às alturas;
Não são apenas seres que contemplo
Pois que sendo a Ciência coisa pura
Mais que puros foram eles na essência
Por nos legarem a sua própria existência.

- IV -

Provaram com isso que num mundo
De tanta malvadez e incompreensões
Ser possível que um ideal mais facundo
Transforme mentes e corações;
E faça do abismo mais que profundo
Não o local onde se escondam as ilusões,
Encobertas no inquietante averno,
Mas o ambiente onde impere amor fraterno.

- V -

Se nasceram como simples mortais
Da morte não se fizeram cativos
Pois quando a fama transpõe os umbrais
E mais que isso, os gestos construtivos,
Passam a ser, pelas obras, imortais,
Seus dons os fazem redivivos;
Já não morrem, ao menos na memória,
Pela vida que tiveram meritória.

- VI -

A Academia é plural por natureza
E nela se abrigam os desiguais
Donde vem, pois, a certeza
De que devam os pensamentos ser iguais?
Não, exatamente aí reside sua beleza,
Que sendo apenas igual nos ideais,
Não se desiguala em identidade,
Posto que tem por lema a liberdade.

- VII -

Livres para pensar, voeja o pensamento,
Não tem amarras, seu espaço é a imensidão,
A Academia é o púlpito dos sentimentos
A liberdade mais pura de expressão;
Ser acadêmico, é não sofrer o tormento
De ver embotada a emoção,
É ser a voz mais sonora e altiva
De uma sociedade que não nasceu pra ser cativa.

- VIII -

Eis que já se passaram quarent'anos
Que dos desígnios se fez descortino
Dos sonhos antigos e dos régios planos
A vida os embalou nos seus destinos;
Venceram a dúvida, os desenganos,
E erigiram mais que anseios nordestinos:
Formaram a fina casta de juristas,
De Confrades e Consórores altruístas.

- IX -

Na terra de tanto brilho e tradições
Onde Ruy com a sua verve estremeceu
Bahia, dos grandes vates, dos versos e canções,
São os acadêmicos os mesmos corifeus
Que sempre cantaram os longes dos sertões;
E se acaso o canto entre os velames se perdeu,
No espaço da vetusta Academia
Igual chama de esperança achou-se um dia.

- X -

Apontam para os céus as torres das igrejas
No ar volatizado, o cheiro da Bahia,
Do candomblé, da capoeira, tudo enseja
A reunião das diferenças na mesma Academia;
E se pela cultura jurídica tanto moureja
As tradições também lhe fazem companhia.
Pois não faria sentido tudo isso
Se não fosse este seu compromisso.

- XI -

No campo das ideias as diferentes teses
Encontram em seu seio ambiente propício
Nem sempre os embates contêm revezes
Antes que seja o fim, ali é o seu início;
E como as leis precisam da exegese
O debate é, sobretudo, o seu ofício.
Tanto mais cresce em valor sua norma
Quanto mais avulta em conceito dessa forma.

- XII -

O pensamento acadêmico não é mera teoria
Nem deve se fazer distante da realidade
Não pode afastar-se o ideal da Academia
Do papel que desempenha na sociedade.
Cabe-lhe deslindar as aporias
Sem a pretensão da primazia da verdade.
Tem por missão: a crítica; por sentido: o debate;
E é no campo das ideias o seu combate.

- XIII -

Abençoados os seus eméritos fundadores
Aqueles reunidos em torno de um ideal
Que nos deixaram mais que lições, seus labores,
A contribuição sincera de cada qual;
E os muitos que se foram ainda nos albores
Mas que no caminho nos serviram de fanal.
E os que ficaram resistam na trincheira
Que a liça não é de um dia, mas da vida inteira.

- XIV -

Se “de justitia et iure” foste concebida
Tu, ó nobre porto sacrossanto da cultura,
Que hoje chegas à idade encanecida
Tens ainda mais nobreza e formosura
E bem maior a conta em que és medida;
Os louros que enaltecem a tua figura
São os mesmos que coroam a tua existência
Pois que em ti encerras letras, amor e ciência.

Salvador, Bahia, 7 de julho de 2023.

(Duzentos anos da Independência da Bahia e do Brasil. Poema em homenagem aos Quarenta Anos da fundação da Academia de Letras Jurídicas da Bahia - ALJBA) Autoria do acadêmico Sérgio Habib).

Gustavo Cunha*

Ave

Ave César!
Ave Maria!
Ave da noite
Ave do dia
Ave sagrada
Ave vadia
Ave chorosa
Ave que ria
Ave pesada
Ave esguia
Ave acertada
Ave que adia

* Nascido em Ilhéus-BA, é médico infectologista graduado pela Escola de Medicina e Saúde Pública da Bahia, pós-graduado em Saúde Pública pela Universidade de Ribeirão Preto de São Paulo, membro titular da Sociedade Brasileira de Infectologia, Presidente da Comissão de Controle de Infecção Hospitalar do Hospital Regional Costa do Cacau, Presidente da Comissão de Controle de Infecção Hospitalar do Hospital Materno-infantil Doutor Joaquim Sampaio, médico referência em ISTs-HIV/AIDS do Município de Ilhéus, médico referência em leishmaniose do município de Ilhéus, médico efetivo da Secretaria de Saúde do Estado da Bahia. É também escritor e poeta com poesias publicadas nas revistas da Academia de Letras de Ilhéus, onde ocupa a Cadeira 05, cujo Patrono é Anísio Melhor, e onde em 04 de maio de 2012 foi lançado o seu Romance "Chácara das Tormentas". Na Academia de Letras de Itabuna ocupa a Cadeira 19, cujo Patrono é Aracyldo Carvalho Marques.

Ave César!
Ave Maria!
Ave da casa
Ave da via
Ave africana
Ave da Hungria
Ave futura
Ave tardia
Ave completa
Ave vazia
Ave de hoje
Ave que havia
Ave santa
Ave da orgia
Ave quieta
Ave arredia

Ave César!
Ave Maria!
Ave César!
Ave Maria!

Oração

Fechem as portas da Terra
Não deixem vir mais ninguém
Ouça, ouvido do além:
Encerra as portas! Encerra!

A guerra diverte a morte
Na esquina mais um corpo cai
A espada acerta o corte
E mais uma vida se vai.

Uma hora homem vivo:
Força, movimento e emoção
Outra hora, uma alma sem abrigo,
Um corpo degradado sob o chão.

Quem fere, quem mata
Nasce, e por quê?
E de quem a vida escapa?
Por que nascer?

Por isso lhe peço esse feito
Por isso rogo em verso
Tranca todas as portas do universo:
Esse mundo já não tem mais jeito.

Rafael Gama *

Apolo e a Lira

Toca sua lira Apolo
E fertiliza o ofício do poeta
Inebria os sentidos com os seus acordes
Traz poesia como destino da seta
Da alvorada ao crepúsculo
Tua poesia é corpo glorioso
Que não teme a morte

Toca sua lira Apolo
E faz a terra bailar
Traz a dança a todos os corpos
Aos cheios de vida
E aos que teimam em quedar
Num balé orquestrado das mãos
Extraí melodia e canção
Tal qual prateado luar

Toca sua lira Apolo
E reverbera sons celestiais
Dá a entender aos humanos
Que música, dança e poesia
Fazem deles mais que meros mortais
Na tua carruagem dourada, de cavalos com asas
Leve-nos aos Campos Elísios
Mas nos traga de volta pra casa.

* Escritor, poeta, produtor cultural, apresentador de TV, curador de feiras literárias e fundador do Movimento Cultural Alvorecer Poesia. Autor dos livros *Contemplativo* e *Cânticos de Insurgência e Devção* é também organizador de antologias poéticas e pesquisador no campo da educação, currículo e diversidade. É membro efetivo da Academia de Letras de Itabuna, onde ocupa a cadeira 3 e tem como patrono Nestor Passos.

Trajes da Vida

Veste teu coração com as roupas do passado
E vê como são belas as tuas memórias
Rega os caminhos com as águas dos teus lábios
E canta para o destino a tua história

Veste teu coração com as roupas do agora
E vê como és belo o eu que edificaste
Vai animando tua jornada aos sons do acaso
E permitindo que a vida seja aurora

Só não vista teu coração com as roupas do amanhã
Deixa que ele chegue de mansinho
E te encontre desnudo e acolhedor
Preenchendo-te com seu furtivo elã

Veste teu coração com os trajes da vida
Em sua paleta de energia
E faz a polifonia dos teus sons
Suplantar desespero e agonia

E ao fim da jornada
Quando coração e corpo encontrarem a terra
Serás vida vivida em potência
Em comunhão celebrada.

Poeta Maldito

O poeta é maldito
Não porque nos leva a pensar

O poeta é maldito
Porque tira as coisas de um intencional “devido lugar”

O poeta é maldito
Não porque sua palavra seja navalha

O poeta é maldito
Porque a carne lacerada grita

O poeta é maldito
Não porque seu ofício cause ojeriza

O poeta é maldito
Porque seu dizer toca a ferida

O poeta é maldito não porque veja demais

O poeta é maldito
Porque seu olhar perscruta o detalhe

O poeta é maldito
Não porque semeia a dúvida

O poeta é maldito pela sua liberdade!

Bendito seja poeta!

Bendita seja a palavra!

Bendita seja a poesia, que do alvo é a seta!

Bendito seja poeta!

Meu olhar é rio

Meu nascente olhar

Contempla um rio atemporal

Se, pelo renovar de suas águas

Ele jamais é o mesmo

Por elas, é fluido seminal

Os meandros do que vejo

Contemplam um rio visceral

Esculpindo nas entranhas da terra

Correnteza, encosta, manguezal

O curso que a minha vista alcança

Compreende um rio pessoal

Rio de todos, rio de cada um

Em trilha existencial

A foz à qual meu rio chega

Não é fim é encontro

O mar que abraça meu rio

Sou eu e o mundo, em encanto.

Discursos

Discurso de recepção aos novos membros

Raquel Rocha*

Eliabe Izabel Lima de Moraes, Sérgio José Campos Sepúlveda, Gustavo Cunha Carvalho e Rafael Gama Moreira.

O planeta Terra é a nossa casa, é a grande arena das existências e práticas daqueles que denominamos vizinhos, conterrâneos e contemporâneos. Com eles, sem saber onde e como, desempenhamos e desenvolveremos ações colaborativas sem precedentes.

William Butler Yeats, poeta e dramaturgo irlandês, cunhou uma frase que retrata tal situação, aplicável à nossa população mundial de 8 bilhões de habitantes: “Aqui não há estranhos, apenas *amigos que ainda não se conhecem*”.

Pois bem, a nossa ALITA, hoje, vem corroborar tal afirmativa, se tornando o palco do liame de notáveis humanos,

* Graduada em Psicologia, em Comunicação Social e em Ciências Econômicas. Pós-graduada em Saúde Mental, Neuropsicologia e Terapia Familiar. Como cineasta, dirigiu os seguintes documentários: Nos trilhos do tempo (2009), Itabuna 100 anos - a história contada (2010), Ferradas - um berço amado (2011), Pecado perdoado (2011), Onde planto uma canção (2012), Cacau para sempre (2012), Nadja (2013) e Waldomiro volta pra casa (2014). Foi premiada no concurso Metamorfoses do Cacau promovido pelo Goethe Institut - Salvador. No Teatro produziu a “Paixão de Cristo em cordel” e foi diretora da peça “Enfant terrible - o cinza”. No campo da Comunicação também desenvolve trabalhos como Apresentadora de TV e escreve artigos para jornais e revistas. Na Academia de Letras de Itabuna - ALITA, ocupa a cadeira número 25, cuja patrona é Elvira Foepel.

a junção de seres de utilidades únicas. Nossas vidas estão cruzadas, nossos caminhos entrelaçados.

Os confrades e confrreira que hoje se unem ao ateneu grapiúna provam que indivíduos supostamente díspares, na verdade convivem num vínculo de proximidade substancial e histórico.

O outro, que em determinado momento parece visivelmente distante, na verdade, comigo soma, acrescenta, atua, convive. E pessoas sábias e benévolas conseguem, com suas ações empáticas, promover o bem social e cultural. Nossa academia vive, hoje, tal acontecimento.

Deixemos o tempo, o “senhor da razão”, descrever.

1949

No ano de 1949 veio ao mundo uma menina que recebeu o nome de Eliabe Izabel Lima de Moraes. Nasceu em casa, recebida por parteira, como era o costume. D. Zezita trouxe à luz a filha de Sinval e Cletina. Eliabe veio ao mundo às 15 horas e, no exato momento em que ela nascia, o trem, que chegava à antiga estação ferroviária, na praça José Bastos, apitou, como que comemorando sua chegada. Aquela menina, assim como nossa antiga ferrovia, faria parte da história da nossa cidade.

Eliabe era filha de um carpinteiro e uma costureira. Teve uma infância feliz e livre no bairro da Conceição, numa época em que as mães conversavam nas portas das casas enquanto as crianças brincavam na rua.

A infância daquela menina foi uma época de simplicidade e aprendizado profundo. Desde cedo, ela se encontrava imersa em um ambiente de trabalho, a carpintaria do seu pai. O som das ferramentas e o aroma da madeira se tornaram parte integrante de sua infância.

A presença constante da igreja Presbiteriana também desempenhou um papel significativo em sua formação. A casa de Deus era o local onde ela recitava poesias, cantava no coral e participava de peças teatrais. Foi lá que a menina aprendeu lições de compaixão, solidariedade e espiritualidade.

Outro grande amor da menina era a leitura. Nos livros de Monteiro Lobato, ela descobriu mundos inteiros, aventuras emocionantes e personagens que se tornaram seus amigos imaginários. A leitura era uma janela para horizontes mais amplos, uma maneira de explorar o desconhecido e alimentar sua curiosidade.

1964

Em 1964 Eliabe tinha 15 anos. Estudava magistério no Colégio Divina Providência que pertencia à Ordem dos Vicentinos. Nessa idade já tinha lido todos os livros de Sherlock Holmes e de Jorge Amado.

Nesse ano, 1964, exatamente no mesmo horário em que ela havia nascido quinze anos antes, às 15 horas, nascia um outro bebê, Sérgio José Campos Sepúlveda. Filho de Sílvio e Malvina, Sérgio não nasceu de parteira, mas no hospital Manoel Novais.

Aquele menino, desde cedo, demonstraria uma afinidade especial com os ritmos e melodias, uma ligação profunda que se tornaria sua paixão duradoura.

1969

Eliabe está com 20 anos e inicia uma jornada que dura até hoje. Dois anos antes, sua mãe foi pedir à dona de uma pequena escola chamada Pio XII uma vaga de professora para sua filha. A jovem começou a dar aula nessa escola junto com sua irmã Eliúde e no meio do ano, foram surpreendidas com um bilhete da dona que comunicava que estava indo embora da cidade e pedia que as duas jovens irmãs cuidassem da escolinha até o final do ano.

Elas cuidaram da escola até o final do ano, quando a escola encerrou suas atividades e as duas irmãs ficaram desempregadas. Foi então que uma mãe que tinha gostado muito do trabalho das irmãs perguntou porque elas não montavam uma escolinha.

No dia 9 de março de 1969 as duas irmãs iniciaram e assumiram a pequena escola Pio XII. Começaram com trinta e seis alunos, numa casa que pertencia ao pai delas, com móveis escolares feitos por ele. As duas irmãs ensinavam, varriam, lavavam os banheiros, pintavam as carteiras.

Que ano especial esse de 1969! Nesse ano, o pequeno Sérgio completava 5 aninhos, ainda era uma época em que as crianças brincavam livremente. Sua infância foi cercada por muita imaginação, brincadeiras e criatividade. Convivia com música e teatro, adorava os avós, deles ouvia histórias e canções antigas que enriqueciam ainda mais o seu mundo musical. As histórias de tempos passados e os acordes de instrumentos tradicionais criavam um legado musical que ele carregaria consigo como um tesouro.

Foi nesse mesmo ano, 1969, que nasceu Gustavo Cunha Carvalho da Silva. Gustavo nasceu na extinta Maternidade Santa Isabel, em Ilhéus. Foi o primeiro filho de Osias e Guiomar. Primeiro filho, primeiro neto e primeiro bisneto, uma criança muito esperada e muito amada por todos os familiares.

Aquele menino tão amado cresceria voltado para os estudos e a família. Desde cedo desenvolveu vínculo afetivo com livros e a biblioteca tornou-se seu lugar preferido, um refúgio onde as histórias saltavam das páginas para o seu coração. Dona Guiomar, cuidadosa, selecionava os livros que o filho ia ler.

Aos 5 anos de idade foi convidado para ser entrevistado em uma escola infantil e perguntaram-lhe o que ele queria ser quando crescesse. O pequeno Gustavo respondeu: “Médico de tirar neném da barriga.” Desde cedo, sua ligação com a família era uma âncora que moldaria seu caráter ao longo da vida. Em meio a brincadeiras no quintal e conversas à mesa de jantar, ele absorvia valores de respeito, compaixão e amor incondicional.

1986

Em 1986 Eliabe tinha 37 anos, já era casada, tinha filhos e a Pio XII já era uma escola conhecida na cidade. Morava na Rua Rio Paraguaçu no Góes Calmon e, por coincidência do destino, se é que existem coincidências, quem morava na casa ao lado era a família do jovem Sérgio Sepúlveda.

Sérgio tinha, então, 22 anos, estava no auge da sua juventude transviada, vivia intensamente os prazeres ilusórios, uma forma de lidar com a dor da separação dos seus pais, ocorrida anos antes. Já era envolvido com a música e conhecido na cidade, pois tinha sido aprovado no programa de calouros mais conhecido do Brasil, o Cassino do Chacrinha.

Nesse mesmo ano, Gustavo, aos 16 anos, estava no terceiro ano do ensino médio, em preparação para a maior vitória da sua vida: passar em primeiro lugar em uma universidade federal para medicina. Seus professores relatam que sua dedicação aos estudos era notável. A cada lição, ele buscava o conhecimento com uma sede insaciável, desejando absorver todo conhecimento dos livros que o cercavam. Seus cadernos eram preenchidos com anotações e esboços, demonstrando um comprometimento com a excelência acadêmica.

Foi exatamente nesse ano, 1986, que Rafael Gama, filho de Alan e Julieta, chegou ao mundo. Temos agora no plano físico nossos quatro eleitos.

Rafael cresceu na cidade de Itapetinga, também teve uma infância feliz, também brincou livremente nas ruas e se encantou com os livros desde a mais tenra idade. A infância daquele menino estava enraizada em uma tradição educacional que se estendia por várias gerações. Sua família era um farol de conhecimento, onde o amor pelo ensino e a busca pelo aprendizado eram pilares fundamentais. A educação não era apenas uma profissão em sua família, mas uma missão de vida que transcendia as gerações.

2023

No dia 26 de outubro de 2023 tomam posse na Academia de Letras de Itabuna: Eliabe Izabel de Moraes, Sérgio Sepúlveda, Gustavo Cunha Carvalho e Rafael Moreira Gama. Os empossados dessa noite têm idades diferentes, história de vidas diferentes, mas que se cruzaram em momentos e semelhanças.

Nossos quatro empossados compartilharam uma infância livre e feliz.

“Cresci brincando no chão, entre formigas.

De uma infância livre e sem comparamentos.

Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação.”

(Manoel de Barros – Memórias Inventadas)

Partilharam o profundo amor pela família trazem em seus corações lembranças de momentos simples que se tornaram eternos.

“Jantaram com as janelas todas abertas (...)

Apesar de ter usado poucos ovos, o jantar estava bom.

Também suas crianças ficaram acordadas, brincando no tapete com as outras. (...)

Depois do jantar, enfim, a primeira brisa mais fresca entrou pelas janelas. Eles rodeavam a mesa, a família.

Cansados do dia, felizes em não discordar, tão dispostos a não ver defeitos. Riam-se de tudo, com o coração bom e humano.

As crianças cresciam admiravelmente em torno deles.

E como a uma borboleta, Ana prendeu o instante entre os dedos antes que ele nunca mais fosse seu.”

(Clarice Lispector – Laços de Família)

Partilharam o amor pelos livros.

“Os livros são espelhos: neles só se vê o que possuímos dentro.”

(Carlos Ruiz Zafón – A sombra do vento)

“A literatura, como toda arte, é uma confissão de que a vida não basta”.

(Fernando Pessoa – Obras em prosa)

Gratidão aos novos membros pela escolha do meu nome para esse discurso de recepção. Gratidão por terem compartilhado suas histórias de vida comigo. Ao compartilharmos nossas histórias, construímos laços fortalecidos porque a história de vida enriquece nossas próprias vidas.

Olho para cada um dos presentes aqui nesta noite e sei que vocês têm uma ligação com os empossados. Todos estão aqui por um motivo, um laço, um carinho, um afeto. Acredito que os laços do amor são eternos, então, além dos presentes fisicamente, no plano superior temos outros convidados em júbilo pelos nossos quatro novos membros.

Sinval e Cletina estão orgulhosos da sua pequena Eliabe, aquela menina que sempre teve ligação especial com a igreja, respeito pelo trabalho árduo do pai e amor pela leitura. Seus valores moldaram a vida da grande educadora de gerações dessa cidade de Itabuna. Também, no plano espiritual, emanam amor um filho, uma neta e um genro.

Sérgio, seu pai Sílvio Sepúlveda e seus três irmãos Sílvia, Carlos e Juba testemunham suas lutas, triunfos e cada passo, que sei que você dá em direção ao seu potencial mais elevado. Tenho certeza de que se orgulham do pai, marido e ser humano que você é.

Também no plano onde as conexões transcendem as limitações terrenas, os entes queridos de Gustavo Cunha têm acompanhado a sua jornada com olhos cheios de amor e orgulho. São eles: Genésia Marques da Cunha, sua avó materna, a quem Gustavo credita sua fé, sua disciplina, sua educação. Também orgulhoso encontra-se seu pai, Osias Carvalho da Silva, que lhe ensinou a andar no caminho da retidão e seu tio Jorge Evilásio Marques da Cunha, um dos melhores seres humanos que ele conheceu.

Da mesma forma, a avó Ana Maria, seus tios Alex, Alan e sua sogra Elielba estão com o coração cheios de ternura ao ver a trajetória linda realizado por aquele menino que sonhava em ser professor e hoje respira arte de tantas formas.

Respira e nos presenteia com arte. Rafael, nossos entes queridos que já partiram nos inspiram a seguir em frente, lembrando-nos do amor incondicional que nos nutre, mesmo além dos limites da existência física.

A família está presente desde o início das minhas palavras, pois ela é o alicerce da nossa vida, o núcleo central de nossa existência, é onde aprendemos os valores, as tradições e as histórias que moldam nossa identidade.

Dirijo-me ao desfecho deste discurso, mantendo o foco na importância da família, especialmente nessa nova que vocês estão adentrando, a família ALITA. Há exatos 10 anos, em 2013, era eu a tomar posse nesta arcádia itabunense. Naquela época, embora inexperiente, a intuição me guiou, e usei a palavra "família" em meu discurso, sonhando encontrá-la. E, de fato, a encontrei.

A ALITA, mais do que uma Academia de Letras, é uma família. Nós compartilhamos momentos difíceis, oferecemos apoio uns aos outros, elevamos preces pelos familiares adoentados, debatemos, divergimos e, no final, nos unimos. Ajudamo-nos mutuamente, incentivamo-nos, pranteamos aqueles que nos deixam. Sentimos saudades, homenageamos e celebramos suas memórias. A ALITA é um vínculo que vai além das letras; é uma família que se fortalece com união e afeto.

Nessa academia de letras, as tradições são cultivadas, as histórias são contadas e as heranças literárias são passadas adiante, enriquecendo nossas vidas. Nessa instituição, as palavras ganham vida e se tornam laços que nos unem.

“Conhecer alguém aqui e ali que pensa e sente como nós, e que embora distante, está perto em espírito, eis o que faz da Terra um jardim habitado” (*Johann Goethe*).

Gratidão a todos.

(Discurso proferido em 26 de outubro de 2023)

Discurso de posse

Sérgio Sepúlveda*

O termo “academia” desde sempre é associado a Platão que, embora quisesse a expulsão dos poetas de sua República, no entanto, sua academia localizava-se na mesma praça de um templo dedicado às Musas, que segundo Hesíodo, na sua Teogonia, “feliz é quem as Musas amam, doce de sua boca flui a voz”; de “Musa” se deriva as palavras “Museu” e “Música”, graças às quais há “cantores e citaristas sobre a terra”, de modo que toda Academia de Letras pode remodelar a advertência da Academia de Platão, apregoando “não entre quem de cuja boca não fluam doces vozes e canções sublimes”.

Imbuídos desse mais alto ideal, que é também o dessa Academia, inicialmente nos conectemos com Adonias Filho, patrono desta Academia, ele mesmo membro que era da nossa Academia Brasileira de Letras, na qual podemos nos orgulhar de uma lustrosa plêiade de conterrâneos como Jorge Amado, Ruy Barbosa, Afrânio Peixoto, João Ubaldo Ribeiro e Antônio Torres.

Lembremo-nos igualmente de Amélia Rodrigues, patrona da cadeira que tomo posse, insigne educadora, escritora, poetisa, teatróloga, além de pioneira do feminismo, tendo inspirado,

* Itabunense, letrista, cantor e compositor, também empresário, atua igualmente na área de eventos por meio do Palácio Surya Eventos e da Surya Marketing Turismo e Eventos Ltda. É membro efetivo da Academia de Letras de Itabuna - ALITA E-mail para contato: sergiojcsepulveda@gmail.com.

entre outras, a dona Henriqueta Martins Catharino, fundadora do Instituto Feminino da Bahia, que reuniu e abrigou toda a obra de Amélia Rodrigues na Biblioteca do Instituto sendo que apenas anos depois voltou a ser alvo de interesse acadêmico, como, por exemplo, das pesquisas do Núcleo de Estudos Interdisciplinares Sobre a Mulher, da UFBA. Outro ponto a se destacar da escritora Amélia Rodrigues é seu papel no espiritualismo, sendo considerada como membro da falange de Joanna de Ângelis. Lembremos igualmente de Ary Quadros, meu ilustre predecessor nessa cadeira, que assim como Amélia Rodrigues, uniu a Ação ao Espírito e que em tudo que exerceu na vida, seja como advogado, como bancário, como dirigente da Associação Jurídico-Espírita do Sul da Bahia e autor que foi de inúmeros livros, era guiado pelo amor às letras, ao ensino judicioso da inculta e bela última Flor do Lácio e pela exímia militância na prática e no ensino espiritualista diligentemente exercido na Casa de Guará e no Recanto de Potira.

Do mesmo modo, referenciamos nosso Cyro de Matos, dileto poeta e presidente de honra desta Academia, além de Wilson Caitano, também educador e homem das letras, nosso atual presidente, e, do mesmo modo, referenciamos a prof^a Janete Ruiz de Macêdo, nossa vice-presidente, a prof^a Lurdes Bertol Rocha, 1^a secretária, o Dr. Marcos Antônio Santos Bandeira, 2^o secretário, as tesoureiras Silmara Santos Oliveira e Sione Maria Porto de Oliveira, o diretor da revista da Academia, Charles Nascimento de Sá e o Diretor de Ações Culturais, Jorge Luiz Batista dos Santos.

Agradecemos também a Silvio Porto de Oliveira, Diretor da Biblioteca, a Alessandro Fernandes de Santana, Diretor do Arquivo, a Raquel Silva Rocha, Diretora de Comunicação e Marketing e à prof^a Margarida Cordeiro Fahel, Diretora de Projeto e Pesquisas.

Quanto a mim, fruto que sou dos meus avós, Dr. Reinaldo e dona Elza, por parte de pai, José Cerqueira e dona Cacilda,

por parte de mãe, filho de Sylvio Gordilho e de dona Malvina Fernandes, pai de Leonardo, Yanna, Saulo, Samuel, Sarah, marido de Kely Camile Santos Andrade Sepúlveda, irmão de Silvana Campos Sepúlveda, Fátima Mendes Sepúlveda, Elza Mendes Sepúlveda, Rafael Sepúlveda, Reinaldo Sepúlveda (in memoriam), aqui representado por seu filho Reinaldo Sepúlveda, irmão de Carlos Antônio (in memoriam), aqui representado por Bárbara Brandão, irmão de Sílvia Campos (in memoriam), representada aqui por sua filha Samantha Sepúlveda Fagundes. Quero agora eternizar esse momento e dizer que suas memórias ficarão aqui com os senhores e senhoras e que cada vez mais me dedicarei a realizar o Belo, como esteta que sou sempre ao entorno das belas poesias.

Sendo abençoado como o primeiro cantor e compositor a tomar posse nesta Academia de Letras, roguemos novamente às Musas para que minhas canções, agora e sempre expressões de palavras advindas do mais longínquo do meu pensamento, se tornem ações edificantes a embelezar a cada alma presente neste e nos futuros dias.

Por fim, desejo aqui, do fundo do meu coração, agradecer aos amigos Êmerson Mozart, sua esposa e aos futuros confrades e confreiras.

Meus mais sinceros agradecimentos.

E que Deus seja sempre louvado!

(Discurso proferido em 26 de outubro de 2023)

Discurso de posse

Gustavo Cunha Carvalho*

Boa noite, senhor presidente, membros da mesa, autoridades presentes, confrades e convidados.

"Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.

* Nascido em Ilhéus-BA, é médico infectologista graduado pela Escola de Medicina e Saúde Pública da Bahia, pós-graduado em Saúde Pública pela Universidade de Ribeirão Preto de São Paulo, membro titular da Sociedade Brasileira de Infectologia, Presidente da Comissão de Controle de Infecção Hospitalar do Hospital Regional Costa do Cacau, Presidente da Comissão de Controle de Infecção Hospitalar do Hospital Materno-infantil Doutor Joaquim Sampaio, médico referência em ISTs-HIV/AIDS do Município de Ilhéus, médico referência em leishmaniose do município de Ilhéus, médico efetivo da Secretaria de Saúde do Estado da Bahia. É também escritor e poeta com poesias publicadas nas revistas da Academia de Letras de Ilhéus, onde ocupa a Cadeira 05, cujo Patrono é Anísio Melhor, e onde em 04 de maio de 2012 foi lançado o seu Romance "Chácara das Tormentas". Na Academia de Letras de Itabuna ocupa a Cadeira 19, cujo Patrono é Aracyldo Carvalho Marques.

Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,
- não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
- mais nada."

Neste dia memorável onde mais uma vez as letras vêm ao meu encontro através deste novo e honrado desafio de fazer parte da Academia de Letras de Itabuna, não poderia deixar de iniciar o meu discurso com o poema "Motivo," de Cecília Meireles, e de agradecer especialmente a um de seus fundadores, o ilustre poeta Cyro de Mattos, pela importante participação na criação desta confraria quando, àquela ocasião, era presidente da Fundação Itabunense de Cultura e Cidadania. Sem ele não estaríamos aqui neste momento. Agradeço também a Raquel Rocha, esta querida congreira que me apresentou gentilmente a esta casa da literatura.

Também a Baísa Nora, este espírito denso e iluminado, minha querida de tantas décadas e tantos encontros afetivos, de tantas histórias desde a época do Instituto Nossa Senhora da Piedade, o convento das irmãs ursulinas, minha escola para toda vida.

Não posso esquecer dos confrades que aqui estão e que apoiaram a minha chegada à esta academia, assim como dos amigos que torceram juntos para que este acontecimento se concretizasse.

Dedico este dia à minha mãe, Guiomar Cunha Carvalho da Silva, professora, minha professora, que aqui está e que posso definir com uma única palavra: bondade; também a meu pai, Osias Carvalho da Silva, agricultor e comerciante que se foi há três anos, mas me deu a disciplina na medida certa,

aos meus irmãos Henrique, Catia, Luiz e Geórgia que sempre estiveram por perto, ao meu filho Cauê, que me faz cantar “as coisas lindas são mais lindas quando você está, onde você está, porque você está nas coisas tão mais lindas” e a Paola Marroche, sua mãe, que me deu esse grande presente da vida.

Também dedico esse dia à minha avó materna, Genésia Marques da Cunha, a quem devo tudo que sou, que me amou de forma incondicional e me ensinou o que é ser o melhor que se pode ser, a Ranulfo José da Cunha e Sônia Conceição da Cunha, meus tios queridos que fazem da nossa família uma família sólida e acolhedora, aos meus sobrinhos Melina, Emily, Gabriel, Natália, Rafael e Henriquinho, e, por fim, a Alan Santos, meu irmão de alma, meu amigo de todas as horas, meu parceiro de lutas e a vó Carminha, minha querida avó do coração.

Por todos vocês cheguei até aqui e por todos vocês hoje estou a ocupar a Cadeira 19, cuja memória do patrono Aracyldo Marques, romancista ilheense que tanto produziu literatura, prometo honrar com todo afinco.

Estou aqui para ser mais uma célula neste corpo vivo que é a ALITA, fazer parte da sua história e não esquecer que ser das letras é ser do mundo, do mundo real, do mundo das ideias, do mundo encantado que nos faz sonhar, é ser de todos e de fato se doar, é estar em todos os lugares sem obrigatoriamente ter ido lá.

A importância do homem imortal, como observou Arthur Schopenhauer, é algo tão infinitamente majestoso que ultrapassa o valor de sua própria vida e muito me apraz contribuir como acadêmico e com esses valores para um mundo moralmente mais justo e mais ético, junto aos meus novos pares, esses espíritos abnegados e altruístas que vieram ao mundo também para esta autoadoção.

Por fim, encerro este discurso parafraseando, como muitas vezes já o fiz, o poeta parnasiano Augusto dos Anjos, quando este, em sua poesia *O meu Nirvana*, nos traz que:

“No alheamento da obscura forma humana,
De que, pensando, me desencarcerou,
Foi que eu, num grito de emoção, sincero
Encontrei, afinal, o meu Nirvana!

Nessa manumissão schopenhauereana,
Onde a Vida do humano aspeto fero
Se desarraiga, eu, feito força, impero
Na imanência da Idéia Soberana!

Destruída a sensação que oriunda fora
Do tato – ínfima antena aferidora
Destas tegumentárias mãos plebéias –

Gozo o prazer, que os anos não carcomem,
De haver trocado a minha forma de homem
Pela imortalidade das Idéias!”

Obrigado.

(Discurso proferido em 26 de outubro de 2023)

Discurso de posse

Eliabe Izabel Lima de Moraes*

Boa noite a todos!

Prezados confrades e congreiras, caríssimos convidados, amigos queridos, minha família.

Homenageio a todos na pessoa de Wilson Caitano, nosso ilustre confrade, presidente da Academia de Letras de Itabuna.

É com imensa alegria que venho agradecer aos confrades e congreiras pela confiança depositada em mim, votando para que eu possa, a partir de agora, usufruir desse seleto grupo de pessoas que pensam e se dedicam a cultivar a língua e literatura nacionais, criando livros, textos e poemas que ficarão para a posteridade nos anais da Academia de Letras de Itabuna.

A Academia de Letras de Itabuna foi criada em 19 de abril de 2011 com patronos, membros fundadores e com orgulho hoje estou assumindo a Cadeira 27, tendo como patrono Fernando Sales, poeta, crítico e ensaísta, conterrâneo da minha mãe,

* Coordenadora Pedagógica, Diretora Escolar, Mestre em Educação, Diretora da Escola Pio XII há 55 anos. Aposentada como Coordenadora Pedagógica do Estado da Bahia há 25 anos. Autora do Editorial do Jornal Tribuna do Saber da Escola Pio XII nas 32 Edições. Autora dos Livros: Sexualidade na Adolescência e a Interferência na Aprendizagem Escolar, 50 anos fazendo lindas histórias sempre, Escrevendo, Histórias dos Alunos da Escola Pio XII ontem e hoje. Ocupa a Cadeira 29 na Academia de Letras de Itabuna. E-mail: eliabeizabel@gmail.com

nascidos em Andaraí, na Chapada Diamantina, e sua titular, Maria Palma Andrade.

Sinto uma sensação de júbilo em poder assumir a cadeira da professora de Geografia, pois quando fiz a minha graduação de Estudos Sociais, Maria Palma Andrade foi minha professora de 1968 a 1970 na Faculdade de Filosofia de Itabuna (FAFI).

Pessoa gentil, delicada, bonita, comunicativa e competente, angariou a simpatia da primeira Turma de Estudos Sociais da FAFI, com 55 alunos, com a faixa etária de 18 a 60 anos, um grande desafio para a professora jovem lidar com aquela turma eclética.

Após o término do curso, perdi o contato com a professora querida e não acompanhei a sua vida profissional e agora eleita para a Cadeira 27 passei a fazer uma retrospectiva da trajetória acadêmica de Maria Palma Andrade.

Nasceu em Valença (Ba) em 04.06.1933. Depois, foi morar em Salvador, concluiu o Ensino Médio no Rio de Janeiro e fez, na Universidade Federal de Minas Gerais, o Curso de Geografia e História.

O deslocamento constante da família devia-se ao fato de o pai ser funcionário do Banco do Brasil.

Após o casamento com o senhor Alberto Andrade, veio morar em Itabuna. Ensinou na AFI, a convite de Amélia Amado, proprietária do colégio, depois no Colégio Nossa Senhora da Glória (Gato de Botas) e em 1968 passou a ser a titular da Disciplina Geografia Geral e Geografia do Brasil no curso de Estudos Sociais na Faculdade de Filosofia de Itabuna.

Com o seu jeito simples e tímido, incapaz de se irritar ou alterar a voz, demonstrava tranquilidade, conhecimento e competência do conteúdo que se propunha a ensinar.

Pesquisando os anais da UESC, encontrei fatos interessantes sobre a vida profissional de Maria Palma, como a Monografia apresentada por três alunas do 2º Semestre de História na disciplina Introdução aos Estudos Históricos II, cujo título

foi História de vida da professora Maria Palma Andrade, titular de Geografia do Departamento de Ciências Agrárias e Ambientais da UESC

Quanto aos livros publicados pela professora Maria Palma Andrade citaremos:

1. Itabuna, Estudo Monográfico
Salvador, Artes Gráficas - 1972/78
2. Estudos Sociais da Bahia: Gente, Terra Verde, Céu Azul
São Paulo, Editora Ática - 1977
3. Escolinha Integrada
São Paulo - Editora Ática - 1977
4. Geografia da Micro Região Cacaueira
Ilhéus, CEPLAC - 1978
5. Estudo Geo-Econômico da Bahia
Salvador, Editora Gráfica - 1978
6. Estudos Sociais da Microrregião Cacaueira
São Paulo, Editora do Brasil - 1985
7. Ilhéus: Passado e Presente
Salvador- Bahia, Editora BDA - Bahia Ltda - 1996
8. De Tabocas a Itabuna - Um estudo Histórico Geográfico
Maria Palma Andrade
Lourdes Bertol Rocha
Editora Editus UESC - 2018

Faleceu no dia 14 de março de 2023 aos 90 anos. Por coincidência, neste dia a minha mãe completou 98 anos. No dia 30 de maio, minha mãe também descansou para o Senhor, e para Maria Palma Andrade e minha mãe, incentivadora da minha trajetória profissional, eu dedico estes versículos da Bíblia;

“Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé. Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele Dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a sua vinda”.

2, Timóteo 4. 7-8.

Sintetizei a trajetória da confrreira Maria Palma Andrade de quem tive o privilégio de ser aluna, e agora substituindo-a na Cadeira 27, cujo patrono é Fernando Sales, também baiano e por coincidência da Chapada Diamantina, como minha mãe.

Sou itabunense, nascida a 29 de março de 1949 no Bairro da Conceição.

Filha de Sinval Santiago de Moraes (carpinteiro) e Cleitina Pereira Lima de Moraes (costureira). Vivíamos uma vida humilde, mas num ambiente harmonioso e cristão.

Somos três irmãs criadas num lar onde meu pai, além de cristão, tinha sido convocado para a Segunda Guerra Mundial. Não foi como pracinha para o front na Itália, mas ficou de sentinela no Morro de Pernambuco, esperando a chegada de submarinos alemães, pois alguns navios brasileiros tinham sido torpedeados no nosso litoral.

Meu pai era crente da Congregação Cristã no Brasil e minha mãe, da Igreja Presbiteriana de Itabuna.

Fui criada nesse ambiente, ouvindo hinos cristãos e hinos da pátria.

Vivi muitas histórias, vi o crescimento do bairro que não possuía nenhuma infraestrutura. Minha mãe lavava nossa roupa no Rio Cachoeira, buscava água nas cisternas onde hoje é o Largo dos Eucaliptos. Não existia esgoto, nem calçamento e energia elétrica era privilégio de poucos. Eu tinha nove anos quando o meu pai conseguiu iluminar a nossa casa. Até essa idade a iluminação que tínhamos era candeieiro, placa e lamparina.

Só tínhamos a ponte estreita Góes Calmon que hoje é usada para pedestre, mas na minha infância os carros passavam. Quando um passava, o outro esperava na entrada da ponte. Também existiam poucos carros na cidade. Passavam também pela ponte boiadas que vinham das fazendas da margem direita do Rio Cachoeira. Era um desespero, pois só tínhamos os pequenos abrigos que na nossa ingenuidade nos livraria da agressão de um animal.

Optávamos então em atravessar o rio por uma ponte estreita e baixa, bem próxima ao nível da água, chamada ponte do Tororó ou dos Velhacos, onde atualmente está localizada a Câmara dos Vereadores e do outro lado, a rua da Maçonaria Areópago Itabunense.

Quando mudamos do Bairro da Conceição e fomos morar no final da Avenida Nações Unidas, o bairro tinha passado por um grande desenvolvimento: ruas calçadas, energia elétrica, água encanada, algumas igrejas, como a de Nossa Senhora da Conceição e a da Congregação Cristã no Brasil, Igreja Teosópolis.

O meu avô e o meu tio eram grandes leitores e tinham uma estante com muitas coleções que me atraíam pelos volumes encadernados com capas elegantes. Aos oito anos, fiz da leitura de grandes autores, como Monteiro Lobato e a sua coleção do Sítio do Picapau Amarelo, uma grande viagem com Pedrinho, Narizinho e a boneca Emília, descobrindo um mundo fantástico e o prazer de conhecer a Mitologia grega, lendo os Doze Trabalhos de Hércules e Dom Quixote de La Mancha e os moinhos de vento. Iracema e O Guarani, de José de Alencar. Cresci lendo Cipriano Barata: A sentinela da liberdade e outros escritos, a coleção completa de Jorge Amado, inclusive Subterrâneos da Liberdade, obra censurada e enterrada por meu tio no quintal no período do Regime Militar. Sherlock Holmes, Machado de Assis, e outros. Eu viajava no mundo encantado dos romances, além dos livros didáticos que faziam parte da minha educação formal.

Hoje, na Escola Pio XII temos uma biblioteca que em breve estaremos inaugurando com uma placa em homenagem à juíza, admirada e amada por todos nós, a Dra. Sônia Maron, e na minha casa tenho uma grande estante com os meus livros de Educação e uma grande quantidade de romances, em sua maioria históricos e aqui destaco os livros de Aydano Roriz, um baiano de Juazeiro que mora em Portugal e vive pesquisando os documentos portugueses na Torre do Tombo, para fundamentar os romances que escreve.

Tenho na leitura o meu principal entretenimento. Compro livros e leio todos com prazer. Minha última coleção foi Outlander, 11 volumes, alguns com 1165 páginas. Li todos os volumes com grande avidez.

Gosto de livros de séries históricas e livros de Educação.

Escrevi textos sobre educadores que me ensinam como ensinar e como aprender a ser professora.

“Feliz é aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”. Cora Coralina.

Faço editoriais para o Jornal da Escola, Tribuna do Saber e já estamos na XXXIII edição. Escrevi o livro da História da Escola Pio XII nos seus 50 anos, fazendo lindas histórias sempre. Também escrevi “Sexualidade na Adolescência e a interferência na aprendizagem escolar” e estou concluindo o livro “19 de junho de 2021: marcou para sempre as nossas vidas”. Eu relato fatos da Covid-19 e presto homenagem póstuma ao meu genro que faleceu com esse vírus cruel.

Minha irmã Eliúde está cobrando que eu faça um livro para os 55 anos da Escola e estou pensando escrever sobre “Histórias dos alunos da Escola Pio XII ontem e hoje”.

Eu sou Eliabe Izabel Lima de Moraes, filha, mãe, amiga. Tenho dois filhos e três netas.

Sou professora, diretora e coordenadora pedagógica da Escola Pio XII.

Comecei a ensinar aos 17 anos, em 1967, em Itaju do Colônia, aprendendo ali o que é viver fora do aconchego familiar, conhecendo o lado dolorido da vida em grupo.

Sou Coordenadora Pedagógica concursada e aposentada da Educação do Estado da Bahia.

Fundadora da Escola Pio XII com a minha irmã Eliúde, assumi a diretoria da Escola e carrego o título inédito de diretora que está no cargo há 54 anos.

Graduada em Estudos Sociais (História, Geografia, Educação Moral e Cívica, Organização Social e Política), pela FAFI (Faculdade de Filosofia de Itabuna) 1970;

Graduada em Pedagogia com Supervisão, FESPI 1986; Pós graduada em Supervisão Escolar - PUC Minas Gerais - 1994;

Mestre em Educação em Inovação Pedagógica - Universidade Pública da Madeira - Funchal - Portugal - 2008.

Estou aqui, entre pessoas queridas, a quem a partir de agora chamarei de confeitarias e confrades, agradecendo a confiança depositada em mim, uma simples mortal que vive a vida com intensidade e tem em Isaías 40:31 sua grande mensagem de vida:

“mas os que esperam no Senhor renovam as suas forças, sobem com asas como águias, correm e não se cansam, caminham e não se fatigam”.

QUEM SOU EU

Sou uma pessoa feliz,
Amo muito a vida
E dela sou aprendiz;
Tenho várias paixões,
Mas, como qualquer um,
Possuo imperfeições;

Se os caminhos desta vida
Ainda não sei de cor,
Pelo menos busco,
A cada dia,
Tornar-me alguém melhor.

Dennys Távora

(Discurso proferido em 26 de outubro de 2023)

REFERÊNCIAS

2 Timóteo 4 versículo 7,8

Carolina Cora - **As melhores frases e poemas de Cora Carolina - Pensador 1997**

Isaias 40:31

Lopes Alba, Nascimento Costa. Gislany, Oliveira Santos Léa - **História de Vida da Professora Maria Palma Andrade - 1996**

Távora, Dennys - **Quem Sou Eu**

25 anos da UNEB em Eunápolis Ensino, Pesquisa e Extensão no Território do Descobrimento

Charles Nascimento de Sá*

Hoje é um dia para ser feliz. Hoje é um momento para comemorar. Estamos aqui para festejar os 25 anos de fundação da UNEB de Eunápolis. Uso o termo “de” pois este indica o pertencimento e a posse por parte deste território para com esta instituição de ensino superior. Este pertencimento não segue em uma direção única, mas é também de todos nós, que fazemos parte da UNEB, para com a região em que estamos inseridos.

Comemorar o aniversário de fundação da UNEB em Eunápolis é entender a importância crucial de uma universidade para o desenvolvimento social e educacional entre aqueles que são residentes neste espaço. Com sua característica de inclusão e gratuidade, sendo uma universidade pública, voltada para o interior do Estado da Bahia e seus territórios, a UNEB tem produzido ao longo de mais de 40 anos mudanças profundas na sociedade baiana.

Nesse sentido é salutar perceber o quanto contribuimos para a sociedade deste território de identidade. São professores e professoras de História e Letras, administradores e

* Historiador. Especialista em História Regional; Mestre em Cultura e Turismo; Doutor em História. Professor da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, *Campus XVIII*, Eunápolis. Na Academia de Letras de Itabuna ALITA, ocupa a Cadeira 40, cujo patrono é Natan Coutinho.

administradoras, bacharéis em turismo, os quais têm impactado diretamente a região com seu trabalho e sua formação. São intelectuais que aqui foram formados, e estes, como nos lembra Antônio Gramsci, têm a “característica de organizar a sociedade”.

Em parceria com o governo federal, a UNEB de Eunápolis, por meio do programa Plataforma Freyre, foi responsável em ofertar cursos para formação de docentes que já estavam em sala de aula e não tinham o ensino superior ou estavam lecionando uma disciplina diferente de sua área de formação. Nesse sentido, entre 2010 a 2016 foram ofertados os cursos de Matemática, Biologia, História, Pedagogia, Artes, Geografia, Educação Física e Letras, contemplando todos os municípios da área. Ofertamos também a Universidade para todos em quatro municípios deste território de identidade.

Também fomos responsáveis pela criação de cursos de Especialização em Linguística e em Estudos Transdisciplinares em Cultura. Atualmente oferecemos turmas de Especialização em Educação Inclusiva no município de Porto Seguro.

Para o ano de 2025 avizinhm-se as ofertas do curso de Pedagogia, uma especialização para contemplar os bacharelados da casa e o Mestrado em Ensino.

Igualmente temos estreitado cada dia mais, os laços com os colégios e escolas de nossa comunidade, com o Núcleo Territorial de Educação, com o IFBA, com as Secretarias de Educação do nosso município e de municípios vizinhos, com a Câmara de Vereadores, a polícia militar local e com todas que perfazem este Território. Dessa forma, mantemo-nos abertos ao diálogo e à parceria institucional.

Essa importância também se apresenta nos números: entre docentes, técnicos e profissionais terceirizados o *Campus* de Eunápolis é responsável por quase cem pessoas. São mães, pais, filhos e filhas que aqui encontram seu sustento. São também consumidores que investem seu ganho neste espaço. Para além disso, as compras e aquisições feita pelo *Campus* constituem fonte

geradora de renda para todo o município. Entre o orçamento do *Campus* e os salários de nossos trabalhadores, investe-se mais de um milhão de reais no território, gerando renda e desenvolvimento para nosso comércio e comunidade.

Mas não se trata apenas de falarmos em dinheiro. O que de fato torna a UNEB de Eunápolis especial é seu impacto sobre as pessoas. Ao se constituir como instituição de ensino superior e *locus* privilegiado do pensar e do agir nesta região a UNEB modificou vidas. São por testemunhos de nossos ex-alunos e atuais discentes que temos a certeza de quão importante é nossa instituição para Eunápolis e região.

Ao longo desses 25 anos foram centenas de rapazes e moças que aqui entraram, a grande maioria foram os primeiros de várias gerações e ter o ensino superior. Esses jovens, depois transformados em adultos, tiveram sua cidadania e exercício profissional profundamente alterada por nosso ensino. Estes profissionais estão exercendo cargos e funções não apenas neste território, como também em outros. São intelectuais atuantes e líderes nessas comunidades, auxiliam com seu saber e trabalho na transformação social e na busca de uma sociedade mais igualitária e justa. Diversos são os exemplos a serem indicados.

Prezadas, prezados, estou neste *Campus* há 15 anos. Aqui entrei como professor substituto em 2009 sob a gestão do prof. Pedro Daniel. Em 2012, ainda com prof. Pedro à frente do Departamento, consegui ser convocado para vaga do concurso público que havia feito. Na UNEB aprendi a conviver com diferenças e debates que não me eram comuns. Aqui vivenciei as lutas cotidianas, os embates entre os iguais, bem como entre os diferentes. Fui aprendendo a ter maior cuidado com o ensino e o aprendizado de nossas alunas e alunos, fui me embrenhando pela tão necessária tarefa da inclusão e da acessibilidade. Fui compreendendo o olhar e a formação tão própria desta instituição que hoje serve como modelo em sua *multicampia* para todo o território brasileiro.

A UNEB é grande, somos cerca de 30.000 pessoas envolvidas com a prática de universalização do ensino superior. Estamos em todos os territórios de identidade do Estado da Bahia, e para além dele, com nossos cursos *on line*. Nossa pesquisa, extensão e ensino geram inúmeros artigos, folhetos, cartazes, documentários, vídeos, ações as mais diversas em escolas, ONGs, povoados, aldeais, quilombos, no centro e na periferia das cidades. A UNEB é atuante, e em Eunápolis não é diferente! São mais de 50 projetos que executamos ao longo do ano. Em todos eles o carinho e dedicação de docentes e discentes estão presentes, na certeza de que por meio de nosso trabalho fomentamos o crescimento humano e intelectual de toda essa região.

O historiador inglês Robin G. Collingwood disse no século passado, que “conhecer a si mesmo, significa conhecer o que se pode fazer, e posto que não se sabe o que se pode fazer até que se tenha tentado, a única pista para saber o que pode fazer o homem é averiguar o que tem ele feito”. Ora, nós na UNEB de Eunápolis temos feito muito por todo este território e sua gente.

Fizemos e continuaremos a fazer, pois em nossa missão está o inequívoco e fundamental ideal de transmissão e construção do saber humano, daquilo que nos completa e nos dota da necessária ação para construção de um mundo melhor.

Para encerrar, meu profundo agradecimento à presença de todas e todas que estão aqui hoje. De modo particular meu sincero carinho para nossas trabalhadoras e trabalhadores dos serviços gerais, para nossas técnicas e técnicos, para nossas professoras e professores, para nossos motoristas, nossos vigilantes e, por fim, para nossas alunas e alunos, razão de ser de nossa UNEB Eunápolis. Muito obrigado!

(Discurso proferido no campus XVIII da UNEB em Eunápolis - Bahia no 25º aniversário da instituição)

Abertura dos trabalhos na Academia de Letras de Ilhéus Castro Alves: o homem, o poeta, o mito

Ruy do Carmo Póvoas*

Sejamos todos e todas bem-vindos com a graça de Deus
Saudações especiais
Aos dirigentes desta Casa
Aos senhores e senhoras componentes da mesa diretora
A todos e a todas as pessoas aqui presentes

Inicialmente, rendo tributo sob forma de agradecimento a esta também minha Academia de Letras. Costumo dizer nos eventos dos quais participo: quem não agradece o que recebeu não é digno do recebido.

* (1943) Ilheense, fixado em Itabuna, licenciado em Letras (FAFI), Mestre em Letras Vernáculas (UFRJ), Doutor Honoris Causa (UESC). Em Itabuna, fundou o Ilê Axé Ijexá, terreiro de candomblé de origem nagô, de nação Ijexá, no qual exerce a função de babalorixá. Sua produção escrita abrange o verso e a prosa. Tem publicado: *Vocabulário da paixão, A linguagem do candomblé, Itan dos mais velhos, Itan de boca a ouvido, A fala do santo, VersoREverso, Da porteira para fora, A memória do feminino no candomblé, Mejiçã e o contexto da escravidão, Fazenda de contos, A viagem de Orixalá, Novos dizeres, Representações do escondido, Matéria acidentada, Oratório, A sombra no espelho, Dizeres esparsos, Confessionário, Dizeres do avesso, O risco e o laço e Outros dizeres*. Fundador do Laboratório de Redação e do Núcleo de Estudos Afro-Baianos Regionais - Kàwé, da Universidade Estadual de Santa Cruz, do qual foi coordenador durante dezesseis anos, sendo editor do *Jornal Tàkàdá*, do *Caderno Kàwé* e da *Revista Kàwé*. Ocupa a Cadeira 18 da Academia de Letras de Ilhéus e é membro fundador da Academia de Letras de Itabuna. ajalah@uol.com.br

Aqui já estive, nesta data, nos anos de 2007, 2008 e 2010, para pronunciar uma fala na Solenidade de Abertura dos Trabalhos desta Academia. Para um ouvinte, nada pior do que participar de uma palestra cujo conteúdo ele já sabe e sabe, também, antecipadamente, o que o palestrante vai dizer. Prometo: não farei de mim alvo para os outros atirarem.

Desta vez, resolvi percorrer os meandros da memória. Seguidor que sou das ideias de Gaston Bachelard, quando me dei ao exercício da imaginação imaginante sobre o que comentar nesta minha fala, não me excluí das pessoas que costumam recorrer ao Google quando necessitam de informações sobre um dado assunto: também fiz isso. E por lá, encontrei duas informações basilares para o que penso fazer. Uma, sobre Castro Alves. Outra sobre a Academia de Letras de Ilhéus.

Sobre Castro Alves:

Antônio Frederico de Castro Alves (Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira, 14 de março de 1847 - Salvador, 6 de julho de 1871) foi um poeta brasileiro. Escreveu clássicos como *Espumas Flutuantes* e *Hinos do Equador*, que o alçaram à posição de maior entre seus contemporâneos, bem como versos de poemas como *Os Escravos* e *A Cachoeira de Paulo Afonso*, além da peça *Gonzaga*, que lhe valeram epítetos como “poeta dos escravos” e “poeta republicano” por Machado de Assis, ou descrições de ser “poeta nacional, se não o mais nacionalista, poeta social, humano e humanitário”, no dizer de Joaquim Nabuco, de ser “o maior poeta brasileiro, lírico e épico”, no dizer de Afrânio Peixoto, ou ainda de ser o “apóstolo andante do condoreirismo” e “um talento vulcânico, o mais arrebatado de todos os poetas brasileiros”, no dizer de José Marques da Cruz. Integrou o movimento romântico, fazendo parte no país daquilo que os estudiosos chamam de “terceira geração romântica”.

Começou sua produção maior aos dezesseis anos de idade, e seus versos de *Os escravos* foram iniciados aos dezessete (1865), com ampla divulgação no país, onde eram publicados nos jornais e declamados, ajudando a formar a geração que viria a conquistar a abolição. Ao lado de Luís Gama, Nabuco, Ruy Barbosa e José do Patrocínio, destacou-se na campanha abolicionista, “em especial, a figura do grande poeta baiano Castro Alves”.

Sobre a Academia de Letras de Ilhéus:

Aos quatorze dias do mês de março de mil novecentos e cinquenta e nove (1959), nesta cidade de Ilhéus, do Estado Federado da Bahia, precisamente às 17 horas, na residência do intelectual Abel Pereira, Edifício Magalhães, 2º. andar, apartamento 2, à Praça Visconde de Mauá, reuniram-se os senhores Abel Pereira, Nelson Schaun, Wilde Oliveira Lima e Plínio de Almeida, membros da comissão de iniciativa, e mais os convidados Dom Caetano Antônio Lima dos Santos, Osvaldo Ramos, José Cândido de Carvalho Filho, Halil Medauar, Jorge Fialho e Otávio Moura, para o caso especial de se estudar o plano e consequente fundação da Academia de Letras de Ilhéus. Nessa reunião, fizeram-se representar pelo Sr. Abel Pereira, por meio de cartas de autorização, os senhores Fernando Diniz Gonçalves, Sosígenes Costa, Camilo de Jesus Lima, Raimundo Brito, Eusígnio Lavigne, Ramiro Berbert de Castro, Flávio Jarbas, Heitor Dias, Flávio de Paula e Milton Santos.

Para além de tais memórias escritas, outras tantas, vivenciadas por mim, entornam o caldo e vêm participar da ciranda. Uma delas é sobre o que aconteceu no ano de 1971, ainda nos tempos da Faculdade de Sociologia e Política de Ilhéus, covardemente cassada, mais tarde, pelo governo militar. Era um tempo em que Agnísio Marques de Souza era o diretor da Faculdade. Ele organizou a comemoração do centenário da morte de Castro Alves. O evento aconteceu parte na sede da Faculdade

e parte na praça que até hoje leva o nome do poeta. Fui convocado por Agnísio para ser um dos declamadores de poemas de Castro Alves e a mim coube *Vozes d’África*. Ah, como encantei a multidão. Muito mais pelas estrofes declamadas, de metáforas arrebatadoras, de frases pujantes, do que mesmo pelo meu modo de declamar. Seguiram-se outros declamadores e saímos da praça engolfados de emoção. Em nós, muito mais do que comemorar um centenário, nossas almas estavam impregnadas pelos valores trançados em Castro Alves. Enfim, o homem, o poeta, o mito eram e continuam sendo avassaladores.

No dia seguinte, foi a vez de Agnísio lançar seu livro *Mãos cansadas*, em cujo evento declamou o longo poema de Castro Alves, *Jesuítas*. Bartolomeu Mônaco da Conceição se postou por trás de Agnísio para suprir os lapsos de memória do declamador que, afinal, já era um tanto idoso.

Uma outra memória vem correndo, querendo espaço para se apresentar. E por mais que eu a empurre para o porão do esquecimento, ela rompe as barreiras da proibição e vem à tona. Era o ano de 1959 e eu fazia a segunda série do curso ginásial. Desde o início do ano, meus acessos de asma pioraram. Comecei a ter febre sorradeira e constante. Uma tosse seca me dominava dia e noite. Até que Dr. Genaro Sampaio resolveu fazer um exame de escarro. Daí, me encaminhou para Dr. Frederico. E o diagnóstico mortal: “lesão fibro-caseosa no vértice do pulmão direito, ocasionada pela ação corrosiva do bacilo de Koch”. Isto é, eu estava dominado pelo mesmo mal que há 88 anos tinha dizimado Castro Alves. Apesar de tanto tempo separando os dois eventos, tuberculose era o mesmo que condenar o portador à morte, com raríssimas exceções. Fui posto em reclusão, no meu quarto, ao qual somente minha mãe e meu pai tinham acesso. Tudo que eu tocasse teria que ser desinfectado. Não se podia pronunciar a palavra tuberculose, nem a vizinhança poderia ficar sabendo de minha condenação. Era um tempo sem rádio, sem TV, sem telefone. A asma impedia

o avanço do tratamento porque o pulmão não podia repou-
sar. Magro, alquebrado, fraco e pálido, busquei resistência
na leitura. Lia de tudo que meu pai me entregava. Li, por
seis vezes, a Bíblia. E quando fui libertado daquele cárcere
privado, mentalmente eu não era mais adolescente. Tinha
viajado pelo mundo através da leitura. Matemática, Língua
Portuguesa e Ciências faziam parte de meu conhecimento.

Mas por que tal memória foi narrada? Imaginemos o
mesmo mal no tempo de Castro Alves. Imaginemos um jovem
famoso, bonito, conquistador morrendo pouco a pouco. Ima-
ginemos aquele homem perdendo a esperança de sobreviver.
Imaginemos a mãe acompanhando o *desnascimento* do filho.
Imaginemos o poeta não podendo mais artisticamente habitar
aquele corpo de apenas 24 anos.

Memória. Sim, é isso: memória, sob forma de registros
escritos ou de lembranças recuperadas. Mas antes de tudo,
memória. Mas o que chamamos memória? As palavras são
signos, símbolos, representações, nas quais imprimimos con-
teúdos de significação quando delas nos utilizamos. Não pre-
tendo aqui discutir teórica nem muito menos filosoficamente
os conceitos de memória. Prefiro caminhar pela memória con-
forme está em mim.

E de qual lugar estou falando? De homem idoso, pardo,
professor aposentado, escritor e poeta, babalorixá. Digo isso
às pessoas para que elas digam isso de mim. E é justamente
desse lugar que evoco a memória.

Às vezes, simples recordação ou lembrança fugidia. Ou-
tras tantas, à revelia de mim, revivência compulsória. E ain-
da há momentos em que uma emoção atual me carrega por
tempos abismais, convencido da certeza de que aquilo não
voltará nunca mais.

Nos dados biográficos recolhidos no Google, Castro Al-
ves é guindado a condições de homem, poeta e mito. Nos da-
dos sobre a fundação desta Academia, a Casa que embarcou
na memória do homem, do poeta, do mito.

Na condição de homem, Castro Alves foi um ser datado.
Viveu apenas 24 anos e foi vitimado pela tuberculose. Seus da-
dos biográficos dão conta de sobra do perfil de homem daquela
época. Mas se tratava de um homem personagem de exceção,
que tinha clareza da ignomínia que avassalava a maioria dos
homens daquela época. Um jovem branco que sentiu na alma e
no estro a terrível escuridão do que era a escravatura.

Sentir, porém, não era a única capacidade humana de
Castro Alves, pois trouxe consigo um artista do verso que o
compunha. E o homem ficou à disposição do poeta, para mui-
to além da pele branca e do poder aquisitivo. Se apenas sen-
tisse e não versejasse, certamente sua memória já teria se
apagado, como a tantos jovens de sua época. Quais nomes
sobreviveram daqueles e daquelas que lotaram a plateia dos
teatros onde Castro Alves declamava seus poemas?

Ouçam e vejam o que Castro Alves compôs na terceira
estrofe de seu poema *Mocidade e morte*:

Eu sinto em mim o borbulhar do gênio,
Vejo além um futuro radiante:
Avante! – brada-me o talento n’alma
E o eco ao longe me repete – avante!
O futuro... o futuro... no seu seio...
Entre louros e bênçãos dorme a glória!
Após – um nome do universo n’alma,
Um nome escrito no Panteon da história.
E a mesma voz repete funerária:
Teu Panteon – a pedra mortuária!

Eis aqui a delineação do mito: “Eu sinto em mim o bor-
bulhar do gênio.” E o que podemos entender, em tal contexto,
o significado da palavra mito? Para além das muitas signifi-
cações em que o termo pode ser empregado, no imaginário,
mito é uma matriz a ser preenchida por fenômenos, valores
ou crenças de uma dada sociedade. Então, alguém sentir em
si o borbulhar do gênio, reconhecendo isso enquanto tal e,

ainda por cima, às portas da morte, não é para qualquer um. E normalmente o herói em qualquer mito, ainda que seja um homem comum, reserva em si a genialidade. O próprio Castro Alves nos deu o caminho para considerá-lo um mito, tal como fazemos hoje.

Mas vamos ao último lampejo da memória a respeito do tema abordado. Em julho do ano passado, fui convidado, juntamente com Tica Simões, pela Professora Dinalva Melo, para participarmos do evento *Colóquio Flicca*, em Cachoeira, BA. Nossa mesa, *Sonhos de liberdade*, aconteceu no dia 9 daquele mês. No dia seguinte, fomos levados até à casa onde nasceu Castro Alves, na cidade que hoje tem o seu nome. Por lá passamos a tarde inteira, percorrendo cômodo por cômodo daquela casa, agora um museu. Saí de lá encharcado de memória e sentimento. Vi os mais diversos objetos que pertenceram a Castro Alves. E passei os três dias seguintes empanturrado de emoção. Foi lá, na casa de Castro Alves, que me acendeu o tema que hoje discorro aqui: Castro Alves: o homem, o poeta, o mito.

Posso lhes dizer com segurança três coisas. O homem Castro Alves, eu o vi e o senti na visita à casa onde ele nasceu – um homem predestinado. O poeta, eu o senti naquela tarde de julho de 1971, quando declamei *Vozes d'África* na praça em que seu busto pontifica. E o mito se justifica porque até hoje reconhecemos Castro Alves na condição de homem, de poeta e de gênio. Não só na Bahia, também no Brasil e no mundo.

Estas comemorações que realizamos aqui e agora serão certamente injustas, se não dirigirmos o foco para Castro Alves, num tributo de gratidão e eterno agradecimento. Não podemos mais voltar àquela praça, tão vizinha a nós, naquela tarde de julho de 1971. Agnísio Marques de Sousa, há muito tempo, retornou para suas origens. Então, cabe-nos o legítimo e necessário exercício, num ato de imaginação imaginante, convidar Castro Alves para que ele nos fale suas *Vozes d'África*, uma África que padece dos mesmos males até hoje.

VOZES D'ÁFRICA

(Castro Alves)

Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?
Em que mundo, em que estrela tu te escondes
Embuçado nos céus?
Há dois mil anos te mandei meu grito,
Que embalde desde então corre o infinito...
Onde estás, Senhor Deus?...

Qual Prometeu tu me amarraste um dia
Do deserto na rubra penedia
Infinito: galé!...
Por abutre, me deste o sol ardente,
E a terra de Suez foi a corrente
Que me ligaste ao pé...

O cavalo estafado do Beduíno
Sob a vergasta tomba ressupino
E morre no areal.
Minha garupa sangra, a dor poreja,
Quando o chicote do simun dardeja
O teu braço eternal.

Minhas irmãs são belas, são ditosas...
Dorme a Ásia nas sombras voluptuosas
Dos haréns do Sultão.
Ou no dorso dos brancos elefantes
Embala-se coberta de brilhantes
Nas plagas do Hindustão.

Por tenda tem os cimos do Himalaia...
O Ganges amoroso beija a praia
Coberta de corais...
A brisa de Misora o céu inflama;
E ela dorme nos templos do Deus Brama,
Pagodes colossais...

A Europa é sempre Europa, a gloriosa!
A mulher deslumbrante e caprichosa.
Rainha e cortesã.
Artista, corta o mármore de Carrara:
Poetisa, tange os hinos de Ferrara,
No glorioso afã!...

Sempre a láurea lhe cabe no litígio...
Ora uma coroa, ora o barrete frígio
Enflora-lhe a cerviz.
O Universo, após ela, doido amante,
Segue, cativo, o passo delirante
Da grande meretriz.

Mas eu, Senhor!... Eu triste abandonada
Em meio das areias esgarrada,
Perdida marchando em vão!
Se choro... bebe o pranto a areia ardente;
Talvez, para que meu pranto, ó Deus clemente!
Não descubras no chão...

E nem tenho uma sombra de floresta...
Para cobrir-me nem um templo resta
No solo abrasador...
Quando subo às Pirâmides do Egito
Embalde aos quatro céus chorando grito:
Abriga-me, Senhor!

Como o profeta em cinza a fronte envolve,
Velo a cabeça no areal que volve
O siroco feroz...
Quando eu passo no Saara, amortalhada,
Ai! dizem: "Lá vai África embuçada
No seu branco albornoz..."

Nem veem que o deserto é meu sudário,
Que o silêncio campeia solitário
Por sobre o peito meu.
Lá no solo onde o cardo apenas medra
Boceja a Esfinge colossal de pedra
Fitando o morno céu.

De Tebas nas colunas derrocadas
As cegonhas espiam debruçadas
O horizonte sem fim ...
Onde branqueia a caravana errante,
E o camelo monótono, arquejante
Que desce de Efraim

Ainda não basta de dor, Oh, Deus terrível?
É, pois, teu peito eterno, inexaurível
De vingança e rancor?...
E que é que fiz, Senhor? que torvo crime
Eu cometi jamais que assim me oprime
Teu gládio vingador?!

Foi depois do dilúvio... um viajante,
Negro, sombrio, pálido, arquejante,
Descia do Arará...
E eu disse ao peregrino fulminado:
"Cam! Serás meu esposo bem-amado...
Serei tua Eloá..."
Desde este dia, o vento da desgraça,
Por entre meus cabelos, ululando passa
O anátema cruel.
As tribos erram do areal nas vagas,
E o nômade faminto corta as plagas
No rápido corcel.

Vi a ciência desertar do Egito...
Vi meu povo seguir, Judeu maldito
Trilho de perdição.
Depois vi minha prole desgraçada
Pelas garras da Europa arrebatada,
Amestrado falcão!...

Cristo! Embalde morreste sobre um monte.
Teu sangue não lavou de minha fronte
A mancha original.
Ainda hoje são, por fado adverso,
Meus filhos, alimária do universo,
Eu, pasto universal...

Hoje, em meu sangue, a América se nutre,
Condor que se transformara em abutre,
Ave da escravidão,
Ela juntou-se às mais... irmã traidora,
Qual de José os vis irmãos outrora
Venderam seu irmão.

Basta, Senhor! De teu potente braço
Role através dos astros e do espaço
Perdão para os crimes meus!
Há dois mil anos eu soluço um grito...
escuta o brado meu lá no infinito.
Meu Deus! Senhor, meu Deus!

Agradeço a todos e a todas sinceramente.

(Fala proferida na Solenidade de Abertura dos Trabalhos da ALI para o Ano de 2024, no dia 14 de março. Nessa data, a ALI também comemorou o Dia Nacional da Poesia, os 177 anos de nascimento de Castro Alves e os 65 anos de fundação da Academia de Letras de Ilhéus.)

Recepção à Professora Doutora Maria de Lourdes Netto Simões

Ruy do Carmo Póvoas*

Ilustre Senhora,
Professora Doutora Maria de Lourdes Netto Simões:

O poeta português Rômulo de Carvalho, também conhecido pelo cognome de António Gedeão, na última estrofe de seu poema **Pedra filosofal**, assim escreveu:

Eles não sabem, nem sonham,
que o sonho comanda a vida.
Que sempre que um homem sonha

* (1943) Ilheense, fixado em Itabuna, licenciado em Letras (FAFI), Mestre em Letras Vernáculas (UFRJ), Doutor Honoris Causa (UESC). Em Itabuna, fundou o Ilê Axé Ijexá, terreiro de candomblé de origem nagô, de nação Ijexá, no qual exerce a função de babalorixá. Sua produção escrita abrange o verso e a prosa. Tem publicado: *Vocabulário da paixão, A linguagem do candomblé, Itan dos mais velhos, Itan de boca a ouvido, A fala do santo, VersoREverso, Da porteira para fora, A memória do feminino no candomblé, Mejigã e o contexto da escravidão, Fazenda de contos, A viagem de Orixalá, Novos dizeres, Representações do escondido, Matéria acidentada, Oratório, A sombra no espelho, Dizeres esparsos, Confessionário, Dizeres do avesso, O risco e o laço e Outros dizeres*. Fundador do Laboratório de Redação e do Núcleo de Estudos Afro-Baianos Regionais - Kàwé, da Universidade Estadual de Santa Cruz, do qual foi coordenador durante dezesseis anos, sendo editor do *Jornal Tàkàdá*, do *Caderno Kàwé* e da *Revista Kàwé*. Ocupa a Cadeira 18 da Academia de Letras de Ilhéus e é membro fundador da Academia de Letras de Itabuna. ajalah@uol.com.br

o mundo pula e avança
como bola colorida
entre as mãos de uma criança.

Rómulo V. G de Carvalho.
(António Gedeão)
Pedra filosofal.

Em qualquer situação em que nos defrontemos com uma obra de arte sob forma de poema, cumpre compreender que o poema é um universo íntegro, fechado em si mesmo. Por isso, nada é necessário para completar os níveis de significação nele contidos.

Se tais dizeres expressam uma verdade, se nada fora do poema seria mais necessário à sua compreensão, cabe ao leitor a única ação que lhe resta: revestir-se de sensibilidade e mergulhar em arroubos de interpretação.

E assim procedendo, face à estrofe de Gedeão, a palavra *homem* deverá ser interpretada como síntese do gênero humano. Assim, como quer o poeta, sempre que uma pessoa sonha, o mundo pula e avança.

Um dia, Cabral sonhou chegar às Índias por um caminho mais rápido. Um dia, D. Pedro sonhou com um país independente. Um dia, Santos Dumont sonhou que os humanos podiam voar. Um dia, Castro Alves sonhou com a liberdade para os negros escravizados. Um dia, pessoas sonharam, lutaram e venceram a guerra pela independência da Bahia. Um dia, pessoas sonharam em fundar uma academia de letras em Ilhéus. Um dia, a Professora Maria de Lourdes sonhou com um mundo melhor. Agora, realizamos o sonho da ALI em incorporar a ilustre professora ao nosso plantel.

E acreditamos firmemente que, ao realizarmos nosso sonho, o mundo pula e avança. Ai, portanto, dos que não sonham, pois seu mundo nunca se realizará e, num complexo de autopunição, cabe a quem não sonha olhar de longe os mundos que outros construíram para si e para os outros.

E ao recebermos a ilustre professora Maria de Lourdes nesta nossa academia, quais sonhos detectamos nas trilhas por ela percorridas? A nós outros, será necessário fôlego, muito fôlego mesmo, para um inventário justo do qual ela é merecedora.

Certamente, haverá uma área de sua existência na qual, ali, os sonhos gestados só podem ser alcançados exclusivamente por ela. Então, cumpre percorrer as trilhas socioculturais por ela criadas ou seguidas. Vejamos.

Em primeiro lugar, o sonho de mulher atenta a seu tempo, construindo seu próprio destino. Assim, vamos encontrar uma Maria de Lourdes que, investindo em si própria, não postergou a construção de seu viver social. Estudou, se formou, se casou, gerou filhos e os criou. A escolha do homem com o qual deveria construir sua família teve o toque especial da sabedoria, da clareza e da seleção. E foi com o magnânimo Henrique Campos Simões que o enlace se deu.

A criação e formação de dois filhos exemplares - e não podia ser diferente, pois exemplares foram os pais - não lhe tiraram as possibilidades de outras construções. Desde a aventura de viagens pelo Brasil e pelo mundo, o cuidado com a vida financeira - nunca se ouviu falar que a professora Maria de Lourdes se queixasse de dificuldades ou dívidas, temas tão comuns aos incautos. Em suma, a professora Maria de Lourdes e o professor Henrique Simões formaram um casal distinguido com as bênçãos do Universo.

Com o mesmo denodo, cuidado e atenção, simultaneamente outras trilhas eram também percorridas em busca do sonho. E Maria de Lourdes deu-se à construção do sonho de ensinar, ser professora, chegando ao ápice da carreira. E chegou com brilhantismo e galhardia. Atravessou o Atlântico e foi beber em fontes primárias, na construção de um doutorado e de dois pós-doutorados. Isso, ela sonhou e fez com o intelecto nos estudos e pesquisas, com os pés na Europa e o coração no Brasil.

Para além disso, também houve incursões na área da administração. Trabalhou junto ao governo Ubaldo Dantas, em Itabuna, na Secretaria de Cultura e, na FESPI/UESC, como assessora e pró-reitora. Observemos, porém, um viés do sonho que era alimentado com outras atividades: a pesquisa acadêmica. Mais uma fatia do sonho também era construída simultaneamente: a pesquisa em Literatura Portuguesa, área em que se especializou, fez um doutorado e dois pós-doutorados. E ainda, não satisfeita foi pelos caminhos da Literatura e Turismo.

E hoje, revestida de autoridade de um saber oriundo dos sonhos, a professora Maria de Lourdes é autoridade brasileira nos saberes em Literatura Portuguesa e em Literatura e Turismo.

Ainda tem mais sonhos, sim. A publicação de obras, sob forma de artigos críticos resultantes de seu fazer acadêmico, desde **Narrativa portuguesa em processo de fragmentação**, de 1975, a **Pluralidades - patrimônio, cultura e viagens**, de 2018, sua produção enobrece esta academia, quando nela abraçamos a sua competência, o seu desempenho, a sua envergadura.

É preciso voltar à estrofe que tomamos por epígrafe na abertura desta recepção: “sempre que um homem sonha o mundo pula e avança”. Devemos intuir, portanto, que sonhos individuais ou particulares em nada farão o mundo pular e avançar. E é justamente por isso que os sonhos de Maria de Lourdes Netto Simões são dignos de registro para a posteridade. Se teve sonhos particulares, muito mais sonhou coletivamente. Tornando-se um dia professora da Faculdade de Filosofia de Itabuna, juntou-se a outros sonhadores na participação das lutas pela interiorização do ensino superior na chamada terra do cacau. E resultou na criação das Escolas Superiores de Ilhéus e Itabuna - FESPI. Não foi o suficiente, o sonho se alargou e veio a luta pela criação de uma universidade pública e gratuita na nossa região.

E a criação da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC terminou se efetivando. Enquanto isso, Maria de Lourdes sonhou e criou o Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões, da FESPI/UESC.

É coisa; é muita coisa. Num breve apanhado como este, não é possível abarcar um inventário completo. E por essas coisas todas, Professora Maria de Lourdes Netto Simões, nós agradecemos sua generosidade em aceitar juntar-se a outras e outros sonhadores que compõem a nossa academia. Sonhe-mos juntos, pois. Se é verdade que sempre que uma pessoa sonha, o mundo pula e avança, façamos o mundo da nossa academia, da nossa Ilhéus, da nossa região, do nosso Estado da Bahia, enfim, deste nosso sofrido Brasil pular e avançar no movimento das águas de nossos sonhos que são voltados para o bem, para o progresso, para a luz, para a amorosidade, para o respeito e para a consideração. Conforme Akira Kurosawa, “Sonhos, acredite neles.”

Por fim, esta é uma noite de festa, de alegria, de comemoração, de recepção. Não cansemos, pois, os ouvintes, muito menos a nova e Ilustre Confreira Maria de Lourdes Netto Simões. Comecei com os versos de um poeta português. Nada mais justo do que encerrarmos do mesmo modo. Quem bem merece ser citado? O poeta português, bem-amado, bem-querido, bem estudado por parte da ilustre Confreira, Fernando Pessoa, nos versos do poema **O andaime**.

E ao me debruçar sobre tal magnífica composição, o sonho me leva de volta a 1970. Por que aquele ano? Era eu aluno matriculado no Curso de Letras da Faculdade de Filosofia de Itabuna. Final da manhã, aula de Literatura Portuguesa, com a professora Tica Simões. Voltava eu, sonolento e pernoitado, da cidade de Almadina, onde eu dava aulas de Matemática. Quando entrei na sala, a aula já tinha começado e a professora começou a ler um poema de Fernando Pessoa. Mergulhemos n“O andaime”:

O ANDAIME

O tempo que eu hei sonhado
Quantos anos foi de vida!
Ah, quanto do meu passado
Foi só a vida mentida
De um futuro imaginado!

Aqui à beira do rio
Sossego sem ter razão.
Este seu correr vazio
Figura, anónimo e frio,
A vida vivida em vão.

A esperança que pouco alcança!
Que desejo vale o ensejo?
E uma bola de criança
Sobe mais que a minha esperança.
Rola mais que o meu desejo.

Ondas do rio, tão leves
Que não sois ondas sequer,
Horas, dias, anos, breves
Passam - verduras ou neves
Que o mesmo sol faz morrer.

Gastei tudo que não tinha
Sou mais velho do que sou.
A ilusão, que me mantinha,
Só no palco era rainha;
Despiu-se, e o reino acabou.

Leve som das águas lentas,
Gulosas da margem ida,
Que lembranças sonolentas
De esperanças nevoentas!
Que sonhos o sonho e a vida!

Que fiz de mim? Encontrei-me
Quando estava já perdido.
Impaciente deixei-me
Como a um louco que teime
No que lhe foi desmentido.

Som morto das águas mansas
Que correm por ter que ser,
Leva não só as lembranças,
Mas as mortas esperanças -
Mortas, porque hão de morrer.

Sou já o morto futuro.
Só um sonho me liga a mim -
O sonho atrasado e obscuro
Do que eu devera ser - muro
Do meu deserto jardim.

Ondas passadas, levai-me
Para o olvido do mar!
Ao que não serei legai-me,
Que cerquei com um andaime
A casa por fabricar.

Repito a última estrofe, porque ela, naquele dia, me fez chorar em silêncio e, por isso mesmo, ninguém viu:

Ondas passadas, levai-me
Para o olvido do mar!
Ao que não serei legai-me,
Que cerquei com um andaime
A casa por fabricar.

E desde aquela aula, a memória encalacrou-se em mim. E por causa daquela aula, no ano seguinte, eu já estava ensinando Português e saindo em definitivo da área das exatas. E somente agora, decorridos 53 anos, posso lhe informar sobre isso. A Matemática jamais me ajudaria a cercar com andaime a casa que eu queria fabricar.

Hoje, a casa, esta nossa casa, está fabricada e a senhora já é uma de suas titulares. O andaime, sonhado e construído, nos trouxe até aqui. Fiz-me parceiro de seus sonhos e construímos uma amizade sólida, calcada na lealdade e no respeito mútuo. Tanto assim que as nossas diferenças nunca prevaleceram entre nós. E nos tornamos *amiguirmãos*. Sem arranhão algum, nossa amizade já ultrapassa meio século.

Doutora Maria de Lourdes Netto Simões, Professora Tica, Tica, minha *amiguirmã*, seja bem-vinda a esta Casa de Abel, doravante sua casa também, com a graça de Deus, cercada pelo rebanho dos sonhos seus.

(Discurso de Recepção à Professora Doutora Maria de Lourdes Netto Simões no dia de sua posse, na Academia de Letras de Ilhéus - ALI, na Cadeira 19. Ilhéus, 22 de julho de 2023)

Discurso de posse na presidência da Academia de Letras de Itabuna Biênio 2024/2025

Raquel Rocha*

Senhoras e senhores acadêmicos, autoridades, familiares e amigos

Saúdo-os neste ato solene de posse.

Hoje, ao assumir a presidência desta prestigiosa Academia de Letras, reflito a história da ALITA, a atuação de seus membros e a jornada que me trouxe até aqui.

Em 2013, quando nossa Academia escrevia seus primeiros capítulos, após ter sido fundada, apenas dois anos antes, tive honra de ser convidada pelo ilustre escritor Cyro de Mattos para unir-me a esta egrégia instituição. Desde aqueles primeiros dias, fui acolhida com braços abertos e corações aquecidos por aquele grupo pioneiro.

* Graduada em Psicologia, em Comunicação Social e em Ciências Econômicas. Pós-graduada em Saúde Mental, Neuropsicologia e Terapia Familiar. Como cineasta, dirigiu os seguintes documentários: Nos trilhos do tempo (2009), Itabuna 100 anos- a história contada (2010), Ferradas- um berço amado (2011), Pecado perdoado (2011), Onde planto uma canção (2012), Cacau para sempre (2012), Nadja (2013) e Waldomiro volta pra casa (2014). Foi premiada no concurso Metamorfoses do Cacau, promovido pelo Goethe Institut - Salvador. No Teatro produziu a "Paixão de Cristo em cordel" e foi diretora da peça "Enfant terrible - o cinza". No campo da Comunicação também desenvolve trabalhos como Apresentadora de TV e escreve artigos para jornais e revistas. Na Academia de Letras de Itabuna - ALITA, ocupa a Cadeira 25, cuja patrona é Elvira Foepel.

Além de Cyro de Mattos, uma outra pessoa foi essencial para minha jornada dentro desta Academia - a então presidente, Sônia Carvalho de Almeida Maron. Mulher forte, desbravadora e ativa. Sônia representava o espírito vivo da ALITA, encarnando os valores e a missão que nos unem. Ela me recebeu com um carinho maternal, ensinando-me sobre nossa instituição com sinceridade e sabedoria.

Em 2014, um ano após o meu ingresso, assumi o cargo de Diretora de Comunicação, cargo que ocupei até a data de hoje. Nessa função dei continuidade ao trabalho iniciado por Ceres Marylise e dediquei-me a divulgar a academia, os eventos, seus membros e suas obras. Esta função permitiu-me conhecer cada vez mais a riqueza da expressão literária e cultural do nosso sodalício, reforçando o papel vital de nossa academia no cenário cultural da nossa região.

Sônia me envolveu em todas as atividades desde o início e escutava minhas ideias com atenção. Sob sua orientação, aprendi não apenas sobre questões institucionais, mas também sobre a importância do compromisso coletivo e da colaboração.

Em 2015, Sônia propôs que eu me candidatasse à presidência, após seu primeiro mandato. Confesso que a surpresa foi acompanhada de grande receio - pois me sentia, naquele momento, despreparada para tal responsabilidade. Eu ainda tinha muitas árvores para plantar, livros para escrever, e ler, e duas filhas pequenas para criar. Agradei a Sônia pela honraria do convite, reconhecendo minha inexperiência para conduzir uma instituição tão grandiosa. Que bom que o fiz, porque tivemos Sônia nos conduzindo com brilhantismo por dois mandatos.

Sônia foi a segunda presidente da nossa academia.

Nosso primeiro presidente foi Marcos Bandeira. Marcos não teve a opção de recusar o cargo, pois foi de seu sonho que a ALITA nasceu. Ele foi a mente que sonhou com a existência de uma academia de letras em Itabuna. Junto com Cyro de Mattos,

não só sonharam, mas também transformaram esse sonho em realidade. Sob sua liderança, a ALITA deu seus primeiros passos navegando pelos desafios iniciais e estabelecendo as fundações sobre as quais construímos a Casa de Adonias Filho, até hoje.

Seguiu-se a ele Sônia Maron, nossa segunda presidente, sob cuja liderança nossa academia testemunhou os eventos mais grandiosos e se firmou como um centro cultural em todo o estado da Bahia. Seu mandato não só viu a estreia da nossa revista *Guriatã*, mas também foi marcado por inúmeros lançamentos de livros que engrandeceram ainda mais nosso legado.

A terceira na sucessão foi Silmara Oliveira, que assumiu a ALITA durante os tempos desafiadores da pandemia. Foi sob sua gestão que adentramos, definitivamente, na era digital, criando nosso grupo de mensagens, realizando reuniões online e garantindo, assim, a continuidade da nossa missão cultural em meio às adversidades de tempos tão difíceis.

E então, tivemos Wilson Caitano, que, ainda recém-empossado, aceitou o peso da responsabilidade com dedicação e paciência, construindo sobre o sólido fundamento deixado por seus predecessores e, junto com Janete, mantendo a chama da literatura e da cultura sempre acesa.

Durante todos esses anos, participando de todas as diretorias tive a oportunidade de aprender com cada um deles. E não apenas com os presidentes, mas com cada um dos alitanos aos quais tenho a alegria de chamar de confrades e confreriras.

Ao longo desses mesmos anos, mantive conversas significativas com o escritor Cyro de Mattos que sempre me consultava sobre a possibilidade de, um dia, candidatar-me à presidência. Cyro, uma figura que sempre admirei e respeitei, cultivou em mim a semente plantada por Sônia com paciência bíblica. *“Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu.”* *Eclesiastes 3:1*

O encorajamento e respeito de Cyro de Mattos, o incentivo de vários confrades e confreiras e o apoio da minha família foram decisivos para que eu, finalmente, pudesse estar aqui hoje.

E eu não posso prosseguir com esse discurso sem agradecer à minha família, o verdadeiro alicerce da minha vida. Eles não são apenas minha base; são minha força em cada passo que dou. A eles devo tudo que sou.

Quero expressar minha gratidão a meu pai, cujo amor e sacrifício moldaram profundamente minha vida. Ele, que não hesitou em mudar de cidade, alterando toda a sua vida, para que suas filhas tivessem a oportunidade de estudar no Colégio Taylor Egídio, uma das escolas mais antigas e tradicionais da Bahia. Foi dentro dos muros daquela instituição centenária, em minhas horas de solidão, que descobri nos livros os meus melhores amigos

Agradecer à minha mãe, por priorizar todos os dias, meses e anos nossa educação no orçamento da família. Agradeço por todos os livros com os quais ela me presenteou.

Agradeço às minhas irmãs, Renata e Ruti, que estiveram ao meu lado em cada capítulo da vida, e que, pacientemente, me escutavam recontar as histórias que lia nos livros.

Agradeço às minhas filhas que cresceram acompanhando minha trajetória nesta academia. Comparecendo aos eventos, atuando como fotógrafas, carregadoras de cadeiras, de livros e do que mais se fizesse necessário. Sempre com sorrisos que iluminam meus dias.

E agradeço ao meu esposo, Wald Neto.

Desde o início da minha jornada nesta Academia de Letras, ele tem sido uma presença constante e um apoio incansável em tudo que realizei. Seu encorajamento, compreensão e amor inabaláveis foram fundamentais para que eu estivesse aqui hoje. Wald esteve ao meu lado em todos os momentos, celebrando minhas conquistas, compartilhando meus desafios. Ele é uma fonte constante de inspiração para mim,

e sou profundamente grata a Deus por tê-lo ao meu lado nesta jornada de vida. Nosso casamento é pautado no amor, na admiração e no apoio mútuos. Meu amor, sua força é minha força. Minha fé é sua fé.

Agradeço ao confrade Silvio Porto por tão sábias palavras proferidas na noite de hoje, tão em sintonia com os valores que acredito.

Alguns de vocês podem pensar que, depois de tantos anos refletindo sobre essa possibilidade, eu estaria aqui diante de todos completamente segura e serena. Mas a verdade é que ainda me sinto como me senti há mais de dez anos quando fui convidada pela primeira vez.

Recentemente reencontrei uma anotação antiga, um discurso de Theodore Roosevelt chamado "Cidadania em uma República", proferido na Universidade de Sorbonne, em Paris, no dia 23 de abril de 1910.

"Não é o crítico que importa

*Não é aquele que aponta como o homem forte tropeça,
Ou onde o realizador das ações poderia tê-las feito melhor.*

*O crédito pertence ao homem que está realmente na arena,
cujo rosto está manchado por poeira, suor e sangue;
Que se esforça valentemente;
Que erra,
Que falha repetidas vezes,
(porque não há esforço sem erro e falha)*

*Mas quem realmente se esforça para realizar as ações;
Quem conhece os grandes entusiasmos, as grandes devoções;
Quem se dedica a uma causa digna;
Que, na melhor das hipóteses, conhece, no final, o triunfo das
grandes realizações,
E que, na pior das hipóteses, se falhar, pelo menos falha enquanto ousa grandemente.
De modo que o seu lugar nunca será entre aquelas almas frias
e tímidas que não conhecem a vitória nem a derrota."*

Por isso me coloco na arena hoje, para combater o bom combate, para errar e acertar, mas, principalmente, para dar minha contribuição para essa causa, na qual acredito e amo.

Tenho uma crença inabalável no poder das artes: da poesia, da literatura, da música, do cinema. As artes têm o poder de transformar o mundo, mudar vidas e, acima de tudo, nos fazer seres humanos melhores.

É com esse espírito que assumo esta nova responsabilidade, disposta a trabalhar, junto com minha diretoria, incansavelmente para promover e defender nossa cultura, nosso legado, nossa história.

A verdade é que estou consciente dos desafios que estão por vir. O peso da responsabilidade é grande e as lides são muitas. Mas também estou confiante nas possibilidades que se abrem diante de nós.

E essa jornada só será possível mediante um trabalho em conjunto. Por isso expresse meus mais sinceros agradecimentos a esta diretoria que está sendo empossada junto comigo. Cada membro desta equipe traz consigo uma riqueza de experiência, capacidades e conhecimentos. Estou profundamente honrada pela confiança de cada um de vocês em trilhar essa jornada junto comigo. Unidos, enfrentaremos os desafios e celebraremos as conquistas, trabalhando com afinho, dedicação e harmonia para promover a literatura.

Prezados membros dessa nova Diretoria, que esta nova mesa diretora seja marcada por realizações significativas, por uma colaboração frutífera em prol de nossa missão. Mas, também, que nossa jornada seja sempre guiada pelo respeito mútuo e pela alegria de um trabalho feito com amor.

*“Nenhum homem é uma ilha, isolado em si mesmo;
Cada ser humano é uma parte do continente,
uma parte de um todo.
E por isso não pergunte por quem os sinos doam;
eles doam por ti”*

John Donne no poema Meditações, 17 de 1623.

Tudo tem o seu tempo determinado.

Enquanto escrevia esse discurso me entristecia por Sônia, que tanto me preparou, não estar mais entre nós. Mas as palavras de Santo Agostinho no poema “A morte não é nada” me vieram ao coração: “*O que eu era para vocês, eu continuarei sendo. Me deem o nome que vocês sempre me deram, falem comigo como vocês sempre fizeram.*”

Então, minha eterna gratidão a Cyro e Sônia. Pela fé, incentivo, confiança e amizade.

Finalizo com um trecho do nosso hino, de autoria de Cyro de Mattos:

*“Tudo vale, tudo anda, com Deus,
Que nos deu a razão e a emoção,
O sentido de viver com o amor.
Pra dizer o que vem do coração.”*

Que estejamos prontos para servir e aprender, honrando o legado dos que vieram antes de nós e preparando o caminho para os que virão depois.

E que Deus esteja conosco.

Gratidão.

(Discurso proferido em 20 de abril de 2024)

Discurso proferido nas comemorações do centenário da Santa Casa de Misericórdia de Itabuna, em janeiro de 2017

Silvio Porto de Oliveira*

"Nada é para sempre, dizemos, mas há momentos que parecem ficar suspensos, pairando sobre o fluir inexorável do tempo"

(José Saramago)

Calixto Midlej Filho, no leito de morte, profetizou: Silvio, um dia você será Provedor da Santa Casa. Pensei: o Estatuto da Instituição não permite isto.

Foi no ano de 1984. No ano de 2001, 17 anos depois, Edmar Margotto me chama e diz: Vou mudar o Estatuto da Santa Casa e você vai ser o Provedor.

Estava concretizada a profecia!

Calixto é uma unanimidade do Bem em Itabuna, na Santa Casa, e tudo que temos feito desde a sua morte, ainda é pouco para retribuímos o que devemos a ele.

* Silvio Porto de Oliveira, médico neurocirurgião, Ex-Provedor, Diretor Médico, Presidente da Fundação Centro de Estudos Professor Edgard Santos, Atual Membro do Conselho Deliberativo da Santa Casa de Itabuna, Presidente da Academia de Medicina de Itabuna, Membro Titular da Academia de Letras de Itabuna e Membro Titular do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. E-mail silvioporto1@uol.com.br

Sobre Calixto, escrevi: "05/07/1984 morre Calixto Midlej Filho, legítimo representante dos homens de bem desta terra, a melhor identidade dos homens que amam Itabuna, e grande responsável pelo engrandecimento da medicina da Santa Casa e de Itabuna".

Vai ser difícil imaginar a Santa Casa sem Calixto. Suas visitas matinais, cumprimentando médicos, enfermeiros, funcionários, operários, fiscalizando com minúcias e esmero as obras em curso.

O Centro de Estudos era a menina dos olhos de Calixto. Quase sempre no final das atividades na sexta-feira à noite, chegava ofegante, sempre com uma boa notícia para os hospitais.

Jamais seremos suficientemente gratos por tudo que você representou para a medicina de Itabuna. A sua lição de amor e fraternidade e de servir ao próximo, jamais será esquecida"

Manoel de Souza Chaves, escreveu:

Calixtinho, o benfeitor

"Levarás no esquife para os céus, a palma
Da grandeza mansa, da
Virtude austera
Realizou na vida, a perfeição
Da alma
Foi bondoso como a lua é calma
Foi um santo, sem saber que era".

Telmo Padilha, escreveu:

Súplica

"Senhor,
Este que queres levar contigo vai nos fazer muita falta.
Já são tão poucos os que fazem alguma coisa por nós!
Bem que poderias deixá-lo ficar um pouco mais,
Não apenas para concluir sua obra
Mas para vê-la crescer aos nossos olhos."

Ainda Telmo, em

Réquiem para Calixto Midlej Filho:

"Vejo-te no Mariano, o cafezinho
Fumegando; nos dedos, o cigarro
Em que te amparavas para sustentar a solidão
Do enigma itabunense, a voz ainda firme,
Vejo-te atendendo ao último enfermo
Que te procurou para um lugar a mais
Onde não havia lugar para um novo leito
Vejo-te dando lições a Hipócrates
Ao novel médico, ânimo ao saturado,
Vejo-te amparando os que ignoravam
Que também precisavas de amparo".

Selem Rachid escreveu

Calixto, Calixtinho:

"Eu era o palestrante convidado no Rotary, e como de costume, em tese, dei alfinetadas em nossos homens importantes, em nossos líderes.

E aí fiz uma exceção. Uma única exceção.

Falei que havia em toda região cacauzeira, uma só pessoa, um só líder, que fugia a essa armadilha, denúncia construída por mim, o Cavalete Cultural, na tentativa de explicar o porquê de uma pobre região rica".

Sobre Calixto, ainda o funcionário João Oliveira, da Consul, trabalhou 27 anos com ele, falou: "Foi meu pai. Um homem bom de tudo, caráter, integridade, amigo dos amigos".

Neste Centenário da SCMI quero render Graças a Deus pela oportunidade de conviver com muitas pessoas que fazem a diferença onde estão, aqui em nome de um Ser Humano ímpar. CALIXTO MIDLEJ FILHO - admirável Calixtinho, homenageio todas as pessoas que trilharam seus anseios humanitários.

Destaco a atuação digna e importante de dois gigantes da medicina de Itabuna e da Santa Casa, que estiveram todo o tempo ao lado de Calixto, dando todo apoio às suas iniciativas de modernização dos hospitais da Santa Casa. Os médicos João Otávio de Oliveira Macedo e Renato Borges da Costa.

No meu tempo de acadêmico e estagiando no Hospital Santa Cruz, atual Calixto, aprendi muito com os médicos da época que tive a honra de conviver.

Aprendi com Guilherme Belmiro de Matos, Clodoaldo Carvalho, Mário Peixoto, Orlando Matos, Raymundo Freire, John Leahy, Geraldo Moura e Silva, Galvão Filho, Júlio Brito, João Otávio, Arthur Almeida, Afonso Malta, Nilton Barros, Otília Moraes, Itamar Pitanga, Wilson Rosas, Renato Costa, Júlio Porto, Alberto Seixas, Amilton Gomes, João Antônio, Neudson Cunha, Antônio Menezes, Moacir Oliveira, Jacinto Cabral, Zina Macedo, Otávio Alves, Alberto Peregrino, Roberto Paulo Almeida, Ivan Argolo, que foi o primeiro neurocirurgião a trabalhar na instituição.

Tive o prazer de fazer parte de um grupo de acadêmicos que começou na década de 70 a frequentar os hospitais da Santa Casa, como Urandi Riella, Antônio Vieira, Waldemir Andrade Filho, Luiz Carlos Duarte, José Arcleide Magalhães, Dóris Reis, Álvaro Andrade, Luciano Peixoto, Ubiratan Riella, Josicelin, Eduardo Galvão, entre outros.

Convivi com religiosas admiráveis, como a Irmã Maria José, Irmã Almerina Moretti, Irmã Creuza, Irmã Irene e Irmã Zélia.

Tive a felicidade de conviver com Calixto Midlej Filho, o Provedor do século, e pessoas como Alcides Bezerra, Ottoni Silva, Anísio Torres, Renato Cunha, Eduardo Fontes, Raimundo Seixas, José Oduque, Alberto Lessa, Lício Fontes, José Orleans, Osvaldo Chaves, Geraldo Pedrassoli, Eduardo Paixão - Duduca, Clodoaldo Matta Virgem, Osmundo Teixeira, Ari Paranhos, Paulo "Popó" Reis, Carrilho e Gerino, entre outros.

À minha equipe da Provedoria, equipe médica, a minha homenagem, citando Eric Ettinger de Menezes, Urandi Riella, José Humberto Martins, José Antero, Arthur Almeida, Ramiro Aquino, José Lathyrer, Ruy Souza, Isaac Ribeiro, Silvane Chaves, John Leahy Filho, Álvaro Andrade, Ricardo Amaral, Ronaldo Garcia, Rosângela Melo, Emanuel Conrado e Afonso Malta.

Minha gratidão ao ex Provedor José Carlos Macedo, que me nomeou Diretor Médico em 1986.

A todos os funcionários com os quais também convivi, ao longo desse tempo, sempre em harmonia. Destaco como funcionários emblemáticos e puro sangue da Santa Casa: André, Edmilson, Tereza Araújo, Lourdão, Lourdes Alves, Mestre Ataíde, Cássia, do Centro Cirúrgico, Cácia, técnica de enfermagem, Jorge Pedra, Arnaldo Sales, Rose, do Novaes, José Sales, Jorge, Jarinalva, Clodoaldo, Renilda, Roseane, Normalice, Loiola, Márcia, Débora, Ivana (*in memoriam*), Mestre Aduino, Alberto "Paulo Isidoro", Heleno e Gel Takaci, em nome de vocês, saúdo todos os outros, não menos importantes.

Jamais esquecerei o compromisso e o amor demonstrados por abnegados funcionários que criaram um movimento vitorioso, chamado "Depende de Nós", idealizado por Romualdo, Hélder, Itamar, Lânia, Lourdão, Vitorinha, Roseane Sena, Sandra, Rodrigo Barros, Rose, Borba, Adriana Galvão, Adriana Castro, entre outros.

À irmandade desta Santa Casa, minha eterna gratidão, por me proporcionar a oportunidade única na minha vida, a de ter servido mais intensamente a esta Casa, ao permitir que eu pudesse ser Provedor, e incluir no meu curriculum este Título importante na minha carreira. Destaque especial ao meu amigo e ex Provedor Edmar Margotto, que me confiou a difícil tarefa de continuar o seu trabalho nesta Instituição.

Agradecer a Deus a oportunidade de conviver com médicos extraordinários e pessoas dedicadas que fizeram história na história desta Casa.

Cheguei à Santa Casa pelas mãos de Urandi Riella, outro gigante nesta história, que ao lado de Galvão Filho, iniciaram a Oncologia Cirúrgica, e depois Urandi implantou o serviço de Quimioterapia, que funciona até hoje.

Urandi foi Presidente do Centro de Estudos, Vice-Provedor, secretário da Provedoria, Chefe da Oncologia e Quimioterapia, primeiro interno da Santa Casa, e candidato natural ao cargo de Provedor, e que declinou por motivos pessoais.

Aos colegas que trabalharam na minha equipe, quando diretor, Jurandy Bezerra, Renê Andrade, Antônio Mangabeira, Mércia Margotto, Ricardo Kauark, Alair Castro, Fanny Reinel, Antônio Carlos Brito, Jurema Mendonça, John Leahy, Jaime César Nascimento.

Em nome de Jurema Mendonça, a minha homenagem pessoal a Antero, Daniel, Lúcia, Ivone, Thais, Jaime, Júlio César, Maristela Sousa, Samuel Granja, Carlos Campbel e Eliane Nascimento.

Momento marcante da minha gestão, em 2002, quando foi realizado o primeiro transplante renal da Santa Casa e do Sul, Sudoeste, e Extremo Sul da Bahia, no dia 26/10/2002, sendo a equipe médica de Itabuna composta por: João Correia, Fernando Cruz, Almir Nascimento, Neide Vinhático, Marcelo Araújo e Ruy Souza, diretor médico.

Outro momento importante foi a implantação do CACON – Centro de Alta Complexidade em Oncologia na Santa Casa, em 2003, contando com a presença de Galvão Filho, que deu nome ao novo Serviço. A participação da equipe Oncosul foi decisiva no projeto, tendo como Chefe do Serviço de Oncologia, Urandi Riella, Chefe da Radioterapia, Francisco Vieira, o secretário de saúde, Edson Dantas, diretor médico, Ruy Souza. Na solenidade de assinatura do ato em Brasília, além dos citados, ainda tivemos as presenças do Ministro da Saúde, Barjas Negri, o Secretário Executivo do Ministério da Saúde, Renilson Rehem, o diretor do INCA, Jacob Kliegerman, e o Sr. Humberto Riella que representou a Irmandade da Santa Casa no ato solene.

No Plansul, após uma assessoria especializada, implantamos um modelo de negócios compatível com as regras mercadológicas das operadoras de planos de saúde e contratamos o Dr. Carlos Benjamin Auad, experiente colega na gestão de operadoras e conhecedor das normas da ANS.

O Centro de Estudos, fundado pelo médico Renato Costa, em 1974, foi outra grande iniciativa deste grande médico da instituição, responsável por manter o nível de qualidade e a especialização dos médicos admitidos no Corpo Clínico. Grandes médicos foram importantes para manter a longevidade do mesmo, atuando como presidentes: Urandi Riella, Perivaldo Almeida, Ângela Setenta Ferreira, Célia Kalil Mangabeira, Wandick Rosa, Alair Castro, Augusto Lins, Almir Alexandrino, Antônio Rossi, Neide Vinhático e Marcelo Araújo.

Agradeço a Edimar e Paulo Bicalho a oportunidade de ser Presidente do Centro de Estudos, que na nossa gestão transformamos na Fundação, hoje conhecida como Funcepes.

Não posso esquecer o papel decisivo de Edmon Lucas, na pacificação da instituição e que resultou na eleição de outro grande provedor deste século, responsável pela aquisição do primeiro tomógrafo do interior da Bahia em 1988, e pelo início da alta complexidade nos hospitais da Santa Casa: estou falando do Grande Ailton de Melo Messias.

Grande médica que ao meu lado iniciou a alta complexidade em imagem da Santa Casa, minha homenagem a Maria Helena Andrade.

Outros grandes médicos da Santa Casa, que tive o prazer de conviver, foram brilhar em outras cidades, como Alberto Peregrino, que elevou o nome da Santa Casa em Congressos Nacionais e Internacionais, com publicação de trabalhos científicos em revistas de renome. Em Itabuna, fundamos com Prof. Spina França, a Sociedade de Neurologia Tropical do Brasil. Publicamos os clássicos trabalhos inéditos sobre Neurocisticercose e Esquistossomose Mansonii do SNC na Bahia.

Alberto teve um papel decisivo no êxito do primeiro congresso médico do cacau, O MAIOR EVENTO CIENTÍFICO JÁ REALIZADO EM ITABUNA – realizado no ano 1985.

Desde Alício Peltier de Queiroz, Galvão Filho, Alair Castro, Alberto Peregrino e atualmente Luís Jesuíno, a Santa Casa sempre teve seu nome agregado aos trabalhos científicos dos médicos citados.

José Aberlado Garcia de Meneses, outro itabunense de quatro costados, que também trouxe importante contribuição para Itabuna, e que ajudou a modernizar a anestesiologia de Itabuna, ao lado de Ubiratan Riella, Isaac Ribeiro, Lucídio Libório, Andrade Filho, Ângela Almeida, Telma Dantas e Antônio Gomes. Abelardo foi trabalhar em Salvador e galgou cargos importantes nas entidades médicas baianas e nacionais, com destaque para os cargos de Conselheiro Federal do órgão máximo da medicina brasileira, o nosso Conselho Federal de Medicina, Presidente do Conselho de Medicina da Bahia, com grande destaque também na Coopanest, Sociedade Baiana e Brasileira de Anestesiologia.

Na história mais recente, tive a oportunidade de conviver com pessoas do Bem e de grande futuro para Itabuna e para a Santa Casa, como Eric Ettinger Jr., Edmar Jr., Sílvio Roberto, Ronaldo Abude, Peter Deviris, Clóvis Aquino e Gláucio Mozer Carvalho.

Reconheço o grande trabalho de Dr. Lincoln Ferreira, como Diretor Médico, e mais recentemente, os trabalhos de Eric Ettinger de Menezes, José Renan de Oliveira e Almir Nascimento, na gestão da nossa instituição.

Minha homenagem aos meus colegas de especialidade, Carlos Porto, Antônio Roberto, Ademar Júnior, Jovinião Neto, Rogério Petillo e Francisco Kabrouk.

Por gratidão e reconhecimento, vou abrir espaço para uma homenagem pessoal ao meu colega e amigo Manoel dos Passos Galvão Filho, primeiro médico com pós graduação a chegar em Itabuna e trabalhar na Santa Casa na década de 1960,

e que foi um divisor de águas na medicina de Itabuna, dentro da minha contemporaneidade. A Bahia, Itabuna e a Santa Casa de Misericórdia de Itabuna devem uma justa homenagem a esse acreano, cuja história médica se confunde com a história da própria instituição.

A medicina contemporânea de Itabuna tem dois períodos: antes e depois de Galvão Filho. Galvão está no mesmo patamar de outro médico que marcou a nossa história, Alcício Peltier de Queiroz, em outro tempo.

Os médicos mais novos precisam saber da importância de Galvão para este momento que vivemos. Todos sabemos da história patrimonialista que sempre conduziu a prática médica na nossa região, e Galvão teve como missão principal resgatar o que ele chamava de os filhos da terra, para o exercício da medicina em Itabuna. Galvão, naqueles tempos difíceis, levou o nome da Santa Casa para o Brasil e para o mundo, participando de Congressos e treinamentos no exterior. É clássico o seu trabalho sobre prevenção do câncer ginecológico na região rural da zona cacauzeira.

Hoje, a alta complexidade, a oncologia, os transplantes renais, a cirurgia cardíaca, a hemodinâmica, a neurocirurgia, a cirurgia bariátrica, a Unidade Coronariana, a cirurgia videoendoscópica, entre outros, teve seu início quando Galvão introduziu a laparoscopia em nosso meio.

Meus amigos, ninguém tira frutos de raiz. Para se colher os frutos, tem que ter alguém para trazer a semente, semear em terreno fértil, cuidar da árvore e depois colher, e, às vezes, nem sempre quem colhe é o mesmo que plantou.

Galvão, você sempre foi um mestre para todos nós, médicos de sua geração, pela sua competência e pela grandiosidade de sua trajetória profissional.

Disse o poeta: “Amigo é coisa para se guardar no lado esquerdo do peito”, mas você, Galvão, eu guardo nos dois lados do peito. Galvão sempre incentivou os jovens médicos, e eu me incluo nesta lista.

Galvão, que o seu exemplo continue a inspirar os médicos e dirigentes desta Santa Casa. Que o seu exemplo seja fonte permanente da busca da excelência na saúde da nossa região.

Outra justa homenagem prestada nesta noite é para o Prefeito Fernando Gomes, que sempre nos seus governos teve um olhar benemérito para a instituição e sempre esteve ao nosso lado nos momentos de dificuldade.

Para terminar não poderia deixar de mencionar duas poesias, sobre a Santa Casa, de autoria de Cyro de Mattos e sobre a nossa querida cidade de Itabuna, de autoria de Valdelice Pinheiro, representantes dignos da cultura itabunense, que hoje tem duas Academias de Letras, onde despontam figuras como Cyro de Mattos, Sônia Maron, Sione Porto, João Otávio, Sérgio Habib, Raquel Rocha, Margarida Fahel, Carlos Passos, Gustavo Veloso, Tica Simões, Ruy Póvoas, Ceres Marylise, Marcos Bandeira, Lurdes Bertol, Jaime César, entre tantos outros, e que orgulham a nossa cidade.

Santa Casa de Misericórdia

“Era preciso um leito
na última agonia
Para curar e aliviar
era preciso um leito
Monsenhor Moysés Couto
sem hesitar dizia
Fez-se a planta
numa colina
Canto de um dia novo
andou na cidadezinha.
Santa Casa que clareia,
Santa Casa das dores.
Até hoje no leito
duelam a noite e o dia”.

(Cyro de Mattos)

Este chão sou eu

“No cemitério,
no chão puro,
no ar,
no tempo que passou,
em tudo,
aqui,
vive tudo de mim;
meu pai e minha mãe
sob uma legenda e flores,
os meus primeiros sons,
a primeira imagem
de meus pés andando por si só
e todos os meus olhos
se estirando
pelo verde dos cacaus abertos na mata
como um mar que desse frutos de ouro
e frutos de fome.
Aqui cresceram as minhas mãos
com ânsias de infinito e cheias de agonia.
Aqui nasceram e morreram
as minhas dores mais reais
e mais as ilusões de minhas alegrias.
Aqui eu aprendi o sentido da Paz,
a extensão do amor,
o quanto vale o homem
e de que tipo
de suor,
de força,
de coragem,
de doces e tristes coisas
é feita a vida.
Eu sou plantada neste chão.
Este chão sou eu.”

(Valdelice Pinheiro)

“Quem ama Itabuna, ama a Santa Casa de Itabuna”, certa feita foi dito pelo Senador da República e Ex-Governador da Bahia Antônio Carlos Magalhães.

Obrigado, Santa Casa! Obrigado, Itabuna!

Homenagem ao Patrono

Homenagem ao Patrono da Cadeira 13 – Plínio de Almeida*

Ruy do Carmo Póvoas
ajalah@uol.com.br

Saudações alitanas aos confrades e confradeiras aqui reunidos para mais um momento em que nos voltamos para a Arte, à busca de praticarmos a mão estendida por cima daquilo que nos faz diferentes.

Fui convidado pela confradeira Raquel, para fazer um pronunciamento a título de abertura deste nosso avento, abordando uma apreciação sobre Plínio de Almeida, patrono da cadeira 13, ora ocupada por mim.

De início, duas coisas precisam ser afirmadas. Não vou percorrer as vias da biografia, uma vez que não sou biógrafo. E ainda, desde que o professor Flávio Simões Costa, de saudosa memória, publicou um alentado volume, intitulado **Plínio de Almeida: obra reunida**, pela Editus, em 2009, tudo o que a partir de então se cogite dizer sobre Plínio de Almeida terá de se espelhar naquela publicação.

Pessoalmente, conheci Plínio de Almeida de perto, mas bem de perto mesmo. Fomos colegas de magistério durante anos no Colégio Divina Providência. E ainda posso perfeitamente me lembrar dos vários assuntos a que nos dávamos o direito de conversar. Era um tempo da maldição do governo militar.

* Fala proferida na abertura do Sarau da ALI. Itabuna, ago, 28, 2024.

Vivíamos todos com um pé atrás. Por isso mesmo, a nossa conversa só acontecia quando todos do colégio saíam e ficávamos nós dois na diretoria do colégio, que era um espaço onde também funcionava a secretaria.

O sofá vermelho era o nosso preferido e nele debatíamos conversas vermelhas também. Lindaura Brandão, de vez em quando, dava uma penada. Inúmeras vezes, Plínio e eu trocávamos textos de nossa produção. Muitas das opiniões de Plínio sobre poemas meus foram incorporadas ao meu primeiro livro, **Vocabulário da paixão**.

Plínio era cronista, articulista, poeta, pintor, orador primoroso. Por causa de seu domínio sobre a oratória, ficou conhecido pelo cognome de **Patativa grapiúna**. Era sempre convidado para os eventos formais, atos inaugurais, festejos cívicos, situações em que sua palavra fazia todos se calarem para ouvi-lo.

E foi no meio de um discurso que Plínio se foi, na antiga *Loja Itarte*, numa solenidade de inauguração da exposição de Cholo, um artista plástico peruano. Presenciei a partida do meu amigo que levou consigo pedaços de mim, mas deixou comigo fragmentos dele que até hoje me compõem.

É fácil, muito fácil mesmo, recolher os principais dados biográficos de Plínio de Almeida no livro de Flávio Simões. Para além disso, a referida obra, conforme explicita o próprio título, apresenta a maioria da produção poética de Plínio. Fica faltando, contudo, a produção em prosa.

Recentemente, em conversa com a senhora Cristiane Almeida, uma das oito filhas de Plínio, residente em Salvador, curadora da obra de seu pai, fui informado do riquíssimo cabedal por ela preservado e zelado até hoje. Disse-me que possui mais de mil crônicas produzidas por Plínio, além de uma vasta hemeroteca em recorte de jornais em que o pai colaborava semanalmente.

Disse-me mais e o que me disse, cito textualmente:

Professor, não tenho para quem deixar esse acervo. Apenas guardo e zelo, na esperança de que apareça alguém digno de tal tesouro. Olhe, o que eu guardo de fotos da época de meu pai, dos eventos dos quais ele participava é digno de apreço. Tem mais, Professor: há algum tempo, doe à Biblioteca Municipal de Itabuna, que tem o nome de meu pai, um acervo enorme de fotografias de nossa família e de lugares por onde meu pai andou. Não sei lhe dizer se conservaram, se ainda existe, ou não.

Há de perguntar, porém, quem foi o cidadão Plínio de Almeida. No já citado livro de Flávio Simões, são apontadas várias datas e vários eventos vividos por Plínio. Julgo interessante, para a nossa confraria, saber de alguns dados sobre ele. É claro que o ato de o tomarmos por patrono de uma de nossas cadeiras, isso já diz do nosso reconhecimento dos valores do poeta, prosador, professor e orador que Plínio foi.

Plínio não nasceu grapiúna. Ele era natural de Santo Amaro, cidade do Recôncavo baiano, em 9 de setembro de 1904. E já se vão 120 anos desde então. Lá viveu seus primeiros anos e lá estudou os primeiros cursos. Santo Amaro ficou pequeno para Plínio que já nasceu com asas destinadas a grandes voos. Partiu para a Europa a fim de se aprimorar em Belas Artes, curso no qual já era formado.

A Europa não pôde segurá-lo. Afinal, sua alma era genuinamente brasileira. Retornou para o Brasil e, em dezembro de 1927, casou-se com Etelvina e residiu em Jacobina. De tal união, nasceram 9 filhos: Cybele, Reynamor, Consuelo, Clícia, Cyntia, Ciane, Cristiane, Crisvalda e Cryzélia. Mudou-se depois, para Bonfim de Feira. Retornou a Santo Amaro e, finalmente, em 1951, fixou residência em Itabuna. Em 1959, fez parte do grupo de fundadores da Academia de Letras de Ilhéus, conforme consta em ata lavrada daquele acontecimento. Dez anos depois, nos conhecemos na antiga

Faculdade de Filosofia de Itabuna e nos fizemos colegas e amigos no Colégio Divina Providência.

Amargamos juntos a vigência dos anos de chumbo do famigerado regime militar. O que nos fazia preservar a sanidade mental era o nosso fazer literário, o gosto pelas artes, o zelo pela língua culta, a história universal. Para sempre, comigo, os momentos em que Flávio Simões, que costumava adentrar o colégio cantando hinos católicos – fazia isso a título de ironia – vinha juntar-se a Plínio e a mim, para nossas conversas particulares.

Vale também lembrar que Plínio e Flávio sempre tomaram gosto pelas lides políticas. Caminhos pelos quais eu nunca quis trilhar. Eu era líder estudantil da FAFI e caí no olho da Polícia Federal. Minha vida foi vasculhada, minha correspondência aberta nos Correios e minha frágil e modestíssima conta bancária foi vasculhada. São fatos arquivados na minha memória, dos quais pouquíssimas pessoas tomaram conhecimento. Flávio ainda foi preso, mas Plínio sabia navegar nas nuvens.

Ele foi vereador, Presidente da Câmara Municipal de Itabuna, instituição que lhe concedeu o título de Cidadão Itabunense. Em 26 de setembro de 1975, em pleno discurso de inauguração das obras de Cholo, Plínio se foi. E do alto do seu patronato, para além de tudo isso, Plínio vive conosco, no coração da ALITA, regendo a Cadeira 13, na qual vocês quiseram, um dia, que eu me sentasse nela.

Agradeço sinceramente a oportunidade de rememorar a caminhada que fiz ao lado de pessoa tão ilustre, o poeta Plínio de Almeida.

Itabuna, julho de 2004

Ruy Póvoas

Registros

**Palavras com alma:
posse dos novos membros da ALITA**



Na noite de 26 de outubro de 2023 aconteceu a solenidade de posse dos novos membros da Academia de Letras de Itabuna. Foi um evento verdadeiramente especial e inspirador.

Foram empossados: Eliabe Izabel Lima de Moraes, Sérgio José Campos Sepúlveda, Gustavo Cunha Carvalho e Rafael Gama Moreira. A noite celebrou não apenas a realização individual de cada novo membro, como também o compromisso coletivo com a preservação e promoção da língua e da cultura de toda a região sul baiana.

Cada um dos empossados trouxe consigo um legado de realizações e a paixão pela literatura e pela escrita. O evento foi aberto com os discursos do acadêmico presidente Wilson Caitano e da acadêmica Raquel Rocha, apresentando os novos membros. Os discursos dos empossados foram marcados por emoção, gratidão à família, homenagens aos patronos e leituras de trechos de obras literárias.

A solenidade foi uma celebração da história de vida de cada empossado, da riqueza da língua e da importância da literatura na nossa cultura para compreensão do mundo.

Os acadêmicos da ALITA se reuniram para aplaudir os novos membros, reconhecendo seus méritos e os desafios que enfrentaram. Eventos como esse são tributos à língua, à cultura e à literatura. Mais que isso: nos lembra da importância da palavra escrita e do poder das letras para nos conectar e nos inspirar.

Eliabe Izabel de Moraes - Cadeira 27 -
Patrono: Fernando Sales

Sérgio José Campos Sepúlveda - Cadeira 10 -
Patrona: Amélia Rodrigues

Gustavo Cunha Carvalho - Cadeira 19 -
Patrono: Aracyldo Marques

Rafael Gama Moreira - Cadeira 03 -
Patrono: Nestor Passos

Confraternização da Academia de Letras de Itabuna - 2023



No dia 04/12/2023 em noite repleta de calor humano, solidariedade e amizade, os membros da Academia de Letras de Itabuna se reuniram para o jantar de confraternização anual celebrando mais um ano de muitas realizações e união. O evento foi marcado por momentos de celebração, reflexão e fortalecimento dos laços de amizade.

Compareceram com seus familiares os acadêmicos: Ruy Póvoas, Clóvis Júnior, Raquel Rocha, Janete Ruiz, Joana Angélica, Silmara Oliveira e Charles Sá. Foi uma noite iluminada por risos, histórias e conversas animadas que se entrelaçaram trazendo e tecendo memórias.

Abertura do ano acadêmico de 2024



A solenidade de abertura dos trabalhos acadêmicos do ano de 2024 aconteceu em 5 de março no Centro Cultural Teosópolis e teve como momento especial a palestra proferida pelo acadêmico Alessandro Fernandes, reitor da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, que discorreu sobre o tema "A economia cacaueteira na obra de Jorge Amado".

Cerimônia de posse da nova diretoria da Academia de Letras de Itabuna para o biênio 2024 -2026



A Academia de Letras de Itabuna viveu momentos de grande emoção e celebração na noite de 20 de abril de 2024, durante a cerimônia de posse de sua nova Diretoria, realizada no Rotary Club Itabuna. O evento simbolizou o início de um novo capítulo para a instituição que se dedica à promoção e à preservação das letras e da cultura local.

A solenidade foi acompanhada pelo lançamento da quinta edição da revista *Guriatã* coordenada pelo seu diretor Charles Sá, e por uma tocante apresentação do Coral CEPLAC Os acadêmicos Wilson Caitano e Janete Ruiz Macedo, gestores do biênio 2022-2023, apresentaram os projetos, atividades e ações realizados por aquela diretoria. Durante a cerimônia foi feita uma homenagem ao escritor André Rosa, da Academia de Letras de Ilhéus, reconhecendo sua contribuição à literatura regional.

O presidente da Academia de Medicina de Itabuna e acadêmico da ALITA, Dr. Silvio Porto, fez um belíssimo discurso saudando a nova diretoria: “Raquel essa é a casa de todos os confrades e confreriras vivos da ALITA e mais, de Sônia Maron, de Delile Oliveira, de Adonias Filho, de Telmo Padilha,

de Firmino Rocha, de Valdelice Pinheiro, de Jorge Amado, de Carlos Eduardo Passos, de Maria Palma, de Gil Nunes Maia, de Sosígenes Costa, de Hélio Pólvora, entre outros gigantes da nossa Academia. Você sempre estará bem acompanhada, seja com exemplos ou boas lembranças.” E ressaltou a importância do compromisso assumido. “Você hoje assume um compromisso. Um compromisso de manter viva a arte e a cultura no sul da Bahia, na Bahia e no Brasil.”

Na sequência, a nova presidente, Raquel Rocha, junto com os outros membros da diretoria foram oficialmente empossados.

Durante seu discurso, Raquel Rocha agradeceu às gestões anteriores, à família e aos amigos, prestou tributo ao escritor Cyro de Mattos, presidente de honra da ALITA e a Sônia Carvalho de Almeida Maron, ex-presidente da academia que faleceu em 2021, destacando a importante contribuição de ambos em sua trajetória na Academia.

Em seu discurso, a escritora pontuou sua relação com as artes: “Tenho uma crença inabalável no poder das artes: da poesia, da literatura, da música, do cinema. As artes têm o poder de transformar o mundo, mudar vidas e, acima de tudo, nos fazer seres humanos melhores” e finalizou agradecendo à sua diretoria: “E essa jornada só será possível mediante um trabalho em conjunto. Por isso expresso meus mais sinceros agradecimentos à esta diretoria, que está sendo empossada junto comigo”

O evento não só reafirmou o compromisso da ALITA com as artes e a cultura, como também reforçou os laços comunitários através da literatura, proporcionando uma noite inesquecível para todos os presentes.

Diretoria para o biênio 2024-2026

Presidente - Raquel Silva Rocha

Vice-Presidente - Lurdes Bertol Rocha

1º. Secretária- Eliabe Moraes

2°. Secretária - Maria Luiza Nora de Andrade

1°. Tesoureiro - Gustavo Fernando Velôso Menezes

2°. Tesoureiro - Marcos Antônio Santos Bandeira

Diretor de Revista - Clóvis Silveira Góis Júnior

Diretor de Ações Culturais - Sérgio José Campos Sepúlveda

Diretor de Biblioteca - João Otávio Oliveira Macedo

Diretora de Arquivo - Heloísa Prata e Prazeres

Diretor de Comunicação Social e Marketing - Silvio Porto de Oliveira

Diretor de Projetos e Pesquisas - Gustavo Cunha Carvalho

Sucesso na estreia do “ALITA ENTRE VERSOS”



A Academia de Letras de Itabuna realizou com grande êxito a estreia do Projeto “ALITA ENTRE VERSOS” que consiste numa série apresentações de saraus literários online. Na noite do dia 17 de julho de 2024, o evento, transmitido ao vivo pelo canal do YouTube da instituição, reuniu uma audiência engajada,

com participantes de diversas regiões deixando comentários e interagindo em tempo real.

A abertura do I sarau foi marcada por uma homenagem a Ildásio Tavares, conduzida por Tica Simões. A sessão dedicada à Literatura Alitana encantou a todos com as performances de Baísa Nora recitando o poema “Para André Rosa”, Ruy Póvoas lendo “O Javali” e Marcos Bandeira apresentando “Passarinho” da acadêmica Ceres Marylise.

A seção de Autores de Livre Escolha foi igualmente envolvente, com Lurdes Bertol Rocha lendo “O trem de ferro” de Maria da Paz Jambeiro Costa, Gustavo Cunha recitando os poemas “A Doce Canção” e “Faisão Prateado” de Cecília Meireles, Clóvis Júnior apresentando “O menino das meias vermelhas” de Carlos Heitor Cony, Baísa Nora lendo “Sépia” de André Rosa e Raquel Rocha com a crônica “Banhos de Mar” de Clarice Lispector.

Os vídeos apresentados por Heloísa Prazeres, com o poema “Rimas 2ª Parte, Redondilha nº 106” de Luís de Camões, e Cyro de Mattos, recitando seu poema “Canga”, foram destaques, acrescentando dimensão visual ao evento.

O encerramento musical, com Sérgio Sepúlveda e Emerson Mozart cantando “Tanto voei pra encontrar você” à capela, foi o *grand finale* perfeito para a noite, deixando a audiência emocionada.

A presidente da ALITA, Raquel Rocha, conduziu o sarau interagindo com o público e destacando a importância da literatura e das artes na nossa sociedade. A audiência participou ativamente, deixando comentários elogiosos e expressando seu apreço pelas apresentações. Para Raquel: “*Esse tipo de evento é de suma importância, pois promove não apenas a literatura e as artes, como também rompe barreiras fortalecendo os laços culturais.*”

O público do sarau “ALITA ENTRE VERSOS” superou as expectativas, mostrando o poder das transmissões online em romper barreiras e unir amantes da literatura de diferentes lugares.

Com essa primeira edição de sucesso, a ALITA reafirma seu compromisso de promover a cultura e engajar a comunidade literária de forma inovadora e acessível.

A ALITA agradece a todos os que participaram e convida o público a continuar acompanhando os próximos eventos da série “ALITA ENTRE VERSOS”

Canal do Youtube:

<https://www.youtube.com/@academiadeletrasdeitabuna7332/videos>

Homenagem a Cyro de Mattos marca o 7º Encontro Amigos de Itabuna



No dia 27 de julho de 2024, nossa cidade foi apresentada com um evento marcante que reuniu um grande grupo de filhos apaixonados por essa terra: o 7º Encontro Amigos de Itabuna. Com o tema “Anos Rebeldes, 60/70 & Filhos”, o evento não só celebrou a efervescência dos anos 60, 70 e 80, mas também prestou uma homenagem especial ao renomado escritor Cyro de Mattos, membro fundador da Academia de Letras de Itabuna (ALITA) e seu presidente de honra.

O evento, coordenado pelo médico e, também, membro da ALITA, Silvio Porto, trouxe um clima nostálgico e vibrante, resgatando o espírito da época com shows da Banda Lordão, Banda Elétrica, Banda Semi Novos e DJ Djavan. A festa não apenas celebrou as memórias dos anos dourados, mas também comemorou os 114 anos de emancipação de Itabuna.

A homenagem a Cyro de Mattos foi um dos momentos mais emocionantes do evento. Com prêmios relevantes no Brasil e exterior, reconhecido por suas contribuições significativas para a literatura contemporânea, a obra de Cyro de Mattos é visceralmente brasileira, de escavação existencial sintonizada com o seu tempo, com uma vertente regional de alcance universal. Para Carlos Drummond de Andrade, suas histórias possuem muito de sentimento dramático da vida, e muita vivência brasileira, “são histórias que ficam na lembrança da gente.” E Jorge Amado salienta “que se trata de um autor que pisa chão verdadeiro, toca a carne e o sangue dos homens, entre sombras e abismos.”

Sílvio Porto, ao prestar a homenagem, destacou a importância de Cyro de Mattos na literatura e na cultura local e leu os dizeres da placa concedida: “*Cyro de Mattos, o maior escritor vivo da Bahia na atualidade, laureado com vários Prêmios e autor de obras que retratam com maestria a cultura e as nuances da sociedade sul baiana. Seu talento literário e contribuições significativas para a literatura brasileira o estabelecem como um ícone contemporâneo das letras baianas.*”

O escritor Cyro de Mattos mostrou-se comovido e muito alegre com a homenagem, e, em suas palavras, destacou que “homenagem que chega pelo coração de seus conterrâneos mexe com os meus sentimentos, se tivesse de escolher outra vez o lugar de meu nascimento seria o de minha querida Itabuna. Meus pais seriam os mesmos, seu Augusto e Dona Josefina, para compreendê-los mais, dar-lhes mais amor e agradecer por tudo que fizeram para que eu me tornasse gente.”

Lançamento do livro *Épica brasileira* de Sérgio Habib



O lançamento do livro “*Épica Brasileira*”, de Sérgio Habib, realizado no dia 30 de agosto de 2024, foi marcado um clima de reencontro, amizade e alegria. O evento que aconteceu no espaço do restaurante do Tarik Hotel, reuniu amigos do autor e admiradores de sua obra.

Entre os presentes, destacaram-se os membros da Academia de Letras de Itabuna: Silvio Porto, Ceres Marylise, Marcos Bandeira, Sione Porto, Silmara Oliveira, João Otávio Macedo, Gustavo Veloso e Raquel Rocha. Amigos de infância de Sérgio Habib também marcaram presença, proporcionando um clima de nostalgia e celebração.

O escritor Cyro de Mattos parabenizou o autor pelo seu mais novo livro: “Parabéns, amigo Sérgio, pelo brilhante lançamento de seu fecundo livro. Você é merecedor do sucesso sob vários aspectos. Quando indiquei seu nome para compor o corpo associativo da ALITA, estava certo de que trazia para nossas hostes um ícone da cultura grapiúna, baiana e brasileira. E uma academia que se preza precisa de ícones de seu calibre. Um abraço e mais êxito com o seu belo livro.”

A relevância de “*Épica Brasileira*” para a literatura brasileira anda de mãos dadas com orgulho das raízes de Habib,

um itabunense que, apesar de residir em Salvador, mantém um forte vínculo com sua terra natal. A obra, com mais de 10.000 versos, foi amplamente elogiada por sua profundidade e pela maneira como narra a história do Brasil, desde o descobrimento até a Semana de Arte Moderna.

Para a presidente da Academia de Letras de Itabuna, Raquel Rocha, Sérgio Habib é um autor cuja escrita é marcada por esmero, resultado de sua vasta bagagem literária e intelectual. “Cada verso de ‘*Épica Brasileira*’ reflete não apenas o domínio técnico, mas também o amor de Sérgio Habib pela literatura e pela história de nosso país.” Raquel também agradeceu ao autor: “Quero expressar minha gratidão por Sérgio ter escolhido Itabuna, sua terra natal, para lançar uma obra de tamanha relevância para a literatura nacional. Este gesto nos enche de orgulho e reforça o seu vínculo com a nossa cidade.”

O autor do livro também se manifestou: “Agradeço imensamente a todos pela presença no lançamento do livro e, igualmente, às inúmeras mensagens de carinho recebidas. Gostaria de deixar registrado o meu agradecimento especial à nossa Presidente, consóror Raquel (e à sua filha Mel, futura médica), a Sione e a Ceres, cujas gentilezas tanto acalentaram o meu espírito e aconchegaram o meu ser. Faltam-me palavras para expressar a minha satisfação, embora sobre-me uma extensa gratidão para reconhecer-lhes o empenho e a dedicação sem os quais o evento não teria alcançado tamanho êxito. Muito obrigado à nossa querida ALITA e ao querido povo da minha terra!”

II Sarau ALITA ENTRE VERSOS celebra cultura e literatura

A Academia de Letras de Itabuna - ALITA, realizou no dia 28 de agosto de 2024, o II Sarau ALITA ENTRE VERSOS, evento transmitido ao vivo pelo YouTube, celebrando mais uma vez

a literatura. A programação contou com uma série de apresentações literárias, homenagens e exibições de vídeos, destacando membros e patronos da ALITA e homenageando figuras marcantes da história da literatura. O evento foi uma oportunidade para reforçar o compromisso com a difusão literária e para homenagear figuras marcantes da história da literatura.



A abertura contou com Ruy Póvoas realizando uma exposição sobre Plínio de Almeida, importante figura da literatura regional. Em seguida, membros da ALITA compartilharam leituras de textos significativos: Sérgio Sepúlveda recitou o poema "Pássaros", de Cyro de Mattos; Joana Angélica trouxe o poema "Testamento", de Valdelice Pinheiro; Clóvis Junior apresentou a crônica "O menino e o cavalo que foi para o céu", de Euclides Neto; e Rafael Gama interpretou as canções "Canção para o Velho Chico" e "Apolo e a Lira", de sua própria autoria. Silmara Oliveira apresentou o poema "Dois de Novembro", de Marcos Luedy.

A noite contou também com apresentações de obras clássicas por autores convidados: Gustavo Cunha declamou "Ultimatum", de Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa e Marcos Bandeira recitou o "Soneto de Fidelidade", de Vinícius de Moraes.

Como complemento da programação, foram exibidos os vídeos "Boi de Infância", de Cyro de Mattos e "Eu queria ficar na tua memória", de Valdelice Pinheiro, recitado por Heloísa

Prazeres. O sarau foi encerrado com a música "O Bandolim", com letra de Cyro de Mattos e melodia de Lima Junior.

Exitoso, mais uma vez, o Sarau ALITA ENTRE VERSOS promoveu o intercâmbio cultural, valorizando a diversidade da produção literária local. O evento reafirmou a importância da literatura como uma ponte entre gerações e um espaço de encontro e reflexão, celebrando a riqueza do patrimônio literário grapiúna.

A Academia de Letras de Itabuna homenageia Renée Albagli e a Santa Casa de Misericórdia de Itabuna com a Medalha Jorge Amado



No dia 11 de outubro de 2024, a Academia de Letras de Itabuna realizou a primeira cerimônia de outorga da Medalha Jorge Amado, em uma tarde de reencontros e de emoção.

A medalha, concebida pelo escritor Cyro de Mattos e aprovada unanimemente pela Academia, foi outorgada à professora Renée Albagli e à Santa Casa de Misericórdia de Itabuna, em reconhecimento às suas valiosas contribuições. Renée Albagli foi homenageada por sua trajetória à frente da Universidade Estadual de Santa Cruz- UESC transformando o cenário educacional da região, enquanto a Santa Casa foi reconhecida por seus serviços centenários em saúde e assistência social.

Uma parte importante da história da UESC estava presente no auditório, com colegas que compartilharam momentos de trabalho e colaboração ao lado da professora Renée. Além das homenagens, o evento foi marcado por reencontros emocionantes entre amigos e parceiros de antigas jornadas, que juntos construíram marcos relevantes para a cidade e deixaram um legado importante.

O representante da Santa Casa de Misericórdia de Itabuna, André Wermann, também proferiu palavras de gratidão: *"Foi uma grande honra e responsabilidade representar a Santa Casa de Misericórdia de Itabuna na cerimônia de outorga da Medalha Jorge Amado, conferida pela ALITA. Em nome da Santa Casa, representando neste ato o Provedor Francisco Valdece Ferreira de Sousa; imbuído dos valores e do espírito daqueles que a fundaram e representando a todos que a fizeram e seguem fazendo-a cumprir o seu desígnio estatutário, manifesto nossa profunda gratidão à ALITA e, de forma distinta, ao Acadêmico Cyro de Mattos pela propositura do reconhecimento."*

A presidente da Academia, Raquel Rocha, emocionou os presentes com seu discurso, no qual destacou o significado profundo da medalha: *"A Medalha Jorge Amado é mais que uma homenagem, é uma honraria que carrega consigo o peso do compromisso com a formação da nossa identidade cultural. Jorge Amado transcendeu o papel de escritor, sendo um porta-voz da alma do nosso povo. Ao concedermos esta honraria, não apenas reverenciamos aqueles que têm feito a diferença, mas também inspiramos as futuras gerações a seguir o caminho do compromisso social e da transformação."*

Durante seu discurso, a professora Renée Albagli compartilhou o reconhecimento recebido com sua trajetória na UESC e ressaltou o papel transformador da educação: *"Quero também compartilhar este reconhecimento com a Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC, instituição a que dediquei muitos anos da minha vida."* Em suas palavras,

ela ressaltou a importância da instituição: *"A grandiosidade desta obra se eterniza como símbolo de esperança para as gerações sucessivas de jovens que buscam o conhecimento, como forma de autoafirmação e conquista de um futuro melhor."*

O evento inaugura uma tradição que se repetirá anualmente, sempre celebrando aqueles que contribuem para as artes, ciências e cultura. O encontro foi encerrado com um coquetel, onde os participantes puderam compartilhar histórias, reviver momentos e comemorar o sucesso da cerimônia.

Academia de Letras de Itabuna celebra inauguração da Biblioteca Sônia Maron na Escola Pio XII



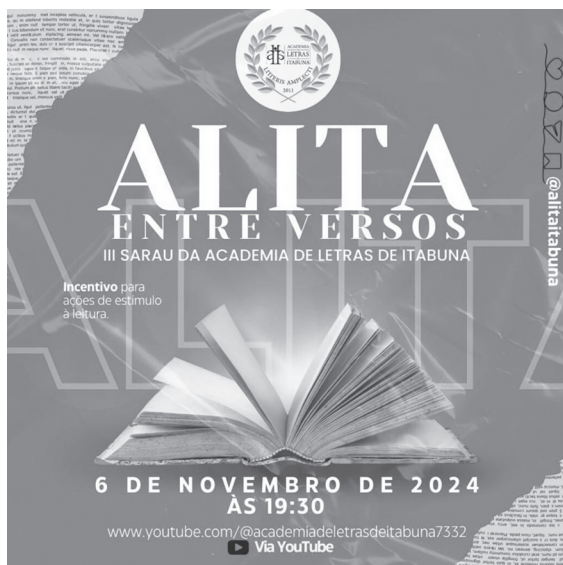
Na manhã do dia 22 de outubro de 2024, a Escola Pio XII realizou a inauguração da Biblioteca Sônia Maron, em uma cerimônia que começou às 07h com todos os alunos da escola cantando o Hino Nacional. O evento, repleto de emoção, contou com a presença da diretora da escola e acadêmica Eliabe Izabel de Moraes, e teve como destaque o hasteamento da bandeira realizado pela presidente da Academia de Letras de Itabuna, Raquel Rocha e pelos familiares de Sônia Maron, que também participaram da homenagem.

Sônia Maron, que presidiu a Academia de Letras de Itabuna de 2013 a 2017 e faleceu em 21 de dezembro de 2021, foi uma figura fundamental para o desenvolvimento cultural e literário da cidade e para o engrandecimento da Academia. A biblioteca, inaugurada em sua memória, representa um tributo ao seu legado.

A presidente da ALITA, Raquel Rocha, acompanhou a cerimônia ao lado dos filhos de Sônia Maron, Otávio César e Ana Carla, e do neto José Ricardo. O acadêmico Wilson Caitano, coordenador da Escola Pio XII, também esteve presente no evento.

A Escola Pio XII foi o local da primeira Roda de Leitura da Academia, realizada em 2017 e esta homenagem é resultado de uma relação de carinho e respeito entre as duas instituições.

III Sarau ALITA ENTRE VERSOS homenageia Gil Nunesmaia



Na noite de 6 de novembro de 2024, a Academia de Letras de Itabuna realizou o III Sarau ALITA ENTRE VERSOS, evento virtual que reuniu escritores, poetas e admiradores da literatura em momento de especial celebração. Com transmissão ao vivo pelo YouTube, o sarau proporcionou

ao público uma noite rica em apresentações literárias, homenagens a figuras de destaque e exibições de vídeos.

A abertura foi marcada pela homenagem ao patrono da acadêmica Margarida Fahel, Gil Nunesmaia, conduzida pela própria, que destacou a importância e detalhes da contribuição cultural regional do mesmo. Na sequência, a sessão “Literatura Alitana” trouxe à tona as produções de membros e patronos da ALITA. Clóvis Júnior emocionou com a crônica “Rio Cachoeira”, de Cyro de Mattos, e Lurdes Bertol apresentou a obra “Ser cidadão num lugar”, de Milton Santos. Ruy Póvoas trouxe o conto “A floreira de Nicole”; Ceres Marylise declamou o poema “Num entardecer qualquer”; Gustavo Cunha compartilhou “Coisas da vida (ou de novo o homem nu)”; e Sérgio Habib encantou a todos com “Ode ao Rio Cachoeira” de sua autoria.

Na seleção livre de textos, Raquel Rocha leu “Para além da curva da estrada”, de Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa, e Eliabe Moraes apresentou “Cantos do pássaro encantado”, de Rubem Alves. Para encerrar, um vídeo especial trouxe um poema de Cyro de Mattos musicado por Lima Junior, finalizando a noite com a combinação de poesia e música.



NOTA DE REPÚDIO

A Academia de Letras de Itabuna-ALITA vem a público repudiar o ato violento e inaceitável cometido no dia 19 de outubro de 2024, contra o patrimônio cultural de nossa cidade, com a demolição do sobrado do Comendador Firmino Alves.

A Constituição brasileira, no seu Art. 216, assim expressa “Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, {...} e no § 4º afirma “Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei”.

É fundamental que este fato seja objeto de investigação e de severa punição não somente aos que cometeram o ato, mas também aos que se omitiram.

Itabuna, Bahia, 23 de outubro de 2024.
Academia de Letras de Itabuna



ACADEMIA DE LETRAS DE ITABUNA
PORTARIA N.º 03 / 2024

DISPÕE SOBRE A CRIAÇÃO DA COMISSÃO
"ALITA EM AÇÃO" PARA PRESERVAÇÃO DO
PATRIMÔNIO HISTÓRICO-CULTURAL DE
ITABUNA.

A Presidente da Academia de Letras de Itabuna, Raquel Silva Rocha, no uso de suas atribuições legais e regimentais, e considerando a importância da preservação e valorização do patrimônio histórico-cultural do município de Itabuna,

RESOLVE:

Art. 1º - Fica criada a Comissão "ALITA EM AÇÃO", com a finalidade de promover e desenvolver ações para a preservação do patrimônio histórico-cultural itabunense.

Art. 2º - A Comissão será composta pelos seguintes membros:

- Sérgio Alexandre Meneses Habib
- Cyro Pereira de Mattos
- Janete Ruiz de Macedo
- Silmara Santos Oliveira

- Marcos Antônio Bandeira
- Clóvis Silveira Góis Júnior
- Lurdes Bertol Rocha

Art. 3º - Compete à Comissão "ALITA em Ação":

I - Planejar e implementar atividades voltadas à proteção e valorização do patrimônio histórico-cultural de Itabuna;

II - Promover campanhas de conscientização sobre a importância do patrimônio histórico-cultural local;

III - Redigir manifestos de desagravo ou notas de repúdio, sempre que ações ou omissões venham a ameaçar o patrimônio histórico-cultural de Itabuna;

IV- Colaborar com órgãos públicos e privados, bem como com a sociedade civil, em projetos de preservação e difusão da cultura e história de Itabuna;

V- Adotar, sempre que necessário, as medidas judiciais cabíveis junto ao Ministério Público para a defesa do patrimônio histórico-cultural de Itabuna;

Art. 4º - A Comissão "ALITA em Ação" terá duração de dois anos, podendo ser prorrogada a critério da Presidência da ALITA.

Art. 5º - Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

Itabuna, 28 de outubro de 2024.

Raquel Rocha

Presidente da Academia de Letras de Itabuna

Quadro Social da Academia de Letras de Itabuna

Quadro Social da Academia de Letras de Itabuna 2022 - 2024

Cad.	Acadêmico	Patrono
01	Marcos Antonio Santos Bandeira	Ruy Barbosa
02	Silmara Santos Oliveira	Sosígenes Costa
03	Rafael Gama Moreira	Nestor Passos
04		Helena Borborema
05	Cyro Pereira de Mattos	Jorge Amado
06	Lurdes Bertol Rocha	Milton Santos
07	Sione Maria Porto de Oliveira	Telmo Padilha
08	Maria Luiza Nora de Andrade	Euclides Neto
09	Rilvan Batista de Santana	Walker Luna
10	Sérgio José Santos Sepúlveda	Amélia Rodrigues
11	Marialda Jovita Silveira	Minelvino Francisco da Silva
12	Antônio Laranjeira Barbosa	Afrânio Peixoto
13	Ruy do Carmo Póvoas	Plínio de Almeida
14	Heloísa Prata e Prazeres	Valdelice Soares Pinheiro

15	Gustavo Fernando Veloso Menezes	José Haroldo de Castro Vieira
16	Ceres Marylise Rebouças de Souza	Abel Pereira
17	Joana Angélica Guimarães da Luz	Machado de Assis
18	Raimunda Alves Moreira de Assis	Anísio Teixeira
19	Gustavo Cunha Carvalho	Aracyldo Marques
20	Renato de Oliveira Prata	Ariston Caldas
21	Wilson Caitano de Jesus Filho	Augusto Mário Ferreira
22	Aleilton Santana da Fonseca	Castro Alves
23	Carlos Válder do Nascimento	Sabóia Ribeiro
24	Celina Santos Silva	Clodomir Xavier de Oliveira
25	Raquel Silva Rocha	Elvira Shaun Foepfel
26	Jorge Luiz Batista dos Santos	Fernando Leite Mendes
27	Eliabe Izabel Lima de Moraes	Fernando Sales
28	Sílvio Porto de Oliveira	Firmino Rocha
29	Margarida Cordeiro Fahel	Gil Nunesmaia
30	João Otávio Oliveira Macedo	Hélio Nunes
31	Maria de Lourdes Netto Simões	Ildásio Tavares
32	Sérgio Alexandre Menezes Habib	Itazil Benício
33	Alessandro Fernandes de Santana	João da Silva Campos

34	Clóvis Silveira Gois Júnior	Jorge Calmon
35	Reheniglei Rehem	Jorge Medauar
36	Maria Rita Coelho Dantas	José Bastos
37	Gideon Alves Rosa	Luiz Gama
38	Naomar Monteiro de Almeida Filho	Manuel Sampaio Lins
39	Janete Ruiz de Macedo	Manoel Fogueira
40	Charles Nascimento de Sá	Natan Coutinho

Esta revista foi composta nas tipologias:
Calibri e DejaVu Serif